

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

EDUARDO AMARAL GURGEL

A PEDAGOGIA DO JORNALISMO NA TEORIA E PRÁTICA DE  
LUIZ BELTRÃO

SÃO BERNARDO DO CAMPO, SP  
2012

EDUARDO AMARAL GURGEL

A PEDAGOGIA DO JORNALISMO NA TEORIA E PRÁTICA DE  
LUIZ BELTRÃO

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre.  
Orientador: Prof. Dr. José Marques de Melo.

SÃO BERNARDO DO CAMPO, SP  
2012

## FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação de mestrado sob o título “A pedagogia do jornalismo na teoria e prática de Luiz Beltrão”, elaborada por Eduardo Amaral Gurgel foi defendida em 05 de dezembro de 2012, perante a banca composta por: Cicilia Maria Kroling Peruzzo (titular – UMESP); José Marques de Melo (titular – UMESP) e Roseméri Laurindo (titular – FURB), foi:

- Reprovada
- Aprovada, mas deve incorporar nos exemplares definitivos modificações sugeridas pela banca examinadora, até 60 (sessenta) dias a contar da data da defesa.
- Aprovada
- Aprovada com louvor

Banca Examinadora composta por:

---

Prof. Dr. José Marques de Melo (Presidente/UMESP)

---

Profa. Dra. Cicilia Maria Kroling Peruzzo (Titular/UMESP)

---

Profa. Dra. Roseméri Laurindo (Titular/FURB)

Programa: Pós-Graduação em Comunicação Social  
Área de Concentração: Processos Comunicacionais  
Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais Midiáticos

*À minha mãe Irene,  
Com amor.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Jesus, meu Senhor e meu Deus, pela vida;

À minha mãe Irene Luiza Ribeiro Gurgel, pelo amor incondicional, pela educação e apoio. É meu sustentáculo, minha inspiração e o exemplo a seguir;

À Lígia Mara Favaro Val, pelo companheirismo, apoio e amor;

Aos meus irmãos, Armando e Anselmo, pelo convívio fraternal;

Às minhas sobrinhas Nayara, Amanda, Juliana, Mariana e meu sobrinho Iroã, pelo ânimo da juventude;

Ao Fabiano e aos pequenos Luiz Gustavo e Pedrinho, pela alegria renovada na casa materna;

Aos amigos de sempre Rogério Mola Zanata, Paulo Preto Gonçalves Dias, Valter Uruka Rodrigues, Antônio Sapo Peliçari, por uma vida de amizade e respeito;

Aos meus amigos João Lino e Vera, Vanderlei e Cida Filó, pela amizade e companheirismo;

Ao meu orientador professor José Marques de Melo, pela oportunidade ímpar de crescer como ser humano;

Ao mestre Sérgio Barbosa – Sebar – pela providencial ajuda nos caminhos da academia e da vida, desde a província para o mundo;

À Melissa Cabral, pelos esclarecimentos;

Às professoras Cicilia Peruzzo, Magali Cunha, Elizabeth Gonçalves, Marli dos Santos e Rosemeri Laurindo, pela convivência e aprendizado;

Aos professores Laan Mendes de Barros e Jorge González pelo conhecimento e generosidade;

À Rônia Barbosa, pela amizade e providencial ajuda;

Ao amigo Orlando Berti, pelo incentivo e apoio;

A todos os colegas e funcionários da Universidade Metodista de São Paulo;

À Universidade Metodista de São Paulo;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p 16.

## RESUMO

O trabalho descreve e analisa a trajetória de Luiz Beltrão como um dos pioneiros do ensino do jornalismo no Brasil, pesquisando sua metodologia didático-pedagógica. O objetivo é revelar e caracterizar a constituição da pedagogia da comunicação de Luiz Beltrão voltada para o ensino do jornalismo por meio de sua obra e suas ações. Apresenta em sua bibliografia midiológica livros que são verdadeiros manuais para o ensino do jornalismo. Para a realização deste estudo utilizou-se como aportes metodológicos a pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, além de reconstruções históricas no intuito de coligir dados e qualificar informações. O resultado da pesquisa revela que Luiz Beltrão forjou uma sólida pedagogia voltada para o ensino do jornalismo. Conclui que sua ação pedagógica foi de fundamental importância para a sistematização do ensino do jornalismo contribuindo assim para a produção do saber comunicacional no Brasil.

**Palavras-chave:** Comunicação; jornalismo; ensino; pedagogia; Luiz Beltrão.

## **ABSTRACT**

The work describes and analyzes the trajectory of Luiz Beltrão as one of the pioneers of the teaching of the journalism in Brazil, searching his didactic-pedagogic methodology. The goal is to reveal and characterize the constitution of the pedagogy of the communication by Luiz Beltrão made for the teaching of the journalism with his work and actions. It is presented in his bibliographic bibliography, books which are truly manuals to the teaching of the journalism. For the achievement of this learning, it was used as methodology supports, the bibliographic search and documentary search, moreover, historic reconstructions with the intention of gathering data and qualifying information. The result of the search reveals that Luiz Beltrão forged a solid pedagogy made for the teaching of the journalism. It is concluded that his pedagogic action had an essential importance to the adjustment of the teaching of the journalism contributing to the production of the communication knowledge in Brazil.

**Key-words:** Communication; Journalism; teaching; pedagogy; Luiz Beltrão.



## **RESUMEN**

El documento describe y analiza la historia de Luiz Beltrão como uno de los pioneros de la enseñanza del periodismo en Brasil, bien como la investigación de su metodología didáctica y pedagógica. El objetivo es dar a conocer y caracterizar la constitución de la pedagogía de la enseñanza del periodismo de la comunicación de Luiz Beltrão y orientación a través de sus trabajo y sus acciones. Regalos para su bibliografía libros midiológica que son verdaderos manuales para la enseñanza de periodismo. Para esa investigación se utilizó cómo referenciales metodológicos la investigación bibliográfica y documental, y reconstrucciones en la história con el fin de recopilar datos y clasificar la información. El resultado de la investigación muestra Luiz Beltrão forjado en una sólida pedagogía centrada en la enseñanza del periodismo. Concluyó que su acción pedagógica es fundamental en la sistematización de la enseñanza del periodismo, contribuyendo así a la producción de conocimiento de la Comunicación en Brasil.

**Palabras-clave:** Comunicación, periodismo, enseñanza, pedagogía, Luis Beltrão.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – O ENSINO DE JORNALISMO NO BRASIL.....	15
1 – Contexto histórico do ensino de jornalismo.....	15
2 – A importância do ensino do Jornalismo.....	18
3 – O ensino do Jornalismo: raízes europeias.....	20
4 – O ensino do Jornalismo nos Estados Unidos.....	21
5 – O ensino do Jornalismo no Brasil.....	23
CAPÍTULO II – LUIZ BELTRÃO: UMA VIDA DEDICADA AO JORNALISMO.....	31
CAPÍTULO III – A PEDAGOGIA DO JORNALISMO DE LUIZ BELTRÃO.....	37
1 – Pedagogia de Luiz Beltrão para o ensino do Jornalismo.....	37
2 – O conceito de Pedagogia.....	40
3 – O contexto social.....	42
4 – Base pedagógica na obra “Iniciação à Filosofia do Jornalismo.....	44
5 – Início da prática pedagógica nos cursos de Jornalismo.....	54
6 – A Pedagogia de Luiz Beltrão nas aulas da Unicap.....	60
7 – Pedagogia de Luiz Beltrão no Ciespal.....	70
8 – ICINFORM – Pioneirismo na Pesquisa.....	90
9 – A Folkcomunicação como ferramenta pedagógica.....	92
10 – Manuais didático-pedagógicos.....	97
11 – Facetas pedagógicas na UnB.....	99
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS.....	106

## INTRODUÇÃO

Desde as primeiras iniciativas na Europa, mais precisamente em países como a Alemanha, França e Suíça entre os séculos XVII e XIX, passando pela institucionalização do jornalismo como campo universitário nos Estados Unidos do século XX, até os dias atuais, no Brasil e no mundo, especialistas ainda pelem para delinear e sedimentar uma Pedagogia do Ensino do Jornalismo. O assunto continua mais que desafiador principalmente pela complexidade da temática e das perspectivas de soluções frente a uma área do conhecimento tão dinâmica.

Os cursos foram criados para atender a demanda do campo da comunicação e preparar pessoas aptas a manipular a informação. O jornalista é visto como o profissional que trabalha para noticiar, informar e, se possível, formar, daí a necessidade premente de uma formação de qualidade e de aparatos para tal.

Os primeiros cursos de jornalismo no Brasil seguiram duas correntes: o profissionalismo treinado na academia dos Estados Unidos e o ideal humanista europeu.

Antes dos cursos, a formação dos profissionais da área era no batente das empresas, na prática diária oferecida pelos jornalistas de ofício mais experientes.

Os modelos forâneos de ensino do jornalismo foram, de certa forma, assimilados pelas instituições pioneiras do Brasil nas décadas de 40 e 50 do Século XX.

O pragmatismo norte-americano e o academicismo europeu serão decisivos na formulação de uma pedagogia para o ensino do jornalismo brasileiro. Cada qual e, a seu tempo, foi importante para a conformação dos currículos dos cursos de jornalismo e para o campo da Comunicação Social.

Ainda que tardiamente, os cursos de jornalismo pioneiros do Brasil também seguiram a tendência da revolução industrial e a crescente demanda dos setores emergentes da comunicação.

Questões de ordem sócio-política e cultural determinaram os rumos do ensino do jornalismo em nível universitário. As primeiras tentativas de criação de cursos de jornalismo foram frustradas seja pela incipiência dos projetos ou pelo regime político vigente. O mesmo governo que outrora fora contrário à demanda, anos mais tarde, criaria o primeiro curso superior de jornalismo, porém, demoraria mais nove anos para determinar suas diretrizes pedagógicas.

Mesmo antes da oficialização dos cursos, ideias pioneiras voltadas para o ensino do jornalismo como as da Associação Brasileira de Imprensa – ABI – já trabalhavam a questão de uma pedagogia voltada para o campo.

Das iniciativas pioneiras ao funcionamento efetivo dos primeiros cursos, debruçaram-se sobre a elaboração de uma pedagogia para o ensino do jornalismo figuras paradigmáticas da área como Barbosa Lima Sobrinho, Gustavo de Lacerda, Anísio Teixeira, Carlos Rizzini, Danton Jobim, Luiz Beltrão entre outros.

No princípio, os cursos eram vinculados às áreas de Letras e Filosofia. A falta de tradição acadêmica devido ao caráter recente dos cursos colaborava com a ausência de uma pedagogia própria para a área.

A obrigatoriedade de um currículo mínimo instituído a partir do ano de 1962 pelo Ministério da Educação – MEC – para o ensino superior de Comunicação Social foi também fator decisivo nos rumos de uma pedagogia do ensino de jornalismo. Após a extinção dos currículos mínimos, o MEC instituiu as Diretrizes Curriculares que também determinam linhas vetoriais das abordagens pedagógicas do jornalismo.

O caráter mutante da comunicação e do jornalismo dita, dia a dia, novas tendências profissionais e pedagógicas que influenciam o processo de ensino/aprendizagem.

Influências políticas, culturais, tecnológicas, mercadológicas entre outras também são fatores que podem influenciar o delineamento das diretrizes didático-pedagógicas que, desde os primórdios, até os dias atuais, regem os cursos de jornalismo nas universidades brasileiras.

O estudo da comunicação, no caso em particular do ensino do jornalismo está imbricado com o percurso diacrônico da sociedade brasileira do século XX.

É defendendo o pleno desenvolvimento do Brasil que encontramos a figura paradigmática do professor pernambucano Luiz Beltrão de Andrade Lima.

Luiz Beltrão acreditou e defendeu a comunicação como fator determinante para o desenvolvimento de uma nação. Por conta dessa convicção e notando que faltava um melhor preparo aos jornalistas brasileiros, Luiz Beltrão, na década de 1950, inicia sua luta em defesa do ensino de jornalismo. Com o intuito de preparar profissionais, Beltrão, de jornalista do batente, fez-se professor formulando uma pedagogia própria voltada ao ensino do jornalismo.

Para dissertar sobre a Pedagogia do Ensino de Jornalismo de Luiz Beltrão traça-se neste estudo um caminho histórico necessário à elucidação do arcabouço teórico-metodológico deixado pelo mestre para as gerações futuras de comunicadores. Sua obra composta de livros, apostilas, documentos e cartas, é a base que norteia a primeira parte metodológica do trabalho, principalmente na vertente pedagógica de Luiz Beltrão.

A opção por um caminho histórico da vida de Luiz Beltrão onde pensamento e ação transformam-se em teoria e prática do jornalismo é pela escolha metodológica da historicização para um pensamento e discussão atual da temática.

Ao longo do tempo, pesquisadores se debruçaram em pesquisas as mais diversas sobre vida e obra de Luiz Beltrão, principalmente voltadas às Teorias da Comunicação e do Jornalismo. Especificamente, há uma gama de estudos abordando sua Teoria da Folkcomunicação, considerada como a primeira Teoria da Comunicação genuinamente brasileira. A Rede Folkcom – Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação que congrega pesquisadores busca o desenvolvimento de atividades ligadas a Folkcomunicação.

Porém, até o momento, não há um estudo sistemático acadêmico sobre a Pedagogia do Ensino do Jornalismo de Luiz Beltrão. Um dos continuadores de sua obra, José Marques de Melo, relata que a pedagogia do Ensino de Luiz Beltrão encontra-se escondida nas entrelinhas de sua obra e ainda por ser sistematizada. Essa termina sendo uma das grandes justificativas deste trabalho de mestrado.

A tarefa aqui é fazer um balanço da Pedagogia do Ensino de Jornalismo de Luiz Beltrão dentro de uma perspectiva histórica. A pretensão de tecer um “inventário” desta pedagogia perpassa por pressupostos teórico-metodológicos do jornalismo na obra beltraniana. Neste aspecto procura-se então revelar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, descrita e, logo após, ratificada na prática por Beltrão.

Para revelar a pedagogia do jornalismo de Luiz Beltrão tem-se então que desvendar a luta que ele travou para ensinar um jornalismo que acreditava ser uma ferramenta de transformação social. Neste ponto começa a ser elucidado o problema da pesquisa: onde está e como se caracteriza o que se chama de pedagogia do jornalismo de Luiz Beltrão?

O caminho para se responder a essa pergunta está claro no objetivo geral que é revelar a Pedagogia do Ensino do Jornalismo estruturada por Luiz Beltrão por meio de sua vida e obra. Para tanto é preciso recorrer aos objetivos específicos deste trabalho que pretendem:

(1) mapear o pensamento pedagógico de Luiz Beltrão; (2) localizar e caracterizar em sua obra e suas ações contributos para uma pedagogia voltada para o ensino do jornalismo; (3) sistematizar a Pedagogia do Ensino do Jornalismo de Luiz Beltrão. (4) avaliar a contribuição de Luiz Beltrão para a geração de conhecimento na área do jornalismo e o que efetivamente ficou desta contribuição.

Ao analisar o pensamento pedagógico de Luiz Beltrão, a pesquisa busca verificar se houve êxito em suas experiências no processo educacional do jornalismo. Quiçá, permitir com

as reflexões propostas por Beltrão, suscitar contribuições para o debate das problemáticas do presente.

A pesquisa sobre a pedagogia de ensino do jornalismo é importante primeiro para a organização, sistematização e difusão do legado de Luiz Beltrão para o ensino superior. Estudar a ação pedagógica beltraniana, como ela foi elaborada é importante para compreender o conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução por ele utilizados que contribuíram com o campo comunicacional.

Em 2009, uma comissão formada por especialistas convocada pelo Ministério da Educação entregou um relatório final propondo mudanças curriculares nos cursos de Jornalismo. Conforme o relato de José Marques de Melo, presidente da Comissão de Especialistas, Luiz Beltrão empreendeu esforço na construção de uma pedagogia brasileira de jornalismo. Propostas de Diretrizes curriculares como promover a integração teoria e prática, entre outras, coadunam com os conceitos formulados na década de 1960 por Luiz Beltrão. Se adotadas, seriam grandes contribuições à Pedagogia do Jornalismo. Já se passaram três anos da entrega do relatório e ele continua engavetado. Diante desta situação verifica-se que, há mais de 80 anos, a educação dos jornalistas desafia a sociedade brasileira.

Faz-se premente que as ideias concebidas por Beltrão como um dos pioneiros do ensino do jornalismo no Nordeste e, também, do Brasil, sejam postas à luz do entendimento das novas gerações que não desfrutaram de seu convívio.

Metodologicamente optou-se por uma pesquisa qualitativa, principalmente pela natureza do objeto a ser pesquisado. Também, no percurso metodológico foram feitas pesquisas bibliográficas e documentais, via as principais referências sobre a temática, recolhendo-se quase que totalmente a bibliografia beltraniana e seus discípulos e impulsionadores no sentido de compreender melhor os pensamentos desse teórico.

Utilizou-se também o método da reconstrução histórica, como destaca Richard Romancini (2010, p.23-41) em que determinado fato histórico é recontado e reconstruído justamente para um entendimento comunicacional e histórico dos fatos. Esse método balizou os três capítulos da dissertação.

O primeiro dos capítulos (*O ensino de jornalismo no Brasil*) trabalha cinco subcapítulos abordando a contextualização e historicização do ensino de Jornalismo, além de mostrar a importância do ensino dessa área em território brasileiro. Em um momento intermediário e conclusivo são trazidos para fins de comparação os modelos de ensino de Jornalismo nos Estados Unidos e na Europa, principais balizadores dos modelos mundiais e, finalmente o modelo brasileiro.

O segundo dos capítulos (*Luiz Beltrão: uma vida dedicada ao Jornalismo*) é um histórico sobre a vida de Luiz Beltrão, principalmente no sentido de informar sua trajetória como jornalista e professor de jornalismo.

O terceiro, mais denso e de caráter analítico, dos capítulos (*A pedagogia do Jornalismo de Luiz Beltrão*) envereda pela discussão e análise do problema de pesquisa desta dissertação. Obedecendo uma ordem cronológica, este capítulo é subdividido em onze momentos. Cada um tem uma perspectiva de análise do pensamento beltraniano, bem como analisa fases e atos da pedagogia desse teórico pernambucano. A primeira parte retrata os caminhos percorridos para se apontar a pedagogia de Luiz Beltrão para o ensino do Jornalismo. A segunda parte conceitua pedagogia, principalmente para uma preparação de análise sobre essa pedagogia jornalística beltraniana. O terceiro momento mostra a influencia do contexto social na vida de Luiz Beltrão. No quarto momento da perspectiva analítica é tratada também a base pedagógica da obra seminal de Luiz Beltrão “Iniciação à Filosofia do Jornalismo”. No quinto momento é tratada a aplicabilidade dessa pedagogia nos cursos de jornalismo. A sexta parte trata do trabalho de Luiz Beltrão na terceira universidade de Jornalismo do Brasil, a UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, em Recife. Na sétima parte é tratada a Pedagogia de Beltrão no Ciespal, bem como a evolução dos conceitos beltranianos, consequentemente pedagógicos. O oitavo momento trata do pioneiro e inovador trabalho de Luiz Beltrão no INCIFORM, para dar base à Folkcomunicação, outro forte contributo científico de Luiz Beltrão à ciência da Comunicação, para além disso, tratar ainda dos manuais pedagógicos do autor e, finalmente, mostrar suas facetas pedagógicas, via trabalhos na então maior universidade de Comunicação do País, a UnB – Universidade de Brasília, onde tornou-se doutor apresentando tese sobre Folkcomunicação.

Destaca-se que é praticamente impossível em uma dissertação esgotar o assunto da Pedagogia do Jornalismo impulsionado pelo mestre Luiz Beltrão, apresentando-se apenas uma modesta contribuição para com a ciência sobre essa temática.

## CAPÍTULO I – O ENSINO DE JORNALISMO NO BRASIL

### 1 – Contexto histórico do ensino de jornalismo

O jornalismo como campo universitário foi institucionalizado nos Estados Unidos no início do século XX. Contudo, ações no continente europeu, mais precisamente na Alemanha, na França e na Suíça, precederam esse fato.

O ensino superior do jornalismo historicamente acompanha o desenvolvimento da imprensa e o processo de reconhecimento da profissão. Como ponto de partida a história demonstra que “o jornalismo somente se imporia no cenário europeu do século XVII quando começam a circular na Alemanha os primeiros jornais diários” (SCHULZE, 1994, p.15)

Indissociáveis do contexto socioeconômico, político e cultural, tais processos irão mudar a fisionomia da sociedade. O jornalismo diário alavanca a opinião pública e impulsiona o ideal democrático, fator colaborativo para a Revolução Francesa de 1789 com seus ideais revolucionários que nutriram os conceitos de liberdade de imprensa.

Com a imprensa acompanhando o desenvolvimento da sociedade a formação dos jornalistas demandou a criação dos primeiros cursos universitários, assim descritos:

Nos EUA, o primeiro espaço universitário dessa natureza foi criado apenas em 1869, no *Washington College*, Virgínia. Por sua vez, a primeira experiência europeia datava de 1806, tendo sido protagonizada pela Universidade de Breslau, então situada em território alemão, (NIXON *apud* MARQUES DE MELO, 2012, p.109)

De lá para cá, a luta pela democracia tem sido uma constante envolvendo imprensa e jornalismo como ferramentas para a soberania popular em contínua mutação para se adequarem às realidades societárias. As mudanças e a quebra de paradigmas evocadas pelo jornalismo sofreram e ainda sofrem uma resistência natural dos sistemas hegemônicos.

Para o bem e/ou para o mal, a imprensa e o jornalismo evoluíram junto com uma sociedade também mutante. Ideologias diversas permearam esse processo evolutivo e, cada uma a seu tempo e a seu modo, ditaram regras e apontaram caminhos a seguir.



O momento histórico da busca pela democracia reflete uma ideologia voltada para a promoção do bem social. Contudo, o emblemático rumo socioeconômico regido pelo capitalismo empurra a sociedade para novas tendências.

Tudo isso sob a égide da indústria cultural que se expandia e necessitava urgentemente de mão de obra qualificada. No bojo dessa indústria cultural, forja-se o jornalismo como profissão liberal.

Para se adequar à fase industrial observou-se a necessidade da montagem de escolas de profissionalização para treinamento de técnicos da informação.

Daí a importância da instituição do ensino do jornalismo como forma rápida para suprir a necessidade de um profissional exigido por essa indústria.

No século XIX a imprensa, por meio de sua atuação na sociedade se distingue como profissão e requer sua normalização. Assim, Cremilda Medina (1982, p.30) explica que, “gradativamente, o exercício profissional se estrutura em um tripé ideológico: *saber, saber fazer, saber ser*”. Esse modelo estrutural ganharia projeção mundial com ênfase nos Estados Unidos que foram seguidos de perto pela extinta União Soviética e, depois, por outros países do continente europeu.

Duas correntes se estratificaram na primeira metade do século: os norte-americanos levam às últimas consequências o profissionalismo treinado em universidades; ingleses, franceses, alemães e italianos (não de forma totalmente unânimes) rejeitam a especificação profissional do jornalismo e defendem o “ideal humanista” sem preparação técnica e as vocações míticas da arte de escrever ou de exercer a tribuna pública. (MEDINA, 1982, p.30)

Estados Unidos e União Soviética, seguidos de outros países que se desenvolveram na esteira da sociedade urbano-industrial, assimilaram o padrão profissionalizante. Apesar dos motivos para a profissionalização dos jornalistas serem diferentes, a exemplo dos Estados Unidos, o profissionalismo também tinha uma função explícita na União Soviética. Assim, “Embora os pontos-de-partida não tenham sido exatamente os mesmos, ou seja, não se tratasse de ascensão de classe média, os cursos de jornalismo foram imediatamente implantados na revolução com a finalidade de multiplicar, de pronto a mão de obra treinada”. Cremilda Medina (1982, p.33)

O desenvolvimento da imprensa e, conseqüentemente do ensino do jornalismo, caminhou ao lado do progresso industrial. Quem primeiro atendeu às demandas da revolução

industrial com vistas à profissionalização foram os Estados Unidos e a União Soviética onde “as empresas jornalísticas já assistiam, no início do século, à paralela montagem de escolas de profissionalização e treinamento de técnicos da informação”. (MEDINA, 1982, p.27)

EUA e URSS viram a importância das escolas para a profissionalização de forma rápida e eficaz de jornalistas que o contexto exigia.

Retardatários desse processo, países emergentes do Terceiro Mundo começam a despertar para as demandas da imprensa após a Segunda Guerra Mundial.

A experiência das grandes potências na profissionalização do jornalista torna-se um paradigma que foi discutido pela Organização das Nações Unidas – ONU – trazendo à tona o caráter formativo da profissão jornalística.

À época, o consenso estabelecia que, para equipar os novos países da África, Ásia e América Latina (não tão novos) de profissionais conscientes de seu papel social, era preciso levar o treinamento às vias educacionais, estabelecer parâmetros profissionais, objetivos e técnicas de trabalho e, sobretudo, criar pólos de ensino para economizar tempo em um processo que, se espontâneo, iria gastar muitas décadas. (MEDINA, 1982, p. 28)

Como resultado dessa discussão em favor da profissionalização do jornalista, em 1956, Jornalistas e professores de 25 países participam de um grande encontro em Paris e decidem pela criação de centros internacionais de especialização.

Fruto dessa abordagem é a criação do Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina – CIESPAL – no ano de 1959, em Quito no Equador, que adota a ideologia do profissionalismo influenciando o ensino de jornalismo no Terceiro Mundo.

No Brasil, as primeiras investidas para a institucionalização do ensino do jornalismo antecedem a esse fato. Já nas primeiras décadas do século XX, concomitante com a expansão industrial, aponta-se uma movimentação em torno da problemática do jornalismo. Porém, somente nas décadas de 1940 e 1950 é que o movimento obteve resultados concretos com a implantação dos cursos de jornalismo em terras brasileiras.

Tendências profissionais e pedagógicas que influenciaram o processo ensino/aprendizagem do jornalismo como campo universitário no mundo também afetaram o Brasil. Desde a implantação dos primeiros cursos, o ensino do jornalismo no Brasil passou

por inúmeros problemas como: entraves burocráticos, políticos, sociais, profissionais, acadêmicos, entre outros. Alguns desses problemas persistem até os dias atuais.

A mescla do padrão europeu (teórico) com o modelo norte-americano (pragmático) influenciou desde a elaboração dos currículos mínimos na década de 1940 e, ainda hoje, influencia no debate sobre as atuais diretrizes curriculares em tramitação no Ministério da Educação – MEC.

Desde os primeiros currículos até as atuais diretrizes curriculares, diferentes matrizes pedagógicas foram implantadas nos cursos de jornalismo Brasil afora.

Algumas delas importadas dos Estados Unidos e da Europa foram assimiladas sem maiores problemas e, outras ainda, sofreram com a incompatibilidade frente à realidade latino-americana.

O sucesso e o fracasso desses processos são discutidos permanentemente por profissionais da área, principalmente através de entidades como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM -, o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPJ – e a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS, que buscam soluções viáveis para os problemas do ensino do jornalismo.

No contexto histórico do Brasil, fator decisivo para a instalação e manutenção dos cursos de jornalismo foi a ingerência do Estado com legislação específica para a área. A priori com a criação do curso de jornalismo no sistema de ensino superior e, mais incisivo, na implantação dos currículos mínimos que, hoje, aporta-se nas diretrizes curriculares. A atuação do Estado na regulamentação das profissões da comunicação também foi fator preponderante para mudanças na área. Enfim, Leis, decretos e normas estabelecidas pelo poder público ou a omissão do mesmo em assuntos relativos a comunicação, afetaram e ainda afetam o ensino do jornalismo brasileiro.

Desta forma, procurou-se aqui aportes que ajudem na contextualização histórica do ensino do jornalismo permeado pela conjuntura socioeconômica, política e cultural.

## **2 – A importância do ensino do Jornalismo**

O ensino do jornalismo no Brasil está intrinsecamente ligado ao contexto sócio-político que forja a conjuntura histórica da América Latina nos anos que divisam as grandes guerras.

O panorama dos países até então era fundamentado no modelo agrário-extrativista, concentrando a maior parte da população na zona rural.

A transformação desse modelo foi impulsionada pela escassez dos produtos importados em decorrência das guerras mundiais que, de certa forma, como relata Marques de Melo (1994, p. 108) “obriga os Estados nacionais a fomentarem a produção de bens para o consumo criando fábricas e gerando novos empregos, o que amplia o mercado interno e potencializa a urbanização”.

Até então, os meios de comunicação ficavam restritos às pequenas elites urbanas com padrões culturais determinados por centros estrangeiros.

Nas décadas de 1930 e 1940 vieram a expansão da indústria cultural e, em consequência da industrialização, a implantação e popularização das redes de comunicação massiva para suprir a nova demanda criada pela classe média emergente que surgia.

A atuação dos governos populistas incentiva o acesso aos bens dessa nova indústria criando oportunidades educacionais e para a efetiva participação das massas no contexto social.

Destaca-se a opinião de José Marques de Melo que apreende neste momento histórico para o campo comunicacional a influência do capitalismo.

A combinação de fatores como industrialização, urbanização e alfabetização desencadeia a modernização das sociedades latino-americanas, numa conjuntura em que a crise de superprodução nos países industrializados requeria novos mercados, a serem abastecidos com o capital e a tecnologia disponíveis nas embrionárias companhias multinacionais. O incremento do consumo pressupõe do abastecimento de informações geradas pelos núcleos codificadores de mensagens jornalísticas, estéticas ou persuasivas (MARQUES DE MELO, 1994, p.109)

Assim, as relações mais intrínsecas entre comunicação e sociedade nos tempos modernos são permeadas pelo modelo capitalista.

Não sem razão anota Nelson Werneck Sodré (2011, p.13) no introito de sua obra que “por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”.

Todavia, ainda que os meios de difusão procurassem treinar seus funcionários, não havia pessoal qualificado.

Diante de tal percepção do poder da imprensa, o que pensar sobre a falta de preparo dos profissionais que nela trabalham? Premente se faz então a capacitação dos jornalistas para que, no exercício da profissão, sejam eles os arautos da democracia.

Desta precisão decorrem os embates para a instituição dos cursos de jornalismo universitário.

Não há como dissociar a necessidade da preparação jornalística de uma questão ética e, tampouco, do imperativo poder da imprensa.

Incontestemente, a sua importância é propagada desde os tempos imemoriais por várias nações e pela palavra de ilustres personagens de nossa história.

Ora, se tal calibre lhe é imputado, que dirá o cuidado que há que se ter na formação de um jornalista que será o arauto da imprensa?

Criticando o argumento de que jornalista já nasce feito, Carlos Rizzini (1953, p.04), um dos pioneiros do ensino no Brasil, defende que “as máximas expressões da arte e da ciência medram de vocações apuradas pelo estudo, de aptidões educadas. Entregues a si mesmas, aptidões e vocações goram em belas promessas ou enfezem antes da flor”.

Em um contexto histórico, o professor de jornalismo da Universidade do Brasil, Danton Jobim (1960, p.181) relata que “o jornalismo se impôs como necessidade social”.

Carlos Lacerda se vale de Rui Barbosa que conforma tal proposição quando se refere à imprensa como “a vista da Nação”, ou dizendo que, “[...] pela imprensa a nação respira. Como também, pela imprensa ouve e fala a nação, temos que o jornalista é os olhos, os ouvidos, a boca e – aí de nós – algumas vezes até o nariz da nação” (BARBOSA *apud* LACERDA, 1950, p.12).

Por longo tempo sofreu a imprensa brasileira sem a capacitação dos jornalistas em cursos superiores.

### **3 – O ensino do Jornalismo: raízes europeias**

O ensino do jornalismo está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da imprensa que, por sua vez, acompanha a revolução industrial por que passa o mundo no século XIX. O progresso técnico na indústria, o desenvolvimento do processo de impressão, os meios de transporte e comunicação que acompanhavam o surgimento das massas urbanas impulsiona a imprensa que necessita do profissional jornalista.

Tudo foi uma questão de demandas: a indústria que necessitava da massa que, por sua vez impulsionou o aparecimento de mais e mais jornais e esses, para serem feitos necessitava de mão de obra qualificada. Esta última demanda ocasionou os primeiros cursos de jornalismo.

Corroborar o fato a visão de José Marques de Melo (2004, p.41) quando cita “três fluxos convergentes que determinaram a eclosão das primeiras instituições destinadas a formar comunicadores, inicialmente jornalistas: [...] industriais, profissionais e cívicos”.

As iniciativas pioneiras foram feitas em solo europeu, como relata Marques de Melo (2004, p.40), principalmente na Alemanha, França e Suíça, e em outros países entre os séculos XVII e XIX. O pioneirismo alemão advém dos primeiros jornais diários passam a exercer impacto na sociedade e incitam a democracia no velho continente.

Este fenômeno motivou o primeiro estudo universitário sobre o campo jornalístico.

Os estudos midiológicos começam em 1690, na Universidade de Leipzig, quando Tobias Peceur defende sua tese de doutorado (*De relationibus novellis*) e outros pesquisadores como Fritsch, Weise e von Stieler desenvolvem estudos sobre a natureza do jornal diário e seu impacto na sociedade (MARQUES DE MELO, 2004, p.45).

No entanto, o caráter elitista empregado no conteúdo dos jornais da época acabou por cercear seu desenvolvimento que ficou restrito a uma pequena parcela de eruditos. O jornal somente se alastrou após a revolução burguesa na Europa e, também, na América. O desenvolvimento das sociedades a partir da revolução cria demandas e, para suprir a necessidade de informações das massas, o jornalismo tem de se adequar a elas. Em um primeiro momento, para atender ao público erudito havia a necessidade de se ter formação especial. Quando a revolução burguesa se alastra, na América se inicia o mesmo processo de desenvolvimento. O aumento populacional em grande escala e a necessidade informacional dessa massa resulta em novas demandas. Então, com os resultados da revolução “foi natural que eclodissem demandas para a capacitação de produtores noticiosos sintonizados com as novas aspirações sociais”. (MARQUES DE MELO, 2012, p. 108)

#### **4 – O ensino do Jornalismo nos Estados Unidos**

Pouco mais de meio século distancia as iniciativas pioneiras de formação jornalística realizadas na Alemanha pela Universidade de Breslau, em 1806, da primeira iniciativa norte-americana com o general Robert Lee no ano de 1869.

Não obstante a primazia alemã, Erasmo de Freitas Nuzzi (1992, p.20) enfatiza que “é de justiça e verdade histórica relembrar que esse ensino pôde ser implantado e sistematizado graças aos esforços desenvolvidos por universidades dos Estados Unidos”.

Rizzini (1953, p.05) ressalta que o general Lee “instituiu, em 1869, no Washington College (hoje *Washington and Lee University*) do qual era reitor, cinquenta lugares gratuitos para moços destinados à imprensa”. Porém, essa e outras tentativas foram fadadas ao fracasso.

À época também houve oposição de jornalistas ao ensino do jornalismo com a ressalva de que o jornalista já nasce feito ou se faz no batente diário da redação.

Os anos se passaram e com eles várias tentativas de se implantar o ensino do jornalismo em território ianque não alcançaram sucesso. Essas tentativas se limitavam a cursos esparsos e, invariavelmente, ligados ao estudo da literatura ou da língua.

Segundo Carlos Rizzini (1953, p.20) houve até uma “iniciativa mais séria, e primeira em forma escolar, foi a da Universidade de Missouri, em 1898”, compreendendo uma grade curricular conformando teoria e prática, porém, a tentativa ficou no projeto.

A evolução nos Estados Unidos da chamada imprensa amarela impulsionou de certo modo o ensino do jornalismo. A briga entre Joseph Pulitzer do *New York World* e o jornal de William Randolph Hearst, o *New York Journal* acabou por gerar demandas que reclamavam a especialização de jornalistas.

As tentativas de instituir uma escola para jornalistas nos Estado Unidos esbarravam nas mais diversas dificuldades até que, no ano de 1904, Pulitzer publicou seu artigo que mudaria a história do ensino de jornalismo.

O artigo de Pulitzer merece ser considerado como a pedra angular do ensino jornalístico, não só pela autoridade do autor, reputado o maior jornalista do seu tempo [...], como pela circunstância de prender-se o artigo às discussões em torno do seu anunciado legado de dois milhões à Columbia University para a fundação de uma escola de jornalismo (RIZZINI, 1953, p.21-22).

Antes havia Pulitzer proposto essa doação para a Escola de Harvard, contudo, divergências com o reitor daquela instituição Charles W. Eliot, sobre o currículo a ser implantado, não deixaram a iniciativa prosperar. O currículo da futura escola elaborado por Eliot privilegiava os assuntos técnicos e, para Pulitzer, eram mais importantes os assuntos intelectuais. Implantava-se assim um dos paradigmas mais antigos do jornalismo: a dicotomia entre teoria e prática.

Pulitzer faleceu em 1911, um ano antes de ser inaugurada a Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia (1912) beneficiária de sua doação.

Mas a primazia ficou com a Universidade de Missouri que já funcionava desde 1908 com sua escola de graduação. As bases da Escola de Missouri serviriam de guia para a sedimentação do ensino do jornalismo. Carlos Rizzini (1953, p.25) apreende a máxima

proferida pelo decano Walter Williams de “não visar o novo departamento da Universidade a fazer jornalistas, mas tão somente a prepará-los”.

A autonomia dos primeiros cursos de jornalismo dos Estados Unidos chama a atenção do pesquisador Carlos Rizzini (1953, p.26) que anota as três condições reclamadas pelo diretor convidado para a instalação da escola:

A de ser um departamento da Universidade, em pé de igualdade com os de Direito, Medicina e Engenharia; a de dispor de uma oficina gráfica (laboratory equipment); e a de estender o seu curso por quatro anos, seguindo as admissões de alunos o sistema em uso nos departamentos acadêmicos (RIZZINI, 1953, p.26).

Para atender a uma dessas reivindicações e na pretensão de formar repórteres, o curso “passou a editar um jornal-laboratório diário *University Missourian* circulando na comunidade em que funcionava a universidade sob a responsabilidade dos seus professores e alunos” (NUZZI, 1992, p. 21).

Apesar de servir de guia, o sistema de ensino da instituição pioneira não constitui o padrão dos Estados Unidos em função de divergências sociais, políticas e religiosas sedimentadas em seu regime de autonomia.

Diferentemente, a Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, defendida por Pulitzer, adotava um ensino profissional voltado estritamente para a formação do jornalista tendo em seu currículo disciplinas voltadas à prática do jornalismo minuciosamente aplicadas. Contudo anota-se que, nos primeiros anos, havia uma base humanística.

Acompanhando a imprensa norte-americana tida como uma das mais ativas do mundo, o ensino do jornalismo cresceu proporcionalmente formando profissionais especializados nas universidades dos Estados Unidos. Corroborando com esse fato a visão de Carlos Rizzini (1953, p.41) É natural que, comportando a imprensa dos Estados Unidos número superior de profissionais e especializações, lá tenha o ensino do jornalismo atingido a um desenvolvimento correlato, sem termo de comparação com o de outra qualquer nação”.

## **5 – O ensino do Jornalismo no Brasil**

As primeiras tentativas de se implantar um curso de jornalismo no Brasil datam do início do século XX. Reflexo das investidas norte-americanas que culminaram com a criação da Escola do Jornalismo de Missouri em 1908. De posse da informação, “[...] jornalistas



brasileiros [...] cogitaram de aplicá-las no país, sobretudo com propósitos saneadores, ou seja, com a intenção de proporcionar à imprensa equipes mais responsáveis” (IPANEMA *apud* MARQUES DE MELO, 1974, p.16).

Mas as primeiras iniciativas concretas partiram da Associação Brasileira de Imprensa – ABI –, por meio do então presidente, Gustavo de Lacerda que, “ao assumir a presidência [...] aos 7 de abril de 1908, reiterou, em seu discurso de posse, a necessidade de um curso para a boa formação do jornalista como um dos objetivos da nova entidade” (NUZZI, 1992, p.21).

Em 1911 a ABI elaborou um projeto para a criação do curso de jornalismo que não obteve êxito por questões burocráticas.

No I Congresso Brasileiro de Jornalistas, realizado no dia 10 de setembro de 1918, a ABI voltou a pleitear a criação do curso de jornalismo. Tal iniciativa lançada pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) culminou na aprovação das diretrizes de uma escola de jornalismo, porém, tal empreitada não obteve sucesso e não saiu do papel.

Não fossem os entraves de ordem sócio-político-econômicos que, em determinados momentos da história barraram o avanço, o ensino do jornalismo no Brasil teria se firmado muito antes do que se concretizou em verdade. Assim, aconteceu à primeira iniciativa que saiu do papel. O curso iniciado por Anísio Teixeira foi confiado ao jornalista Costa Rego, também dirigente da ABI, e oferecia “conhecimentos de assuntos sociais e de deontologia da profissão [...] Assim, sendo, adotou uma orientação completamente diversa daquela preconizada pela ABI e inspirada no modelo norte-americano (MARQUES DE MELO, 2004, p.81).

O primeiro curso superior de jornalismo, em território nacional, iria funcionar na Universidade do Distrito Federal, criada em 1935, graças à iniciativa de Anísio Teixeira. [...] Todavia, a experiência durou pouco tempo, uma vez que o Estado Novo liquidou a estrutura universitária [...] e manteve apenas aqueles cursos que dispunham de similares na Universidade do Brasil, para onde foram transferidos os alunos inscritos, nos termos do Decreto-Lei 1.063, de 20 de janeiro de 1939 (MARQUES DE MELO, 1974, p.17).

Após essa investida, no ano de 1943, a Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo (APISP) realizou o primeiro Curso Livre de Jornalismo. O Curso “[...] organizado por Vitorino Prata Castelo Branco [...] não foi muito bem recebido pelo Sindicato dos Jornalistas [...] Castelo Branco encontrou resistência dos jornais de São Paulo” MARQUES DE MELO, 1974, p.18).

Mas o mesmo governo que barrara a iniciativa de Anísio Teixeira em Brasília, atendendo aos apelos da ABI, sanciona a Lei de criação de um curso superior de jornalismo.

“Criado em 13 de maio de 1943 pelo presidente Vargas, organizado em 6 de dezembro de 1946 e reorganizado em 29 de março de 1948, inaugurou-se o curso de jornalismo em abril deste ano” (RIZZINI, 1953, p.45) da Faculdade Nacional de Filosofia. No entanto, a iniciativa pública não saiu do papel.

Relata Luiz Beltrão (2006, p.301) que, “embora desde 1943 a formação de profissionais do jornalismo houvesse sido incluída na estrutura universitária brasileira, somente quatro anos depois, em maio de 1947, era instalado o Curso de Jornalismo Casper Líbero”. A iniciativa privada que Cásper Líbero não pode ver concretizada em vida tornou-se realidade antes do modelo público.

Desde o início, os cursos de jornalismo no Brasil pautaram-se, hora pelo modelo do pragmatismo norte-americano, hora pelo academicismo europeu.

Em relação ao primeiro curso, José Marques de Melo (1974, p.22) é contrário à observação de Rizzini dizendo que “não foram, entretanto, os modelos norte-americanos aqueles que guiaram diretamente a experiência pedagógica” da Escola de Jornalismo da Fundação Cásper Líbero. “Os seus dirigentes inspiraram-se nos cursos similares mantidos pela Universidade Pro-Deo de Roma”, observa o pesquisador Marques de Melo.

O pioneirismo do Curso de Jornalismo da Fundação Cásper Líbero se dá também na conformação entre a teoria e a prática, contando com a parceria com o jornal “A Gazeta” que serve de laboratório para seus estudantes.

Semelhante à de Columbia quanto à origem, a Escola Cásper Líbero assemelha-se à de Missouri quanto à objetividade. O ensino prático, tão difícil e custoso as organizações oficiais, era fácil para uma escola brotada de “A Gazeta”, onde o bom profissionalismo se requinta na excelência da apresentação gráfica (RIZZINI, 1953, p.46).

Nem sempre a parceria com “A Gazeta” funcionou dando condições para a prática dos alunos de jornalismo. Alguns anos mais tarde, como nos conta Marques de Melo (1974, p. 24), “o próprio Carlos Rizzini [...] viria a ocupar o cargo de Diretor da Faculdade, inteirando-se da situação de fato, nem sempre semelhantes àquela apregoada”. Diante desse fato, Rizzini em Seminário promovido pelo CIESPAL em 1965, no Rio de Janeiro, reclamou da situação do ensino do jornalismo no país, dizendo que “[...] as escolas brasileiras satisfazem a seus fins culturais e não aos seus fins profissionais” (MARQUES DE MELO, 1974, p.17).

A iniciativa pública do ensino superior de jornalismo veio em 1948 com a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil que

[...] adotou uma estrutura curricular seriada, onde havia nítida predominância das matérias culturais sobre as técnicas. Passando por sucessivas reformas, o ensino ali ministrado não conseguiu atingir os objetivos originais pretendidos pelos dirigentes jornalísticos que lutaram pela sua criação (MARQUES DE MELO, 1974, p. 30-31).

Apesar de gerar controvérsias, o modelo da Universidade do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, serviu de referência para outras universidades que foram criadas.

Desta forma, no final da década de 1950, quando da conclusão de seu ensaio “O Espírito do Jornalismo” publicado no ano de 1960, o jornalista e professor de jornalismo, Danton Jobim, relatava dados sobre os cursos da época.

Existem ao todo no Brasil nove cursos de jornalismo, sendo dois na cidade do Rio de Janeiro e os demais distribuídos por diversos Estados, a saber: dois em São Paulo, dois no Rio Grande do Sul, um na Bahia, um em Minas Gerais e um no Paraná. Em 1957 havia 426 estudantes matriculados nesses cursos, dos quais mais de um terço, ou sejam 159, eram mulheres (JOBIM, 1960, p.237).

Desde o princípio, os cursos de jornalismo foram acometidos de contínuas mudanças em sua estrutura sendo que algumas delas encetaram melhoras e outras causaram certos prejuízos. As mudanças começam já no decreto que organiza a criação dos cursos, conforme cita Rizzini (1953, p.45). Nesta ocasião, disciplinas são fundidas umas às outras e, ainda outras são criadas. Outras mudanças referem-se ao processo de ingresso no curso e, também à nomenclatura de disciplinas.

Mudança significativa viria em 1º de dezembro de 1950 com o decreto n. 28.923, cuja ementa dizia: “Reestrutura o curso de jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil” (NUZZI, 1992, p.26).

O decreto que atingiu também outras escolas determina que “[...] o curso passou a ser dividido em duas partes, isto é: 1ª e 2ª séries comuns a todos os alunos e uma 3ª série (a segunda parte) com três modalidades à escolha do discente” (NUZZI, 1992, p.26).

A integração do curso de jornalismo a uma Faculdade de Filosofia, uma exigência do governo desde o primeiro curso até a década de 1960, traz prejuízos às primeiras escolas que se tornam meras extensões das arcaicas engrenagens das instituições à que estão ligadas. A falta de autonomia dos primeiros cursos atrelados as Faculdades de Filosofia é uma das causas

do distanciamento entre a academia e o mercado com a discrepância das grades curriculares em detrimento da formação profissional. Criadas para suprir a demanda da crescente indústria da comunicação, as escolas de jornalismo não conjugavam a teoria com a prática. Sem contar com laboratórios específicos para a contemplação da prática, as escolas não ofereciam treinamento instrumental que fornecesse aos egressos uma sólida formação para o cumprimento das tarefas profissionais.

A Escola de Jornalismo Cásper Líbero buscou atrelar a teoria à prática, porém, a parceria com uma empresa jornalística só deu frutos no início.

Apesar dos cursos serem inspirados em modelos forâneos, o ambiente universitário conjugado lhes imprimiu um caráter próprio das áreas de humanidades distanciado do experimentalismo.

Entre os diferenciais das escolas norte-americanas destaca-se o funcionamento de veículos de circulação diária junto à sua estrutura funcionando, como um laboratório para os egressos. Também corrobora para encurtar a distância entre academia e mercado a iniciativa das escolas americanas de pesquisar os processos comunicacionais dando subsídios para as empresas do ramo se balizar.

Neste sentido, encontramos a crítica do pesquisador José Marques de Melo sobre o tardio início das pesquisas nas escolas de comunicação que não enxergaram a necessidade de se formar especialistas para suprir a demanda da indústria da comunicação:

No entanto, é preciso verificar que a formação de quadros para a indústria da comunicação, não se dá imediatamente na universidade. Essas atividades ocorrem inicialmente fora da universidade, em todos os setores. E o que vamos observar é que a universidade tardiamente recupera as experiências que ocorrem fora das suas muralhas. Então, há uma relação direta, do ponto de vista histórico, entre a formação de quadros para atuar na indústria da comunicação o desenvolvimento da própria indústria. Nesse sentido quero mostrar que a universidade brasileira teve um papel de omissão em relação a essas novas atividades que emergem na sociedade. Ao invés de a universidade se antecipar e estudar esses fenômenos e, ao mesmo tempo, começar a formar quadros qualificados, a universidade vem a reboque. Ela só vai, efetivamente, tomar iniciativa quando sofrer pressões de fora (MARQUES DE MELO, 1992, p. 61).

Nesta situação, prolifera o modelo que privilegia a formação humanística em detrimento de um aporte instrumental mais adequado conjuminado com o experimentalismo de um laboratório.

Destarte, vê-se que o ensino do jornalismo no Brasil passou por inúmeros percalços em seu início conformando entraves burocráticos, políticos, sociais, profissionais, acadêmicos, entre outros.

Os problemas das primeiras instituições são diagnosticados e relatados de forma incisiva pelo professor Carlos Rizzini em seu ensaio de 1953, denominado “O Ensino do Jornalismo”.

Adverte o estudioso que a solução dos problemas constitui-se em requisitos essenciais ao funcionamento dos cursos de jornalismo, quais sejam:

- 1) Constituir-se em célula de autonomia relativa dentro da Escola ou Faculdade a que pertencer.
- 2) Repartir-se em disciplinas de ordem profissional, entre fundamentais, eletivas e especializadas, completando-se o currículo, com as de ordem cultural.
- 3) Dispor de laboratório, entendendo-se por tal os elementos necessários à aplicação dos conhecimentos intelectuais e ao treino técnico, sobretudo quanto às especializações.
- 4) Manter direta ou indireta, a publicação de um periódico, no qual os alunos ganhem tirocínio e se adiantem pela crítica recíproca e pela emulação (RIZZINI, 1953, p.43).

Para o atendimento dos requisitos tidos como essenciais, Rizzini destaca como natural providência a criação das cátedras técnicas. “Não havendo cátedras , as disciplinas técnicas, e as culturais nele instituídas são ministradas por professores contratados [...] e portanto, não tem assento na sua congregação” (RIZZINI, 1953, p.47) fazendo com que o Curso não tem voz nem vez dentro da Faculdade.

No apagar das luzes da década de 1950, Danton Jobim, conforma tal prognóstico retratando a realidade das escolas de jornalismo, a formação do jornalista e o descrédito dos profissionais vocacionistas.

O treino de profissionais se faz geralmente nas redações, mas já existem no país numerosos cursos de jornalismo, de iniciativa oficial e privada. Tais cursos, com uma única exceção, estão ligados às Faculdades de Filosofia ou de Letras, embora constituam verdadeiros embriões de escolas, pelo número avultado de cadeiras que possuem. A princípio, o Curso de Jornalismo da Universidade do Brasil foi recebido com ceticismo, senão mal disfarçada hostilidade, por parte de muitos dos velhos profissionais. Refletindo esse ceticismo, o próprio autor da aula inaugural insistiu no preconceito de que “jornalismo não se aprende na escola, mas na banca da redação”. Isso para acentuar que o que contava fundamentalmente no Curso eram menos as disciplinas técnicas que as de cultura geral (JOBIM, 1960, p.236).

A década de 1960 traz novas iniciativas no Nordeste do Brasil com a instituição do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP -, que começou a funcionar em 1961, junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A luta para a implantação do Curso da UNICAP é creditada ao jornalista Luiz Beltrão com o apoio do então reitor Padre Aloísio Mosca de Carvalho.

Mudanças significativas nos cursos de jornalismo adviriam da revisão da Portaria de 4 de dezembro de 1962 proposta pelo relator do Conselho Federal de Educação, Celso Kelly. A mais polêmica delas alterava a portaria e instituía o Currículo Mínimo aprovado então pela Portaria Ministerial 159/65.

Levando em conta o conceito amplíssimo em que é tido o jornalismo, e a necessidade de uma formação polivalente do periodista, de modo que se habilite ao exercício da profissão em qualquer dos ramos e, ainda, no campo das investigações específicas, no das relações públicas e no da publicidade – levei à consideração do Conselho Federal de Educação a proposta de revisão da Portaria de 4 de dezembro de 1962, sobre duração e currículo mínimo [...] (KELLY, 1966, p.75).

O Currículo mínimo determinou a estrutura dos Cursos da área de Comunicação e vigorou até o ano de 1999. Após a realização do Seminário sobre as Diretrizes Curriculares, promovido pelo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo e pela Federação Nacional dos Jornalistas – Fenaj – no V Encontro de Professores de Jornalismo do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1999, as Escolas tem liberdade para organizar suas grades curriculares e as habilitações pertinentes à área da Comunicação, a partir de diretrizes curriculares.

Na década de 1970, os cursos de jornalismo, principalmente nas instituições Federais ou Estaduais, passam a ser denominados por Faculdades de Comunicação Social. Essa década foi marcada por intensos debates e, entre os fatos marcantes, destacam-se:

[...] as Semanas de Estudos promovidas pela ECA/USP, os encontros regionais ou locais de outras escolas, a realização em, São Paulo, do V Congresso Latino-Americano de Imprensa Católica, no qual nasceu a União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), em 1969, e a fundação da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação (ABEPEC), ao término da IV Semana de Estudos de Jornalismo da ECA, em 1972. (NUZZI, 1992, p. 30).

Porém, a década ficaria marcada pela reformulação da estrutura do ensino de Comunicação Social estabelecida por força de Lei em 30 de janeiro de 1978 quando “o

Conselho Federal de Educação aprovou o parecer n. 1.203/77 que passou a ser parecer n. 2/78, dando origem à resolução n. 3 de 12 de abril de 1978” (NUZZI, 1992, p. 31), que indica a fundamentação humanística para o Tronco Comum (MOURA, 2002, p.101).

A década de 1980 traria o quinto e último Currículo Mínimo do Curso de Comunicação Social que foi instituído por meio do “parecer número 480 que serviu de base para a resolução n. 2, de 24 de janeiro de 1984, do CFE” (NUZZI, 1992, p.33) que ficou em vigor até o decorrer do ano de 1998. José Marques de Melo (1991, p.70) relata que “o novo currículo, praticamente idêntico à estrutura aprovada em 1978, com pequenas mudanças no elenco das disciplinas. Foram mantidas as exigências laboratoriais [...] projetos experimentais houve uma suavização do caráter profissionalizante”. Sobre os cinco currículos mínimos instituídos pelo Governo, Marques de Melo e outros autores relatam que há pontos favoráveis e desfavoráveis.

Já a década de 1990 traz a portaria 54/98 com a instituição das diretrizes curriculares de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que estão em vigor até os dias atuais.

Apesar das mudanças por força de Lei, observou-se que o número de cursos de jornalismo em instituições públicas e privadas cresceu vertiginosamente. Desde o início dos cursos de jornalismo as escolas vêm se multiplicando Brasil afora. Apesar de todos os problemas, o ensino do jornalismo prolifera no Brasil.

## **CAPÍTULO II – LUIZ BELTRÃO: UMA VIDA DEDICADA AO JORNALISMO**

Embora a pedagogia de Luiz Beltrão seja traçada formalmente após seu contato maior com o jornalismo, suas matrizes existenciais, filosóficas, políticas e culturais influenciaram neste delineamento. A começar pela influência direta da educação que recebeu dos pais: Francisco Beltrão de Andrade Lima, o doutor Andrade, e Maria Amália Themudo de Andrade Lima, chamada por nome de Marieta. Luiz Beltrão de Andrade Lima nasceu no dia 8 de agosto de 1918 em Olinda, no Estado de Pernambuco. “Nasci na Rua da Bica de São Pedro, Chamada Henrique Dias, em uma das casinhas de porta-e-janela” relembra Luiz Beltrão (1996, p.145). Dos preceitos familiares, Luiz Beltrão se recorda bem e evidencia a colaboração dos pais no introito do livro *Memória de Olinda*, publicado postumamente:

Quero Dedicar este trabalho, antes do mais, à memória dos meus pais – o Dr. Andrade [...] e Marieta. Foram eles, com o seu exemplo de virtudes, que plantaram no meu coração a semente do amor pela minha cidade de Olinda, e pela minha gente pernambucana, de modo especial pelos homens e mulheres comuns, pelos humildes e pequeninos, pelos indefesos e sofredores – os bem-aventurados do Sermão da Montanha (BELTRÃO, 1996, p.17-18).

Desde muito pequeno Beltrão vivenciou, pela proximidade com os adultos, a realidade do povo de Olinda que nem sempre escapou à miséria. E, ainda pré-adolescente, já formava conceitos sobre a sociedade em que vivia e intentava colaborar para mudar a situação. Beltrão (2010, p.357) relata que “de certo modo, depois da escola primaria, os seus olhos começaram a abrir-se para o mundo, sobretudo o mundo do povo, que desfilava e encontrava-se com ele no modesto consultório de dentista do seu pai, na cozinha presidida por sua mãe.

O ponto de partida de sua formação escolar é no Externato São José que, como Beltrão (1996, p. 55) relata, foi “aí pelos idos de 1926, quando eu e minha irmã fomos matriculados para aprender as primeiras letras”. Seguindo a tradição católica da família, no ano de 1930, Luiz Beltrão foi interno do Seminário Azeredo Coutinho, em Olinda, onde deu continuidade a sua formação. Além dos princípios religiosos, neste ambiente Beltrão recebeu o conhecimento das ciências que o instigou para a resolução dos problemas além dos muros do seminário.

Ainda dentro das paredes do seminário que Beltrão a partir do texto “ide e pregai” encontra outra “opção vocacional: a do pregoeiro, do que anuncia o novo, do que ensina, do



escritor público, do professor, afinal” (BELTRÃO, 2010, p.358). Está aí a vocação de Luiz Beltrão: de jornalista a professor.

Por influência do padre João Porto Carrero Costa, Beltrão repensou sua vocação e deixou o seminário após dois anos de internato. Não sem antes reconhecer as benesses do conhecimento transmitido pelos padres, Luiz Beltrão (2006, p. 358) faz uma avaliação e relata: “O reencontro com o mundo não me foi conflitante [...] os anos de Seminário tinham dado uma certa base de conhecimento, especialmente no que tange ao exercício da língua, ao uso da palavra, à disciplina da elaboração do pensamento para sua transmissão ao outro”.

Na juventude, a composição de sua identidade ainda passaria pelos ensinamentos que recebeu no curso secundário do Ginásio Pernambucano. A efervescência cultural de Pernambuco, principalmente em Recife e Olinda, também concorreu para a educação de Luiz Beltrão que participou das agremiações culturais da época. Já na época do internato Beltrão se arriscava no ofício das letras. Se esmerava ainda mais e tomava gosto por elas participando de reuniões literárias no Centro de Cultura Humberto de Campos do qual foi sócio fundador e presidente.

Ainda no ginásio, em 1936, ingressou no jornalismo. A porta de entrada para o mundo do jornalismo foi o Diário de Pernambuco, iniciando no exercício profissional em 15 de dezembro de 1936. Trabalhando no arquivo do jornal Diário de Pernambuco passou a revisor e, posteriormente, se tornou repórter, vocação que lhe impulsionaria para outros caminhos.

No Diário, o contato e a orientação de figuras experientes da imprensa como Aníbal Fernandes, Gomes Maranhão e Odorico Tavares foram decisivos para despertar a percepção de Beltrão sobre a necessidade da formação acadêmica para os jornalistas.

Fui um profissional vocacionista que aprendeu no batente, desde a revisão e o arquivo até a reportagem, a secretaria, a editoria, a diagramação e a paginação. Mas foi ainda no Diário e pelo mesmo Aníbal Fernandes, um dos mais combativos jornalistas entre quantos convivi, que me informei de que a nossa profissão não se aprendia somente nas redações. Certa noite, o mestre Aníbal, que dominava o francês tão bem quanto um parisiense da Academia de Letras da França, chegou ao Diário sobraçando um volume de capa cinzenta, em que o autor – de quem ainda hoje ignoro o nome, não só transmitia conhecimentos sobre o exercício profissional em diferentes campos como teorizava sobre o jornalismo como atividade humana, essencial ao funcionamento do organismo social. Até então, para mim, o jornalista já nascia feito; a arte de anunciar era um dom, como a poesia ou a composição musical. Aquele livro cinzento me abriu os olhos para a verdade da assertiva de Pulitzer: só idiota nasce feito (BELTRÃO, 2010, p.358-359).

Essa assertiva fez Beltrão aumentar a sua curiosidade pelo jornalismo comprando livros da área. Na escassez de uma bibliografia brasileira, trouxe livros de suas viagens ao exterior onde foi convidado pelos Governos estrangeiros e, também, para participar de eventos ligados ao jornalismo. Conseguiu também importar vasta bibliografia junto a companheiros de profissão tanto de outros Estados brasileiros como de outros países, organizando assim sua biblioteca.

Luiz Beltrão frequentou a Faculdade de Direito do Recife onde, apesar dos anos da ditadura do Estado Novo, funcionava um centro de defesa da democracia. Na discussão e reflexão sobre as mais variadas tendências e ideologias, desperta no acadêmico de direito a preocupação com o desenvolvimento político do Brasil.

Convenceu-me a vivência universitária, entre 1939 e 1943, que sem ela não se poderia, salvo exceções geniais, exercer em sua plenitude a profissão de pregoeiro de fatos, ideias e situações capazes de informar e formar a opinião pública, que era a nossa missão (BELTRÃO, 2010, p.359).

Após a experiência primeira no Diário, trabalha por 17 anos na Folha da Manhã como redator, colunista e comentarista. Os jornais lhe conferiram, na prática, as primeiras noções do jornalismo. Beltrão ainda seria correspondente de agências de notícias como *France Press e Asa Press* e, ainda, de outras agências nacionais e internacionais em Recife.

Fechando o ciclo entre os estudos e a prática diária do jornalismo, antevendo sua propensão para a academia, Beltrão (2010, p.358) relata: “o mínimo exigido do que me faltava para seguir minha vocação, me foi dado pelo curso secundário [...] pelo curso jurídico e pelo exercício profissional do jornalismo”.

Como o jornalismo não bastava para sustenta-lo financeiramente, Beltrão trabalha como funcionário público em diversos setores do governo de Estado de Pernambuco onde, de certo modo, adquire conhecimentos políticos.

A militância na Associação de Imprensa de Pernambuco e a liderança sindical exercida no Sindicato dos Jornalistas Profissionais proporcionam a Beltrão a oportunidade de participar de diversos congressos na área.

[...] Eu me filiei à Associação de imprensa de Pernambuco e no ano de 1951 fui eleito presidente em três mandatos consecutivos. Se não me engano foram nos anos de 1951, 1953 e 1955. O mandato era bienal. Neste ínterim nós fomentamos a criação dentro da própria Associação, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais. Criado o Sindicato e eleita a sua primeira diretoria, fui indicado representante junto ao Conselho da Federação Nacional de Jornalistas. Então eu fui participar de uma eleição no Rio de Janeiro e

chegando lá fui surpreendido com a notícia de que estava eleito presidente da Federação Nacional de jornalistas. Saía da presidência da Federação o caro amigo Freitas Nobre. Só que eu não podia ser presidente porque havia me comprometido com um candidato de Belo Horizonte, Marcelo Tavares, que depois assumiu o cargo. Eu me recusei terminantemente, devido ao fato de ter recebido uma delegação do Sindicato. Então eu teria que votar nele. Durante esse tempo eu militei muito em congressos jornalísticos e congressos promovidos pela União Brasileira de Escritores (BENJAMIN, 1998, p.64).

Concomitante a data de seu primeiro mandato à frente da AIP, Beltrão inicia sua carreira na literatura com a edição do romance “Os senhores do mundo” onde retrata a vida dos pobres do Recife. Em 1951, Luiz Beltrão reúne todo o seu conhecimento adquirido e inicia sua jornada em defesa do jornalismo com meios formais quando publica seu primeiro ensaio “Anais de jornalismo”.

Com personalidade própria, forte e marcante, torna-se paradigmático ao defender em 1953, durante o V Congresso Nacional de Jornalistas em Curitiba – PR –, sua tese “Liberdade de imprensa e formação profissional”.

Em 1954, a convite do Departamento de Estado, Luiz Beltrão visita os Estados Unidos e, como resultado de suas pesquisas em terras ianques, “publica ‘O ensino do jornalismo nos Estados Unidos’, nos Anais da II Conferência Nacional de Jornalistas, São Paulo” (BENJAMIN, 1998, p.306).

Participa no ano de 1956 do primeiro Encontro Internacional de Jornalistas, em Helsinki na Finlândia e, de lá, ainda visita a antiga Tchecoslováquia. Já no ano de 1958, viaja para a China, a convite da União Internacional de Jornalistas e, ainda, conhece a realidade da Rússia e da Romênia.

Em 1959, Beltrão inicia sua carreira de docente no Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa – PB – onde ministrou aulas de Técnica de Jornal e de Ética, História e Legislação de Imprensa.

No mesmo ano Luiz Beltrão foi agraciado com o Prêmio Orlando Dantas, outorgado pelo Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, por seu trabalho monográfico que seria publicado no ano seguinte em formato de livro: Iniciação à Filosofia do Jornalismo.

A carreira profissional, a militância sindical até como vice-presidente da Federação Nacional de Jornalistas Profissionais, a participação efetiva em congressos e eventos nacionais e internacionais, suas viagens internacionais, suas pesquisas e sua obra primeira, conferem a Luiz Beltrão uma visão privilegiada sobre o jornalismo.

A partir da amplitude desta visão Beltrão passa a reger seus passos forjando uma pedagogia voltada para o ensino do jornalismo no Brasil.

Com este intuito, no ano de 1961, ajuda a fundar o primeiro curso de jornalismo do Brasil na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP –, onde passa a implantar seu projeto. Com poucos recursos frente à realidade da época e da região que operava, Beltrão emprega na UNICAP um modelo didático-pedagógico que influenciaria outros cursos de jornalismo do Brasil.

Como reflexo do sucesso obtido em Pernambuco, Luiz Beltrão é convidado para assumir a Cátedra de Pedagogia do Jornalismo do CIESPAL, fundada por Danton Jobim, onde, em 1963, ministra um curso sobre metodologia de ensino da técnica de elaboração de jornais. Tanto as aulas da UNICAP quanto as apostilas utilizadas nos cursos do CIESPAL transformaram-se em verdadeiros manuais de jornalismo, respectivamente denominados, Teoria e Prática do Jornalismo e Metodos de la Enseñanza de la Técnica del Periodismo, obras onde Beltrão explicita os fundamentos de seu pragmatismo pedagógico.

Corroborando também com o arcabouço didático pedagógico as pesquisas resultantes do pioneirismo de Luiz Beltrão ao fundar em 1963, o Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM – primeiro órgão de pesquisa universitária – e, conseqüentemente, a criação da primeira revista científica do Brasil, denominada Comunicações & Problemas. O primeiro número da revista traz seu artigo que serviria de base para a elaboração da folkcomunicação, a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira.

Pelo reconhecimento de seu trabalho, no ano de 1965, Beltrão é convidado pelo Governo Castelo Branco a assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Com o propósito de reestruturar a Faculdade de Comunicação, permanece em Brasília até 1969.

E é justamente nesta instituição que, no ano de 1967, defende sua tese de doutorado sobre Folkcomunicação, convertendo-se no primeiro Doutor em Ciências da Comunicação do Brasil. Os feitos de Luiz Beltrão no campo da comunicação são destacados por outros autores:

Luiz Beltrão converteu-se em ícone brasileiro das ciências da comunicação por seu tríplice pioneirismo: fundador do primeiro instituto universitário de pesquisa (1963), criador da primeira revista científica (1965) e autor da primeira tese de doutorado (1967) nessa área do conhecimento, em nosso país (DUARTE, 2001, p. 127).

Ainda em Brasília Beltrão atua como docente e pesquisador do Centro de Estudos Universitários de Brasília (CEUB). Beltrão trabalha também na Fundação Nacional do Índio (Funai) onde avalia o comportamento da imprensa brasileira ante a questão indígena. O resultado deste trabalho está reunido no livro “O índio, um mito brasileiro” lançado em 1977 pela Editora Vozes de Petrópolis.

Beltrão teve intensa produção científica sobre o campo comunicacional e ainda marcou seu nome na literatura com contos, novelas e romances.

No ano de 1985 teve um acidente vascular cerebral que o deixou paralisado das pernas. Sobre uma cadeira de rodas ainda teve forças para escrever e lançar o livro Subsídios para uma teoria da comunicação de massa.

Luiz Beltrão faleceu no Hospital das Forças Armadas em Brasília, no dia 24 de outubro de 1986, aos 68 anos.

Na carreira acadêmica Beltrão ajudou a estruturar diversos cursos de jornalismo no Nordeste e ainda lecionou em Juiz de Fora, no Rio Grande do Sul e na Universidade de São Paulo.

Esta síntese dos caminhos trilhados por Luiz Beltrão servirá de base para o detalhamento de seu pensamento.

Do conjunto da obra bibliográfica beltraniana, mais de vinte livros lançados, serão destacados livros que são peça chave no constructo da pedagogia do ensino do jornalismo que se pretende demonstrar a seguir.

## **CAPÍTULO III – A PEDAGOGIA DO JORNALISMO DE LUIZ BELTRÃO**

### **1 – Pedagogia de Luiz Beltrão para o ensino do Jornalismo**

Para revelar a Pedagogia da Comunicação voltada ao ensino do jornalismo feita pelo pioneiro Luiz Beltrão é necessário seguir um caminho ao longo do qual ele constrói o aporte teórico-metodológico utilizado para tal missão.

A trajetória pedagógica de Luiz Beltrão se configura mesclando teoria e prática sistematizadas em sua vasta bibliografia traduzida por autores que se ocuparam do assunto. Porém, somente as contribuições dos livros não elucidará por completo a grandiosidade do legado pedagógico que Luiz Beltrão deixa para a posteridade. É preciso que se entenda “nas entrelinhas” – como confidenciou seu discípulo José Marques de Melo – a sua prática educativa e comunicacional.

Para seguir essa trilha abordam-se analiticamente as obras de Beltrão em bibliografia específica. Há uma ordem cronológica das obras, salvo algumas necessárias digressões que expliquem demandas atemporais.

Os fatores e o contexto social que influenciaram a ação de Luiz Beltrão no processo de construção de uma pedagogia do jornalismo são elencados antes das obras e das práticas que apontam a ação didático-pedagógica beltraniana.

Iniciamos a trilha proposta por Beltrão entre os anos de 1953-1959 quando ele organizou suas ideias que culminaram no ensaio **Iniciação à Filosofia do Jornalismo** ganhador do Prêmio “Orlando Dantas” em 1959, porém lançado no ano seguinte. O primeiro de uma série de livros voltados para a sistematização do ensino do jornalismo no Brasil.

Em seguida, Beltrão parte para a prática pedagógica também no ano de 1959 quando inicia sua carreira acadêmica no recém-autorizado **Curso de jornalismo da Faculdade de Filosofia das Lourdinhas (Instituto Nossa Senhora de Lourdes)**, em João Pessoa.

No ano de 1960 ajuda a fundar e, em 1961, assume a coordenação do **Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)** onde desenvolveria grande parte de seu projeto pedagógico.

Esse pioneirismo e o sucesso alcançado com o modelo didático-pedagógico implantado na Universidade Católica de Pernambuco lhe renderam, no ano de 1963, o convite

para assumir a direção da Cátedra de Metodologia do Ensino de Jornalismo no **Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina – CIESPAL**.

Foi a partir daí que, em 1963, junto com a primeira turma do Curso de Jornalismo da UNICAP, Beltrão criou o **Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM)**, primeiro centro brasileiro de estudos acadêmicos sobre os fenômenos midiáticos, mantido pela Universidade Católica de Pernambuco.

Desta bem sucedida iniciativa surgiu a primeira equipe de pesquisadores de fenômenos comunicacionais e **A primeira revista científica da área no Brasil – Comunicações & Problemas** –, publicada a partir de 1965.

Luiz Beltrão ainda foi convidado, em 1965, para assumir a coordenação de **Faculdade de Comunicação de Massa da Universidade de Brasília** onde tentou implantar seus ideais pedagógicos construídos na UNICAP. Também foi em Brasília que se torna o primeiro Doutor em Comunicação do Brasil ao defender sua tese sob o título “**Folkcomunicação**, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias” no ano de 1967.

Além do livro *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, a obra de Luiz Beltrão, centrada em duas vertentes acadêmicas: teoria do jornalismo e teoria da comunicação constitui-se em um singular aporte para a construção de um modelo didático-pedagógico.

No plano didático, Beltrão resgata as teses defendidas na obra inicial com as apostilas **Métodos en la enseñanza de la técnica del periodismo** (Quito, CIESPAL, 1963) e **Técnica de Jornal** (Recife, ICINFORM, 1964). Outra contribuição significativa para a pedagogia viria com sua trilogia:

Como desdobramento pedagógico e síntese de divulgação teórica, ele resgata toda a sua maturidade como professor de jornalismo e planeja uma **trilogia didática**, que se configurou através dos livros: *A imprensa informativa* (São Paulo, Folco Masucci Editor, 1969), *Jornalismo Interpretativo* (Porto Alegre, Sulina, 1976) e *Jornalismo Opinativo* (Porto Alegre, Sulina, 1980) (MARQUES DE MELO, 1985, p.67, *grifos nossos*).

Luiz Beltrão ainda elaborou uma série de manuais destinados aos estudiosos do campo da comunicação. A divulgação científica vem com outra trilogia para iniciar interessados no conhecimento da **Teoria da Comunicação**.

Escreve, inicialmente, *Fundamentos científicos da comunicação* (Brasília, Thesaurus, 1973) e, depois, *Teoria geral da comunicação* (Brasília, Thesaurus, 1977). A série se completa, agora, com *Teoria da comunicação*

de massa, que a Summus Editorial lança em São Paulo na sua coleção “Novas Buscas em Comunicação” (MARQUES DE MELO, 1985, p.67).

Ao se debruçar sobre a trajetória profissional e acadêmica de Luiz Beltrão, o discípulo e continuador de sua obra, José Marques de Melo sintetiza a pedagogia de seu mestre. Por meio da Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Marques de Melo traz importante contribuição para perpetuar a obra do pioneiro dos estudos em Comunicação no Brasil.

A 10ª edição do Anuário UNESCO/Metodista de 2006, editado pela Universidade Metodista de São Paulo, apresenta uma compilação de mais de 30 anos que Luiz Beltrão dedicou à comunicação e ao jornalismo.

A edição monográfica com os diversos textos publicados por Luiz Beltrão está dividida em quatro partes: 1) - Teoria da Comunicação, 2) - Midiologia, 3) - Pedagogia da Comunicação e, para conformar a contribuição da Cátedra UNESCO Metodista na divulgação da obra do pioneiro, o 4) Apêndice retrata o Portal Luiz Beltrão.

Na terceira parte do livro, como o próprio título já diz, Marques de Melo resgata quatorze artigos publicados em congressos e conferências que sistematizam a pedagogia beltraniana.

Destaca-se então a preocupação de Luiz Beltrão com a formação superior, com a sistematização do ensino de jornalismo, com a pesquisa científica, com a estrutura curricular dos cursos sempre problemática, com a formação profissional dos jornalistas e a formação dos professores, com a distância entre a teoria e a prática e também entre a academia e o mercado. Luiz Beltrão descobre na prática a “importância da comunicação para a sociedade humana”, “o significado social do jornalista” e prega “a defesa do profissional jornalista especializado e, enfim, para tanto, a urgência da criação das escolas de jornalismo[...]” (HOHLFELDT, 2003, p.70-71).

Foi assim que Luiz Beltrão contribuiu e, ainda contribui para o campo da Comunicação. E, como bem pontua José Marques de Melo (1985, p.69), “Beltrão é um exemplo que pode inspirar tanto professores universitários a fazerem do seu cotidiano pedagógico não um mero ato de transferência de conhecimentos, mas de sistematização e de recriação”.

Enfim, coube a este introito, a tarefa de apontar os caminhos percorridos no constructo de uma pedagogia da comunicação por Luiz Beltrão mesmo antes que ele se tornasse docente.



## 2 – O conceito de Pedagogia

Desde o resumo deste trabalho até suas linhas conclusivas a expressão “Pedagogia” é recorrente. Para que ela não se torne meramente uma palavra de ordem é necessário elucidar o que é e o que se pretende utilizar como conceitos para balizar os caminhos que serão norteadores para sistematização de uma pedagogia voltada ao ensino do jornalismo elaborada por Luiz Beltrão.

O que nos diz o Dicionário Aurélio Eletrônico (2012) sobre o substantivo feminino pedagogia, do grego *paidagogía* é, em primeiro lugar, a teoria e ciência da educação e do ensino. Pode ser entendida ainda como o conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático. De outra forma, é traduzida como o estudo dos ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar estes ideais. Por fim, designa a profissão ou prática de ensinar.

Em seu livro “O que é Pedagogia”, Ghiraldelli Júnior (1987, p.8) relata que “Paidagogia designava, o acompanhamento e a vigilância do jovem. O Paidago (o condutor da criança) era o escravo cuja atividade consistia em guiar as crianças à escola, seja a didascaléia, onde receberiam as primeiras letras, seja o gymnásion, local de cultivo do corpo”.

Nos tempos contemporâneos, três vertentes de estudos educacionais conferem outras conotações para o termo pedagogia. Os aportes vieram da tradição “francesa, na linha da sociologia de Émile Durkheim (1858-1917), e as tradições alemã e americana, segundo as filosofias e psicologias de Johann Friedrich Herbart (1776-1841) e John Dewey (1859-1952) (GHIRALDELLI JR., 1987, p.8).

Entre o final do século XIX e o início do XX, Durkheim se empenha em conceituar "pedagogia", "educação" e "ciências da educação". A educação é definida como o fato social pelo qual uma sociedade transmite o seu patrimônio cultural e suas experiências de uma geração mais velha para uma mais nova, garantindo sua continuidade histórica. A pedagogia, por sua vez, é vista não propriamente como teoria da educação, ou pelo menos não como teoria da educação vigente, mas como literatura de contestação da educação em vigor e, portanto, afeita ao pensamento utópico. Contrariamente, teorias da

educação real e vigente deveriam seguir as ciências da educação.  
(GHIRALDELLI JR., 1987, p.8).

Já a tradição alemã traz as ideias de Herbart com outros conceitos para o termo pedagogia. Segundo Ghiraldelli Júnior (1987, p.8-9), “Herbart não separa ciência e pedagogia; ao contrário, é exatamente ele o formulador, em nossos tempos, da ideia da ‘pedagogia como ciência da educação’. Para tal, fundamenta a pedagogia na psicologia”.

Por conta da corrente filosófica denominada pragmatismo, Dewey não separa pedagogia e filosofia. A contribuição dessa corrente para a discussão filosófica contemporânea é a contestação da ideia tradicional de verdade — a verdade como correspondência — em favor da ideia pragmática de verdade — “a verdade é o útil”. (GHIRALDELLI, 1987, p. 8-9)

Sendo assim, uma filosofia, ou melhor, uma teoria do conhecimento de cunho filosófico, pode ser vista como verdadeira, para Dewey, a partir de seus resultados práticos — sua “utilidade”. Ora, pergunta Dewey, qual o melhor lugar para averiguar a veracidade — a validade — de uma teoria do conhecimento senão na situação de ensino? Desse modo, Dewey subverte a consagrada relação entre filosofia e educação. O importante é menos o estabelecimento de fins para a educação propostos pela filosofia e mais a averiguação da veracidade de uma filosofia (uma teoria do conhecimento) proporcionada pela educação. A educação torna-se o banco de provas da filosofia. A filosofia, então, é uma filosofia da educação. Pedagogia, filosofia e filosofia da educação, na concepção deweyana, tornam-se, em alguma medida, sinônimos. (GHIRALDELLI JR., 1987, p.9).

Seguindo as tradições forâneas, na contemporaneidade, estudiosos da educação e de outras áreas “utilizam-se do termo pedagogia, alternada ou concomitantemente, negativa ou positivamente, nas acepções definidas acima, isto é, como utopia educacional, como ciência da educação e como filosofia da educação” (GHIRALDELLI JR., 1987, p.9).

Com certeza muito mais se teria para dizer sobre o que é pedagogia. Autores como, o filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592), o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e o epistemólogo e psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1983), trariam muitas contribuições aos conceitos sobre a pedagogia. Mas este não é o propósito desta pesquisa.

Conquanto, os conceitos traçados por Durkheim, Herbart e Dewey devem bastar para a consecução da tarefa.

Então, de posse dos conceitos acima descritos, busca-se demonstrar as peculiaridades do projeto pedagógico voltado para o ensino do jornalismo estruturado ao longo do tempo por Luiz Beltrão.

Então temos que observar como Luiz Beltrão conceituou a teoria e a ciência da educação e do ensino voltados para o jornalismo. Quais foram as doutrinas, os princípios e os métodos de educação e instrução que ele utilizou para ensinar o jornalismo. Esse processo visa apontar os ideais que levaram Luiz Beltrão a criar processos e técnicas para ensinar de maneira simples e objetiva o jornalismo.

### **3 – O contexto social**

Os fatores que influenciaram na pedagogia do jornalismo de Luiz Beltrão sedimentam seu ideário voltado para o bem comum, para a coletividade e, prioritariamente, para os “marginalizados” do sistema de comunicação como aponta em sua Teoria da Folkcomunicação. Dentre esses fatores, não há como dissociar ou não levar-se em consideração o contexto sócio-econômico-político e cultural em que os fatos se deram.

O contexto da vida de Luiz Beltrão se imbrica com a conjuntura histórica do jornalismo e revela desde a formação moral e ética, humanística e prática que influenciará na formatação de uma pedagogia da comunicação voltada ao ensino do jornalismo.

Desde muito pequeno apreende de seu contexto as desigualdades sociais reveladas em seu romance de estreia *Senhores do Mundo*.

Beltrão constitui um microcosmo da própria sociedade recifense, pernambucana e brasileira, marcada pela emigração rural, pela nascente marginalização urbana, por todo aquele processo que a Sociologia tão bem identifica e teve lugar na passagem das décadas de 40 para 50, logo depois de finda a II Grande Guerra, mudando completamente a paisagem social Brasileira (HOHLFELDT, 2003, p. 75).

É neste contexto de mudança que o jovem Luiz Beltrão, já na prática jornalística, vivencia a realidade dos regimes políticos desde a República Velha passando pelo Estado Novo e pela República Populista desembocando na Ditadura Militar.

Na prática dos jornais Diário e Folha de Pernambuco, enxerga a importância da comunicação e do jornalismo e inicia sua militância na Associação de Imprensa de Pernambuco (AIP) e no Sindicato dos Jornalistas. Busca na teoria do jornalismo conferida pelos livros e suas viagens ao exterior, mais subsídios para seus conhecimentos.

Beltrão vê na comunicação um fator decisivo para o desenvolvimento do Brasil e no jornalismo uma forma de intervir na cena comunicacional e ajudar a melhorar a vida de seus semelhantes. No cenário da década de 1960, Luiz Beltrão se exaspera com o descrédito das “elites dominantes” para com a comunicação e relata o fato: “Infelizmente falta-nos a tradição da Comunicação. “Ficamos marcando passo, numa eterna ordem unida [...] enquanto outros povos marchavam celebrenemente, convencidos de que um século viria em que a humanidade pra [sic] continuar existindo necessitaria, antes de tudo, de saber comunicar-se” (BELTRÃO, 201), p.36).

Diante do status alcançado pela comunicação Luiz Beltrão sente a necessidade premente da profissionalização feita por meio do ensino superior e, junto o interesse na academia. “Eu comecei a perceber que era preciso estudar Jornalismo para poder fazer jornalismo. Esse foi o princípio do meu interesse pelo ensino de Jornalismo”, relata Beltrão (MARQUES DE MELO *et al*, 2011, p. 293).

As ideias de Beltrão situam-se no momento histórico em que o Brasil entrava na conjuntura de uma sociedade que se industrializava, modernizava e massificava.

Historicamente o ensino do jornalismo no Brasil sofreu ingerência do Estado que tem nas escolas de comunicação um de seus aparelhos ideológicos. Justo na efervescência da criação dos cursos de jornalismo calha o momento histórico do golpe do Estado Novo (1937-1945) frustrando importante iniciativa,

[...] uma vez que o Estado Novo liquidou a estrutura universitária criada por Anísio Teixeira e manteve apenas aqueles cursos que dispunham de similares na Universidade do Brasil, para onde foram transferidos os alunos inscritos, nos termos do Decreto-Lei 1.063, de 20 de janeiro de 1939 (MARQUES DE MELO, 1974, p.17).

Na sua militância na Associação de Imprensa Pernambucana – AIP – onde ingressou desde 1939, Beltrão lutou contra os resquícios da ditadura do Estado Novo, defendendo teses de melhorias no jornalismo nos diversos congressos que participou como representante da entidade.

Outro momento tenebroso para os cursos de jornalismo vem com o golpe militar de 1964, considerado o mais duro golpe na democracia que perdura até 1985. Mas, curiosamente, registrou-se nesta mesma época um crescimento dos cursos de jornalismo no Brasil.

O decreto AI-5 (Ato Institucional número 5) que entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968 durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva não deixa dúvidas sobre o cerceamento da liberdade.

O prolongado autoritarismo que o país sofreu nos últimos quinze anos repercutiu de forma dramática em todos os setores da vida nacional. Mas foi sem dúvida nas instituições universitárias onde se produziram enormes traumatismos. Não foi apenas a violência da aposentadoria e cassação branca de docentes ou da expulsão de discentes, frutos da triagem ideológica e da perseguição gratuita a desafetos pessoais ou a personalidades marcadas pela atuação crítica. Foi principalmente, o clima de terror e medo, que se instaurou no ambiente universitário, eliminando praticamente a possibilidade do debate democrático e da convivência pluralista. Nas escolas de comunicação, que aliás se multiplicaram em meio a esse período de trevas, o espaço para a atividade criativa, para a reflexão inovadora, para o rompimento das estruturas obsoletas, praticamente inexistiu (MARQUES DE MELO; FADUL; SILVA, 1979, p.07).

Embora tenha sido convidado para assumir o comando do Curso de Jornalismo na Universidade de Brasília, o golpe militar de 1964 traria consequências desastrosas na carreira acadêmica de Luiz Beltrão, impedindo-o até mesmo de receber seu título de primeiro doutor em comunicação do Brasil.

Na sequência, procura-se demonstrar que, apesar de todas as adversidades, Luiz Beltrão conseguiu alicerçar sólida pedagogia do jornalismo e contribuir para a sistematização do ensino da área no Brasil.

#### **4 – Base pedagógica na obra “Iniciação à Filosofia do Jornalismo”**

Na década de 1950, durante suas viagens ao exterior, Luiz Beltrão viu que países desenvolvidos davam mais importância à comunicação e aos agentes que iriam manipular a informação ao ponto de interferirem na formação da opinião. Beltrão (1960, p.15) não se conforma com “a constatação desoladora do desapareço em que é tido o jornalismo no Brasil”. Diante da importância crucial da comunicação, como poderiam as autoridades competentes ficar inertes? A passividade no trato com a comunicação e na formação profissional dos jornalistas incomoda Beltrão que não se faz de rogado e agarra essa bandeira que irá defender até o fim de seus dias.

Os conhecimentos adquiridos conferem a Luiz Beltrão o direito de assumir posturas rígidas, porém coerentes, nos mais diversos eventos, reuniões de classe e nos congressos que participou.

Nesses eventos, Luiz Beltrão, desde o início da década de 1950, já desempenhava um esforço para a formulação de um conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático, ou seja, o princípio da sistematização de uma pedagogia da comunicação voltada para o ensino do jornalismo.

Uma necessária digressão que remete ao III Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em Recife – PE –, no ano de 1951, mostra o início da luta pelo jornalismo quando Luiz Beltrão (2006, p.361) só pode se manifestar depois que esclareceu “na tribuna que a tese tratava unicamente, da formação profissional a nível universitário já praticada nos países líderes de ambos os hemisférios”. Conta que, desta forma, teve aprovação geral, sob aplausos especiais da pequena e oprimida delegação de estudantes da Cásper Líbero. E arremata: “foi esta tese a pedra fundamental do ensaio *Iniciação à filosofia do jornalismo*” (BELTRÃO 2006, p.361).

A defesa de sua tese em incisiva participação como Delegado Pernambucano no V Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em Curitiba – PR –, em setembro de 1953, causou inquietações nos participantes. A incipiência dos cursos de jornalismo que ainda lutavam para se afirmarem em meio a muitas vozes opositoras, ganhou no teor do documento de Beltrão um aliado na luta. De forma franca e direta, considerada até avançada para os moldes político-sociais da época, expõe seu pensamento sobre o jornalismo como fator determinante para o contexto social.

O documento, intitulado *Liberdade de imprensa e formação profissional*, ia encontrar na legislação e na prática do jornalismo tanto nos Estados Unidos e do bloco ocidental como da União Soviética e do bloco socialista o mesmo cuidado com a preparação intelectual e filosofia dos agentes sociais da comunicação, capacitando-os à defesa de pontos de vista contrastantes que, no entanto, deveriam corresponder aos anseios e ideais da comunidade a que serviam (BELTRÃO, 2006, p.360).

Nos textos apresentados nos dois congressos vê-se a preocupação de Luiz Beltrão com a formação em nível universitário dos jornalistas. A consequência desta defesa aponta preliminarmente para a construção de um projeto pedagógico para o ensino do jornalismo que preparasse o profissional para atuar na área. Porém, como o próprio Beltrão relata, a compilação dos textos encerram o lançamento de *Iniciação à Filosofia do jornalismo* no ano

de 1960, ponto de partida para a sistematização de uma pedagogia voltada para o ensino do jornalismo.

Como resultado da compilação dos postulados em teses defendidas nesses eventos e, visando atender a uma demanda da bibliografia brasileira, segundo Beltrão (1960, p.19) sem “nenhum estudo sistemático desses problemas”, lança então seu primeiro livro ensaio: *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, no ano de 1960. Conforme atesta José Marques de Melo (1991, p.148), “a primeira contribuição para a teoria do jornalismo é o livro *Iniciação à filosofia do jornalismo* (Rio de Janeiro, Agir, 1960)”.

Neste trabalho foram aproveitadas e ampliadas teses elaboradas, debatidas e aprovadas nos Congressos Nacionais de Jornalistas realizados no Recife, em 1951, em Curitiba, em 1953 e em Belo Horizonte, em 1955; pesquisas e estudos feitos por ocasião das nossas visitas aos Estados Unidos, em 1954, [...] e às Republicas Populares da Tchecoslováquia e da China [...], durante a realização da I Conferência Mundial de Entidades de Imprensa, em São Paulo, em 1954; no I Encontro Internacional de Jornalistas, efetuado em Helsinque, Finlândia em 1956, e no IV Congresso da Organização Internacional de Jornalistas, em Bucarest, Romênia, em 1958; [...] (BELTRÃO, 1960, p.20).

O livro-ensaio de Beltrão (1960, p.20) resume “ainda apostilas para o exercício das cátedras de Ética, História e Legislação da Imprensa e Técnica de Jornal”. O fato marca os primeiros passos da prática pedagógica de Luiz Beltrão anotada pelo pesquisador Osvaldo Meira Trigueiro como “idealizador e docente do primeiro curso de bacharelado em jornalismo do Nordeste, criado em 1957 e mantido pela Faculdade de Filosofia administrada pela Congregação de Nossa Senhora de Lourdes, com sede na cidade de João Pessoa”. (MARQUES DE MELO; TRIGUEIRO, 2008, p.171)

Continuamos com o pensamento de Marques de Melo que explica a importância cabal do livro que

[...] conquista o Prêmio Orlando Dantas, do Diário de Notícias, e suscita a atenção dos meios profissionais pela sua originalidade. Diversamente das obras escritas por jornalistas, quase todas enveredando pelo historicismo, memorialismo ou não, ou pelo legalismo, o seu ensaio contextualiza a atividade da comunicação pública, destacando seu ângulo noticioso e situando-o no arcabouço sociopolítico que reproduz e afeta. Trata-se de um livro que se torna clássico imediatamente e serve de ponto de partida para inúmeros estudiosos que prosseguiram a análise dos fenômenos jornalísticos brasileiros (MARQUES DE MELO, 1985, p.66).

Corroborar a assertiva a visão de Nicolau José Carvalho Maranini (*apud* MARQUES DE MELO; TRIGUEIRO, 2008, p.52) quando relata que “Beltrão começou a estruturar a teoria e de orientação de ensino ao jornalismo, com o primeiro livro *Iniciação do Jornalismo*”. Já Antonio Hohlfeldt (2008, p.82) diz que a obra “é verdadeiramente pioneira e contribuiu, por certo, para a ampliação da preocupação pedagógica de preparação do jornalista profissional”.

No prefácio da obra, Waldemar Lopes (1960, p.10) destaca “o caráter quase didático da obra, cuja utilidade para os alunos das nossas Escolas de Jornalismo é evidente”.

Adotar o conselho de José Marques de Melo (2011, p.394) quando diz que “é ao livro de Luiz Beltrão que dedicaremos especial atenção [...] cujos fundamentos pedagógicos renovaram o ensino de jornalismo em toda América Latina”, visa apontar os caminhos para ratificar tal assertiva.

Respaldo pela larga experiência profissional e pela militância, logo no introito da obra, Beltrão (1960, p.15) se revolta com o “desapreço em que é tido o jornalismo no Brasil”, fato observado “justamente nas elites” restringindo a “liberdade de informar e de opinar”. Relata o menosprezo das elites dirigentes que não contemplam nos planos e programas de desenvolvimento em plena fase de industrialização do país, relegando a segundo plano a montagem das indústrias para suprir as necessidades dos veículos jornalísticos.

A importância vital da comunicação, do jornalismo e, conseqüentemente do jornalista para o desenvolvimento do Brasil é definida na descrição dos prejuízos da falta de informação causada pelo desprezo das elites dirigentes.

Percentagem significativa da população [...] permanece e permanecerá à margem dos movimentos de construção e recuperação nacionais, das ideias políticas, dos sistemas filosóficos, da evolução científica, artística e social em foco no nosso tempo, como um peso morto, a impossibilitar a marcha do país para a conquista da posição de relevo que lhe compete no concerto universal (BELTRÃO, 1960, p.16).

Na observância do estudo crítico sobre o jornalismo brasileiro feito pelo professor cubano Octavio de la Suarée, Beltrão anota a grave ingerência da sociedade e do governo sendo paternalista, conquanto, o jornalista não subverta a ordem estabelecida. Pondera Beltrão (1960, p.18) que tal situação é passível pela falta de “duas condições essenciais ao seu aprimoramento: – a garantia do exercício da liberdade e a oportunidade de uma adequada formação profissional”.



Reclama das deficiências do ensino do jornalismo no Brasil em base científica e técnica relegado a segundo plano “enquanto em todo o mundo procura-se educar o jornalista pra o exercício da liberdade e da profissão [...]” (BELTRÃO, 1960, p.18).

Enxerga nesses entraves todos uma falta de informação e de conhecimento do que seja o jornalismo em sua essência: a busca pela verdadeira democracia, a liberdade.

Propõe-se então, em *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, mostrar a importância vital da comunicação e do jornalismo e que esse último, não é um bicho de sete cabeças, porém, tem-se que estar preparado para lidar com ele. Neste aspecto concentra-se o esforço de Luiz Beltrão para a formação profissional do jornalista.

É aqui que Beltrão começa a compor sua bibliografia que servirá de base à pedagogia do ensino do jornalismo. E, para não deixar dúvidas quanto à importância do fato de se educar da melhor forma os jornalistas, afirma:

Esperamos firmemente que este ensaio seja útil, de modo especial às nossas elites, advertindo-as das graves responsabilidades com que arcam para a construção do futuro do nosso país, pela defesa intransigente dos nossos foros de cultura e de civilização, pela promoção do nosso desenvolvimento social e econômico e pela consolidação das nossas instituições democráticas, as quais repousam, sem dúvida, na existência de um jornalismo livre, vigoroso e respeitado (BELTRÃO, 1960, p.19-20).

O jornalismo a que se refere Beltrão somente será alcançado se for levado a cabo por jornalistas competentes e, para tanto, necessitam ser preparados para essa missão. Os princípios, métodos e doutrinas para essa preparação constituem a pedagogia do ensino do jornalismo e estão dispostos na obra e nas ações de Luiz Beltrão.

Beltrão (1960, p.23) inicia seu livro-ensaio ditando que “Entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a uma necessidade do espírito e da vida social quanto o jornalismo” e segue dizendo que:

É próprio da nossa natureza informar-se e informar, reunir a maior soma de conhecimentos possível do que ocorre no nosso grupo familiar, nas vizinhanças, na comunidade em que vivemos, entre os povos que nos rodeiam e, mesmo, nos mais longínquos rincões do mundo. Através desse conhecimento dos fatos, o homem como que alimenta o seu espírito e, fortalecendo-se no exame das causas e consequências dos acontecimentos, sente-se apto à ação (BELTRÃO, 1960, p.23).

Neste conceito sobre a importância do jornalismo, Luiz Beltrão irá fundamentar sua proposta para o ensino do jornalismo no Brasil. Se a sociedade ávida pela informação não

pode prescindir do bom jornalismo, tanto maior terá que ser o cuidado com a preparação dos jornalistas. Tal premissa encontra respaldo na visão de Luiz Beltrão que, após fazer uma síntese histórica, (1960, p.60), ratifica a importância apontando “o jornalismo como atividade essencial à vida das coletividades, como uma instituição social que, no mundo moderno, assume posição da mais alta relevância”.

Beltrão (1960, p.62) relata que o “jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”.

Em síntese, pode-se afirmar que, Luiz Beltrão com mais de um quarto de século de prática profissional, com sua militância na área, com suas viagens internacionais, com seu profundo estudo sobre o jornalismo, enxergou precocemente a importância da comunicação no processo do desenvolvimento do Brasil. Junto com essa assertiva, notou que, primeiramente, havia a necessidade premente de se preparar os agentes para o que, posteriormente, Beltrão (2006, p.36) chamou de “a batalha da comunicação”.

É com essa visão vanguardista do mundo e um sólido sentimento nacionalista que Luiz Beltrão se lança à missão de preparar jornalistas para a nobre incumbência de promoverem o bem comum.

O jornalista profissional começa a dar espaço para o mestre, o professor de jornalismo que irá preparar com todo acuro um caminho próprio para ensinar seus discípulos da maneira mais adequada possível frente às realidades da época.

No plano pedagógico, em conformidade com o próprio título, *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* não se limita às técnicas do jornalismo, mas alicerçada em conceitos filosóficos dá aos leitores os necessários ensinamentos humanísticos que irão nortear os passos do jornalismo como uma questão social e de responsabilidade dos jornalistas.

O respaldo para tanto lhe é facultado também por ocupar as cátedras de Ética, História e Legislação da Imprensa e Técnica de Jornal do primeiro curso de jornalismo do Nordeste, em Recife, Pernambuco. De um lado todos os conceitos humanísticos da profissão com uma preocupação com os fundamentos morais e, de outro, a arte de fazer jornal contando com sua grande experiência de vida.

É assim que Beltrão, de maneira simples e didática, vai sistematizar todo o seu conhecimento adquirido. José Marques de Melo (2007, p.26) sintetiza as quatro partes em que o livro é dividido onde Beltrão traça a gênese jornalística “descrevendo minuciosamente as “manifestações” jornalísticas e projetando seus “caracteres”, para depois explicar quem são os “agentes” do Jornalismo e em que “condições” operam”.

A busca pelo estado da arte do jornalismo por meio de ampla bibliografia científica internacional e nacional e, ainda, pautada no conhecimento de informações trocadas com pessoas da área em todo o mundo, deixa clara a preocupação de Luiz Beltrão em manter-se atualizado sobre os assuntos da comunicação.

Usando esses aportes, em perspectiva filosófica, o autor teoriza sobre o percurso diacrônico do jornalismo desde os primórdios, retrocedendo ao que denomina de “pré-história do jornalismo” (BELTRÃO, 1960, p.24) na China e na Babilônia, segundo ele, ponto de partida de ações que poderiam ser consideradas como jornalísticas.

No desdobramento da obra passa ainda pela fase histórica do jornalismo no mundo contemporâneo e, finalmente, conduz sua análise para uma perspectiva brasileira.

Na segunda parte, denominada “Os caracteres do jornalismo” (1960, p.63-65), Beltrão examina de forma didática “os caracteres fundamentais do jornalismo, aqueles atributos que o distinguem das demais manifestações da atividade e do engenho humano”, quais sejam: “a atualidade, a variedade, a interpretação, a periodicidade, a popularidade e a promoção” jornalísticas.

O caráter didático da obra é evidenciado na observação do pesquisador Antonio Hohlfeldt (2010, p.32) quando relata que “mesmo no desenvolvimento de uma reflexão teórica como a realizada em livro, Luiz Beltrão jamais se afasta da perspectiva jornalística”, explica que o autor mantém “exemplos atualizados e conhecidos do leitor, de modo a facilitar-lhe a compreensão do que ele expõe e defende”.

Dando continuidade ao plano pedagógico que propôs oferecer, na terceira parte da obra Beltrão (1960, p.115) apresenta e detalha o que ele conceitua como “os agentes do jornalismo”, descritos por ele como “o público, o editor, o técnico e o jornalista”.

Princiando sua explicação, o autor reafirma sua posição sobre o jornalismo e sua importância no contexto social construída até aqui no bojo da obra e ressalta a importância do público como agente do jornalismo.

A través de tudo quanto ficou dito até aqui, constatamos que o jornalismo tem a sua causa e o seu objeto no organismo social. Nenhum povo, nenhuma coletividade dispensa o jornalismo. Sem a informação e a orientação que o jornalismo transmite, a vida social seria impossível e o próprio Robinson Crusóe, logo que se pôs em contacto com “Sexta-Feira”, entrou a tentar informar-se e transmitir-lhe informações, a fim de que lhe fôsse possível viver em harmonia com ele. O jornalismo é feito, pois, do público e para o público. E, também, como o verificaremos a seguir, pelo público. O que equivale a dizer que o público é um dos agentes do jornalismo, como o são o editor, o técnico e o jornalista (BELTRÃO, 1960, p.117).

Explica as características de cada um dos agentes conformando e especificando didaticamente a função de cada um deles no contexto jornalístico. No entanto, propositalmente, Beltrão (1960, p.158) deixa por último o que chama de “máquina pensante, o jornalista, que executa um trabalho criador e inovador, polimorfo e complexo”. Tal ênfase corrobora com o princípio da pedagogia voltada ao ensino de jornalismo de Luiz Beltrão quando ele impinge um grau de importância à comunicação, ao jornalismo e, principalmente, à formação profissional do jornalista que, segundo ele, (1960, p.160), tem “a sua vocação no servir de porta-voz e intérprete dos fatos sociais”.

Em seguida, conservando a característica filosófica da obra, Beltrão (1960, p.161) destaca “os atributos do autêntico jornalista”: “curiosidade comunicativa”, “fecundidade jornalística”, “objetividade”, “discrição” e “senso ético”, evidenciando os predicados de cada um.

Analisando esta parte do livro, Antonio Hohlfeldt (2010, p.35) conclui ainda “que a organização da obra não atende apenas a um requisito de clareza ou objetividade pedagógica, mas, sobretudo, a uma perspectiva filosófica (e ética), tão claramente expressa no título do livro”.

Beltrão (1960, p.170) encerra a terceira parte do livro apelando para a consciência do jornalista para “cultivar qualidades e dons” para desenvolver um jornalismo “ético e estético” que responda às “necessidades do espírito do homem”.

No quarto e último capítulo de Iniciação à Filosofia do Jornalismo, Beltrão retrata “As condições do Jornalismo” analisando filosoficamente, “O Problema da Liberdade” e “O Problema da Responsabilidade”.

Abordadas como condição do exercício do jornalismo, liberdade e responsabilidade são apontadas pelo autor como sendo função da sociedade e do Estado. Beltrão (1960, p.173) situa as “relações entre jornalismo e liberdade, jornalismo e reponsabilidade e os reflexos que quaisquer distorções produzem no exercício dessa atividade”.

O autor reconhece o jornalista como intelectual que tem o dever da defesa intransigente da liberdade, bem como o dever de exercitá-la amplamente no cumprimento de sua missão de ajudar a sociedade.

Já “ao Poder Público não cabe outra tarefa que a de proteger essa liberdade, a de assegurá-la, a de garanti-la por todos os meios, não apenas no termo da lei mas real e efetivamente”, atribui Beltrão (1960, p.175).

Defende que o jornalista tenha educação especial para a liberdade ressaltando que fora, justamente, essa “educação especial para a liberdade e opinar que movia Joseph Pulitzer, na

sua iniciativa vitoriosa de criar a Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia” (BELTRÃO, 1960, p.179).

Destaca o ensino do jornalismo nos Estados Unidos e o início da empreitada da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura – UNESCO – para a formação profissional do jornalista. Traça ainda um perfil do desenvolvimento do ensino técnico profissional de jornalismo no mundo.

Diante do exposto acima, vê-se claramente que Luiz Beltrão estava antenado com a movimentação mundial em torno do ensino do jornalismo e defendia incontinentemente a preparação dos jornalistas brasileiros. Porém, ele tinha uma visão ainda mais ampla sobre o problema:

Mas não é apenas, o jornalista que necessita, em qualquer parte, sobretudo no nosso país, de uma educação especial, que o torne apto à defesa da liberdade de opinião. É o próprio povo, é o ouvinte, é o espectador do cinema e da TV, cujo dever fundamental é, sem dúvida, preservar esse bem, legando-o, ampliado e firme aos seus pósteros, como o fizeram as gerações passadas (BELTRÃO, 1960, p.184).

A questão sempre pertinente da educação como um dos pilares da democracia está implícita neste apelo de Beltrão para que o povo esteja apto a defender sua própria liberdade. Espera que este povo reconheça no jornalismo responsável uma ferramenta da democracia e o defenda também. Enxergando no jornalista um arauto da democracia, é natural que procure uma pedagogia que o capacite por completo para tal missão.

Mas há ainda a responsabilidade a que se obriga o jornalismo e que se mostra uma questão ética em profundidade que Luiz Beltrão irá cobrar de forma contundente. Neste caso são três os aspectos:

Para com o indivíduo e a coletividade (jornalismo e moral); para com a pátria (jornalismo e nacionalismo) e para com a comunidade internacional (jornalismo e paz mundial). Estes três tópicos são fundamentais na fixação do conceito e das diretrizes de uma atividade jornalística livre e consciente das suas verdadeiras e legítimas finalidades (BELTRÃO, 1960, p.185).

Discorre questões sobre a ética jornalística no Brasil e mundo apontando deficiências e aportes e leis e códigos de ética no jornalismo. Abomina o jornalismo sensacionalista e defende o bom jornalismo, aquele voltado para o bem comum, a defesa da coletividade.

Luiz Beltrão (1960, p.199) cobra o que, para ele, seria um dos motivos do desapareço para com o jornalismo, qual seja: a “falta de conformação do seu exercício às normas da

moral comum e da moral profissional”. Porém, finaliza de forma otimista acreditando no exercício da profissão no Brasil.

O primeiro livro sobre Teoria do Jornalismo “Iniciação à Filosofia do Jornalismo” demonstra o pensamento de Luiz Beltrão voltado para a comunicação, para o jornalismo e, prioritariamente, sistematizando uma pedagogia para a formação profissional do jornalista. Tudo isso em favor única e exclusivamente do desenvolvimento e da soberania de seu país, o Brasil.

Tomado por um sentimento de nacionalismo, Luiz Beltrão, se esmera em seu ofício, agora não mais de jornalista, mas sim de professor, para tentar transmitir todo o seu conhecimento àqueles que queiram fazer do bom jornalismo uma ferramenta para disseminar a informação e com isso melhorar o mundo em que vive.

Esse é o sentimento que Beltrão transmite em toda a sua pedagogia voltada para o ensino do fenômeno jornalístico em uma dimensão social. Conforme atesta o pesquisador Jorge Duarte:

Com o livro, Beltrão abriu caminho para uma literatura jornalística especializada, didática, que adotava como referência os principais conceitos da bibliografia internacional, adaptados à realidade nacional. Numa época em que o jornalismo como profissão era desacreditado, preocupava-se em sistematizar informações e disseminá-las de maneira a tornar a informação dos meios de comunicação de massa mais próxima da sociedade (DUARTE, 2001).

Assim, Iniciação à filosofia do jornalismo é um livro fundamental com um aporte teórico-metodológico para a pedagogia da comunicação que se torna um manual completo sobre os princípios do jornalismo.

Guardada a questão das limitações temporais– “se levarmos em conta que esse texto foi escrito ao longo da década de 50 (séc. XX)”, como aponta Antonio Hohlfeldt (2010, p.35), “não deixa de ser espantoso que Beltrão tenha antecipado fenômenos que, nas décadas seguintes, e, sobretudo nesses primeiros momentos do século XXI nada mais fizeram que se ampliar”.

Diante do exposto, em boa parte, o livro ainda é uma fonte confiável para abastecer estudiosos, pesquisadores, profissionais e, principalmente, de forma pedagógica, a academia oferecendo as novas gerações de futuros jornalistas uma base sólida à sua formação.

Embora autores como Alceu de Amoroso Lima e Antônio Olinto se debruçassem sobre o tema, Iniciação à filosofia do jornalismo foi o primeiro estudo sistemático da área em

língua portuguesa a se tornar um livro didático e técnico voltado especialmente para os estudantes de jornalismo.

## **5 – Início da prática pedagógica nos cursos de Jornalismo**

Os passos seguintes revelam o momento de transição entre o jornalista e o acadêmico Luiz Beltrão aplicando seu modelo didático-pedagógico nos primeiros cursos de jornalismo do Nordeste brasileiro. Não obstante é correto salientar que, como jornalista, Luiz Beltrão já redigia sua obra com estilo acadêmico.

Todos os caminhos trilhados, todos os ensinamentos recebidos revelam a Luiz Beltrão (2006, p.35) a importância da “comunicação no processo de desenvolvimento” do Brasil. Por isso mesmo, Beltrão abordava o fenômeno jornalístico como uma questão social e defendia o que conceituava de “o bom jornalismo”.

Porém, o jornalismo no cenário nacional é frágil frente à realidade observada por ele em outras nações mais desenvolvidas. Inconformado com a situação, inicia uma campanha para alertar a sociedade sobre a importância da comunicação e, conseqüentemente, da formação do jornalista, visto por Beltrão como o seu principal artífice.

Torna-se, durante a década de 1950, um dos mais ferrenhos defensores da formação universitária dos jornalistas como forma de suprir tal fragilidade. Em meio a um contexto sócio-político desfavorável impingido pelo descaso do governo para com a Comunicação e pela ideia contrária do próprio meio jornalístico, Beltrão faz sua militância intransigente nos congressos e eventos da área. Em teses defendidas, fixam-se conceitos que, mais tarde, compilados no livro *Iniciação à filosofia do jornalismo* sistematizam uma pedagogia da comunicação voltada ao ensino do jornalismo, foco de sua atenção. O sucesso do livro, ganhador do conceituado prêmio “Orlando Dantas”, de 1959, reflete o saber e o discernimento comunicacional de Luiz Beltrão, que goza então de prestígio perante a sociedade.

A eloquência da obra pioneira nos estudos de jornalismo chama atenção dos estudiosos do Brasil e de outros países mundo afora. Neste bojo está Nilo Pereira, que após trabalhar muito tempo no *Jornal Folha da Manhã* com Luiz Beltrão, terá papel preponderante no início de sua prática pedagógica:

O ano de 1959 é particularmente marcante na história do ensino de jornalismo no Nordeste. Nele, as irmãs da Congregação de Nossa Senhora de Lourdes [...] conseguem autorização para o funcionamento do Curso de Jornalismo na capital paraibana. Ali, por indicação do jornalista, professor e

escritor, Nilo Pereira [...] iniciei, com entusiasmo, minha carreira de professor (BELTRÃO, 2006, p.361).

Nesta instituição Beltrão enxerga uma oportunidade ímpar de transmitir seus conhecimentos e, então, começa a praticar sua pedagogia até agora alicerçada em base teórica e técnica nos fundamentos filosóficos de seu livro e prática em sua experiência acumulada nos mais de vinte e cinco anos de uma carreira bem sucedida.

Na falta de orientadores das disciplinas técnicas e “preocupado com a formação universitária dos jovens jornalistas” (MARQUES DE MELO, 2007, p.31) Beltrão inicia a carreira acadêmica como professor de Técnica de Jornal, Publicidade, Radiojornalismo e Ética, História e Legislação da Imprensa, no pioneiro Curso de Jornalismo Instituto “Nossa Senhora de Lourdes”, em João Pessoa, na Paraíba, no ano de 1959.

Conta Beltrão (2006, p.361) que por três anos, semanalmente, ia de Recife para João Pessoa, onde pernoitava, lecionando em aulas noturnas e diurnas. No ano de 1961 acompanha a formatura da primeira turma de jornalistas profissionais nordestinos a se tornarem bacharéis com diploma universitário.

Anos mais tarde, frutos dessa iniciativa pioneira iriam despontar nas figuras eminentes dos jornalistas Willis Leal e Arael Menezes que se tornaram professores do próprio Instituto das Lourdinhas e deram sequência à pedagogia de Luiz Beltrão.

O curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP –, o terceiro implantado no Brasil, é a base onde Luiz Beltrão concretiza toda a sua ação pedagógica planejada e fundamentada sob o tripé ensino-pesquisa-extensão.

Da UNICAP, o projeto pedagógico beltraniano alcança projeção nacional e internacional após várias iniciativas bem sucedidas. Porém, até alcançar esse estágio, conta a história que o mestre teve que transpor vários problemas.

Assim, concomitante às aulas em João Pessoa, Luiz Beltrão liderava uma campanha e “havia apresentado o projeto para a criação de um Curso Superior de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, iniciativa acolhida pela congregação dos jesuítas” (MARQUES DE MELO, 2007, p.31).

Resignado, Beltrão enfrenta problemas com a grande imprensa que era contrária à implantação dos cursos de jornalismo defendendo que o jornalismo era uma vocação inata e que o jornalista aprendia no dia-a-dia da profissão.

Apesar dos problemas, no ano de 1961 funda o Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco, onde se torna o primeiro coordenador de



curso do país. A primeira turma do curso conta com trinta e dois integrantes. E é neste ambiente acadêmico que Luiz Beltrão começa a fazer por merecer o destaque de “renovador do ensino de jornalismo no Brasil” atribuído por José Marques de Melo (2007, p.26).

O documento elaborado por Beltrão “Reestruturação de emergência para os Cursos de Jornalismo” publicado no Indicador dos Profissionais da Imprensa (Ano V, v. nº 9, p.05-56) em 1960 no Rio de Janeiro, demonstra seu conhecimento de causa e dá a dimensão de seu envolvimento na defesa do ensino do jornalismo em nível superior.

Beltrão implanta no Curso de Jornalismo da UNICAP, a reestruturação de emergência para os Cursos de Jornalismo que fora por ele sugerida durante a IV Conferência Nacional dos Jornalistas realizada em Manaus em julho de 1960.

Na ocasião, lamentava a posição das autoridades do ensino superior que não conferiam a autonomia necessária ao bom funcionamento dos cursos de jornalismo. Como consequência dessa orientação Beltrão reclama que “os professores são contratados ou nomeados interinamente, não figurando nas Congregações; o currículo continua mal estruturado” e, ainda, solicitava uma atenção maior para “disciplinas como Publicidade, Ética, Radiojornalismo e Administração” “ministradas em apenas um ano, quando exigiriam maior período de ensino” (MARQUES DE MELO, 1974, p.41).

Como coordenador do curso de jornalismo, Beltrão tem a oportunidade de colocar seu discurso em prática e o faz em Pernambuco.

Ao criar, em 1961, o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, empreendimento cultural que contou com apoio e entusiasmo do então reitor Pe. Aloisio Mosca de Carvalho, Luiz Beltrão iniciou praticamente a renovação do ensino de Jornalismo no Brasil. Até então, as escolas superiores que formavam Jornalistas em nosso país limitavam-se a um tipo de ensino acadêmico, onde havia nítida predominância das matérias humanísticas e onde inexistiam, na prática, atividades de pesquisa e experimentação profissional (MARQUES DE MELO, 1972, p.50-51).

A prevalência das matérias de cunho humanístico, herança direta da subordinação às Faculdades de Filosofia, é uma das preocupações de Luiz Beltrão que começa a conjugar as disciplinas teóricas com a prática profissional. Enfrenta certa dificuldade para montar o corpo docente que foi composto por jovens professores para as disciplinas humanísticas e de profissionais do jornalismo para ministrar as disciplinas técnicas. Como esses últimos não acreditavam no ensino do jornalismo, não se comprometeram com o curso e, outros ainda, não tinham titulação para exercer a profissão. Para resolver os problemas Beltrão, teve que se esmerar em ministrar as disciplinas técnicas basicamente só ou com pouco auxílio.

O programa a que se submeteu da Universidade Católica de Pernambuco sob a coordenação de Luiz Beltrão traria um sensível avanço pedagógico ao Curso de Jornalismo. Nas principais bases a que se propunha o programa, Beltrão fixou seu modelo de pedagogia que iria sustentar por toda vida em diversos cursos e outros projetos em que seu pioneirismo foi determinante para o ensino do jornalismo. Assim, contando com relativa autonomia que lhe conferia o ensino, “a prática da pesquisa e da extensão cultural” (BENJAMIM, 1998, p.67) dentro da Faculdade de Filosofia, o Curso de Jornalismo da UNICAP adota a pedagogia de Luiz Beltrão que se sustenta em:

- a) Formar profissionais, ministrando-lhes conhecimentos da técnica de captação, redação, interpretação, seleção e apresentação gráfica da notícia, com a utilização de métodos e processos racionais e práticos, e, simultaneamente das ciências e das artes que permitem elevar o seu nível cultural.
- b) Promover e desenvolver pesquisas e análises sobre os meios de comunicação coletiva, baseados nos modernos métodos de investigação e com o emprego de instrumental adequado, controlando não somente a melhoria dos padrões técnicos da imprensa de seu país ou região, mas também sua maior influência na formação da opinião pública.
- c) “Funcionar como um núcleo de renovação dos processos jornalísticos, servindo de laboratório para experimentações morfológicas e de conteúdo (redacionais) das matérias, seções e serviços que a comunidade espera encontrar nos meios de publicidade” (MARQUES DE MELO, 1972, p.51).

Diante do exposto, nota-se que a pedagogia idealizada por Luiz Beltrão contemplava em sua essência a tríade ensino-pesquisa-extensão, levados a bom termo em sua obra e suas ações.

Para a consecução deste plano pedagógico Luiz Beltrão desenvolveu doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução no jornalismo que atestam sua versatilidade, entusiasmo e dedicação, vide exemplo de seu jornal-cobaia. Desde o início, suas contribuições para o ensino aliavam prática às teorias do Jornalismo. Por meio de metodologias adaptadas à realidade que se apresentava Beltrão “dá início à investigação do Jornalismo como objeto científico com status próprio, procurando desenvolver a compreensão desse campo como prática profissional ou como campo especializado de ensino” (MARQUES DE MELO; TRIGUEIRO, 2008, p.95-96).

Driblando as “limitações da falta de autonomia administrativa e financeira, com ausência de orçamento próprio”, Beltrão teve que “construir canais próprios que permitissem a concretização de sonhos de vida universitária semelhante à que se praticava nos Estados Unidos e na Europa” (BENJAMIN, 1998, p.68).

Usando o que tinha à mão, com dedicação e entusiasmo, Luiz Beltrão transforma suas aulas em “experiências pedagógicas singulares, que se traduziram inicialmente pela integração aluno-professor no processo educativo”. Como relata seu aluno da primeira turma de jornalismo da UNICAP, José Marques de Melo (1974, p.42), esse processo criou “um regime de colaboração mútua estimulando o espírito de crítica e de investigação”.

Beltrão (1969, p.19) defende que “não se pode ensinar ou aprender técnica jornalística sem praticar o exercício profissional”. Mas tinha consigo resultados negativos das experiências da obrigatoriedade do estágio como experiência externa direta e, também, da pioneira escola de jornalismo Cásper Líbero que, apesar de editar seu jornal experimental, era “didaticamente não satisfatório” (1969, p.20).

Sabia muito bem que não contava com laboratórios e, muito menos com uma publicação nos mesmos moldes do jornal “Colombian University” que era publicado na Escola de Missouri, nos Estados Unidos. Porém, reconhecendo que “o rendimento seria mínimo se os alunos apenas aprendessem ‘como se faz um jornal’ e não ‘como fazê-lo” (BELTRÃO, 1969, p.20), substitui a experiência direta pela indireta.

Contornando as dificuldades impostas pela falta de recursos, Beltrão usa sua engenhosidade para, junto com a primeira turma do curso da UNICAP, criar uma ferramenta metodológica voltada ao ensino das técnicas jornalísticas: o *Jornal Cobaia*. Beltrão (2006, p.363) relata que, com a ferramenta, conseguiu “estruturar a técnica de trabalhar, reescrevendo o *jornal cobaia*, através do qual conseguia parar o tempo em determinada data e, utilizando como pauta as informações do jornal do dia, exercitar o noticiário, a reportagem, a crônica e os editoriais”.

Marques de Melo (1974, p.42) refere-se ao método como “um trabalho de comparação sistemática entre a realidade profissional e as teorias divulgadas nos manuais de jornalismo”. Mas é o próprio Beltrão quem dá a síntese desta inovação pedagógica por ele elaborada:

Trata-se de uma determinada edição de um dos diários da nossa cidade, que todos os alunos devem adquirir, não só para detalhada análise em aula como para base de todos os trabalhos práticos de noticiário, reportagem, classificação de originais, titulação, diagramação e revisão de provas tipográficas. Durante todo um período letivo, aquele jornal servirá de cobaia para os exercícios de cobertura e de redação: - é como se o tempo houvesse parado na véspera daquela edição e tivéssemos nós de dar ao público, no dia seguinte, todas as ocorrências de interesse e importância registradas no mundo, em qualquer setor da humana atividade, interpretadas e comentadas em um jornal nosso - “Diário da Cidade” - que, paulatinamente, vamos elaborando em classe como se o fizéssemos na redação. Ao término do período de estudos, o exemplar do jornal estará inteiramente reescrito e

apresentado sob a forma gráfica específica do nosso original “diário” (BELTRAO, 1969, p.20-23).

Beltrão acreditava que o jornal-cobaia, corretamente utilizado, poderia substituir prática dos estágios nas redações. Por conta disso traz na introdução de sua obra *Imprensa Informativa – Técnica da Notícia e da Reportagem no Jornal Diário*, datada do ano de 1969, um tópico especial onde aborda o assunto de maneira detalhada.

Destaca o método e elenca suas potencialidades e vantagens tanto para professores quanto para alunos. Mas engana-se quem pensa que essa ferramenta pedagógica se detém somente na prática do jornalismo diário. Ao envolver o aprendiz de jornalismo “na captação e análise dos problemas da sua comunidade, do seu país e da civilização contemporânea” ou ainda no “desenvolvimento de experiências dos processos jornalísticos”, (BELTRÃO, 1969, p.23) está tratando diretamente com os conceitos teóricos e filosóficos discutidos em seu primeiro livro. Continuando nessa linhagem, ele ainda vislumbra outras possibilidades pedagógicas para o jornal-cobaia como a “prática de polêmica sobre temas políticos, econômicos ou religiosos do momento; exercícios de supressão de notícias, obedecendo aos ditames da ética profissional e política editorial” (BELTRÃO, 1969, p.26).

É Marques de Melo (1983, p.78-87) quem atesta a conjunção da teoria e da prática no jornal-cobaia e sua aplicação pedagógica ao confirmar que foi na prática do exercício que aprendeu “não só como estudante, mas depois como professor” que o ensino do jornalismo “não se poderia efetuar sem alguma atividade que extrapolasse a mera transmissão do conhecimento na sala de aula”.

Mas Beltrão não parou por aí e ainda engendrou ações didáticas que iam muito além das aulas, dos trabalhos acadêmicos e do peculiar instrumento de ensino, o jornal cobaia. Impulsionando os alunos da primeira turma para a prática jornalística e, já com indícios da pesquisa científica, tratou ele de buscar parcerias para a concretização de seus projetos pedagógicos. Transpondo a sala de aula relata que no Curso da UNICAP:

[...] são proporcionado aos alunos estágios nos jornais, rádio emissoras, estações de televisão, assessorias de imprensa e de relações públicas e de agências de publicidade. Visitas de observação e estudos são realizadas a serviços públicos e instituições diversas [...] e oficinas dos diários do Recife, bem como estações de rádio e televisão. Anualmente os alunos da 2º série participam de um concurso de reportagem, que confere ao vencedor o “Prêmio Anibal Fernandes”, instituído pelo Moinho Recife. Periodicamente, promovem-se trabalhos de pesquisa e opinião e investigação científica do jornalismo, estando em fase de conclusão os estudos efetivados sobre a secção policial nos jornais recifenses, durante uma semana, no ano de 1963,

trimestralmente, é editado um jornal-laboratório pelos alunos e, a partir deste ano, cada quatro meses será posta em circulação esta revista (BELTRÃO, 2006, p.238).

Este relato de Beltrão dá a dimensão do pragmatismo do mestre em relação às técnicas do jornalismo que queria ver assimiladas por seus discípulos. Não obstante, tal prática esteja totalmente alicerçada em boa base teórica apreendida pela bibliografia nacional e internacional que estudou e, ainda na obra que criou.

Para além da questão do ensino, a pesquisa é o outro grande marco pedagógico instituído por Luiz Beltrão na Universidade Católica de Pernambuco. A pesquisadora Samantha Castello Branco (1999, p.196) revela a contribuição beltraniana “associando à formação dos futuros jornalistas o exercício da pesquisa científica sobre os fenômenos da comunicação coletiva”.

Ao abordar os 40 anos de ensino do jornalismo no Brasil, o professor e ex-diretor da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero e presidente da Associação Brasileira de Escolas de Comunicação Social (ABECOM), Erasmo de Freitas Nuzzi, aponta as iniciativas de Luiz Beltrão como um dos fatores de desenvolvimento dos cursos de jornalismo na década de 1960.

O papel desempenhado pelo prof. Luiz Beltrão como dirigente do curso de jornalismo da PUC/Recife. Com as modificações introduzidas por esse veterano e competente mestre no esquema vigente, a fim de que o programa escolar e a metodologia didática adotados pudessem, efetivamente, cumprir a sua finalidade de formar bons profissionais e especialistas na área de comunicação social, criando, verdadeiramente, uma nova geração de comunicadores, com visão ampliada e voltados, também, para a pesquisa (NUZZI, 1992, p.28).

Conforme atesta Erasmo de Freitas Nuzzi, a atuação de Luiz Beltrão no Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – deixa claro aportes que determinam a pedagogia para o ensino do jornalismo.

## **6 – A Pedagogia de Luiz Beltrão nas aulas da Unicap**

Tinha Beltrão por hábito escrever e ler boa parte de suas aulas, costume que originou apostilas voltadas, de modo restrito, aos alunos do curso de jornalismo da UNICAP no triênio 1961-1963. Esse material possibilitou a sistematização de seu conhecimento enfeixados em

“**Técnica de Jornal**”, apostilas que foram editadas pela Escola Gráfica Editora de Recife e Instituto de Ciências da Informação (ICIFORM) em 1964.

Com número limitado de edições, Técnica de Jornal tornou-se uma obra rara destinada a poucos pesquisadores da área ou disposta em sebos como relíquia por muito tempo. Somente na segunda metade da década de 2000, mais precisamente no ano de 2006, o conjunto de lições pedagógicas anotadas por Luiz Beltrão foi reeditado sob o título **Teoria e Prática do Jornalismo**.

Com a intenção de “socializar uma fonte preciosa do legado beltraniano, tornando-a patrimônio das novas gerações” (BELTRÃO, 2006, p.9), José Marques de Melo e Maria Cristina Gobbi propõem, por meio da Cátedra UNESCO Metodista para o Desenvolvimento Regional, sua “co-edição às Faculdades Adamantineses Integradas – FAI – como coroamento do Ciclo Luiz Beltrão”, realizado naquela instituição sob a coordenação e liderança do professor Sérgio Carlos Francisco Barbosa, entusiasta que se empenha no resgate da vida e na disseminação da obra de Luiz Beltrão.

Beltrão traçou um plano didático-pedagógico de forma sequencial atendendo aos três anos da disciplina de Técnica de Jornal, “reservando ao primeiro ano a visão teórica do jornalismo e aos dois anos restantes o conhecimento aplicado, ou seja, a iniciação na prática profissional” (MARQUES DE MELO, 2006, p.08).

Aliou teoria e a prática do jornalismo com os conceitos repassados de forma didática e a prática estabelecida nos exercício em sala de aula com o jornal-cobaia demonstrando no pensamento beltraniano uma visão conceitual e técnica do exercício jornalístico. A teoria transposta das teses expostas e defendidas em seu primeiro livro “Iniciação a filosofia do jornalismo” e a prática como jornalista profissional foram sistematizadas em sua obra por meio de exemplos claros.

Ao realizar essa tarefa, Beltrão concebe e concretiza parte de sua pedagogia do ensino do jornalismo. E, assim o faz, na ânsia de sanar a grande preocupação de sua missão: a boa formação dos seus alunos para atender aos reclamos da comunicação. Tudo em conformidade com sua visão do “jornalismo como atividade humana e necessidade social” (BELTRÃO, 1964, p.01).

O conteúdo das aulas reunido no livro “Técnica de Jornal” dividido em três partes: “Teoria do Jornalismo – O Jornal e sua Indústria”, “A Empresa Jornalística – As Bases da Redação – Teoria da Notícia” e “Prática da notícia” é um verdadeiro manual, primeiramente restrito aos alunos da UNICAP, agora difundido para aqueles que desejam adquirir os conhecimentos do mestre Luiz Beltrão.

No princípio, Beltrão (1964, p.01) recorre ao período pré-histórico para ensinar sua teoria onde “o germe da atividade do jornalismo com suas funções básicas, quais sejam, informar, orientar e entreter” já transparece como atividade humana. Usa a representação gráfica do triângulo retângulo para descrever o que conceituou como os três aspectos fundamentais do jornalismo.

Aí, o ângulo reto é a informação, ou seja, o relato puro e simples de fatos pertencentes ao presente imediato ou ao passado que esteja atuando nas situações presentes; o ângulo superior é a orientação, ou seja, esforço de convencer pela interpretação dos fatos, provocando a ação por parte daqueles aos quais é dirigida a mensagem; e o ângulo inferior é a diversão (entretenimento), isto é um meio de fuga às preocupações quotidianas ou costumeiras, uma pausa no ramerrão, um preenchimento dos ócios com algo diferente e reparador do gasto de energias reclamadas pela vida (BELTRÃO, 1964, p.01).

Com o avanço da humanidade, Beltrão diz que o jornalismo se torna uma necessidade social imperiosa. Defende que os jornalistas sejam preparados e especializados para a tarefa de informar, orientar e entreter as coletividades que não tem como fazê-los por si só. O jornalismo é que vai fazer esta ponte entre a informação e o cidadão usando os meios de comunicação para a difusão deste conhecimento. Sem esta mediação, não se cumpre a missão do jornalismo conforme apregoa Beltrão.

Em um subcapítulo Beltrão demonstra através da abordagem histórica do desenvolvimento da humanidade a necessidade social do jornalismo e a própria história do jornalista que está intrinsecamente atrelada ao processo.

Os meios de comunicação rádio, cinema, televisão e imprensa são explicados sob a definição das modalidades: oral, pela imagem, audiovisual e escrita. De forma didática, Beltrão narra a evolução histórica de cada uma delas.

Em seguida, com uma abordagem particular que Beltrão (1964, p.15) se identifica e norteia seus estudos sob o conceito de que “o jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum”. A partir desse conceito, Luiz Beltrão (1964, p.14) ensina que fazer jornalismo é antes de tudo informar.

Dos conceitos, Beltrão passa para a descrição das seis características do jornalismo: atualidade, variedade, interpretação, periodicidade, popularidade e promoção. A primeira é a atualidade dos fatos atuais, sua ocorrência no presente. A segunda é a variedade, retratada na

universalidade dos aspectos, multiplicidade de setores, de objetivos e temas abordados pelo jornalismo. A terceira é a interpretação que cabe ao jornalista fazer de maneira a julgar a importância do fato, analisá-lo, sintetizá-lo, enriquecê-lo ou mesmo censurá-lo. Neste item, Beltrão destaca a importância da formação do jornalista evocando até uma questão sobre a conduta ética do agente.

A interpretação jornalística, porém, difere substancialmente da histórica ou da filosófica, porque está jungida ao presente, ao atual, ao positivo, requerendo não somente bom senso, honestidade, cultura e imparcialidade por parte do agente como uma excepcional aptidão para apreender o centro do interesse, o ponto nevrálgico, o núcleo do fato ou da matéria que se há de utilizar no trabalho. É mister que o jornalista desenvolva um critério especial, submetendo o interesse particular e o transitório ao interesse geral e aos valores permanentes. Se bem que a interpretação jornalística reclame uma aptidão particular, muito de vocação para ser exercida com resultados positivos, exige também, preparo, exercício, estudo (BELTRÃO, 1964, p.17).

A quarta característica é a periodicidade, ou seja, os intervalos em que um veículo registra suas manifestações. Outra característica do jornalismo é a popularidade que se traduz na capacidade de influir na opinião pública.

Para esclarecer a sexta e última característica, Beltrão recorre a seu próprio conceito de jornalismo dizendo que a promoção, tem o sentido de difusão de conhecimentos, orientação de opinião pública, no sentido de promover o bem comum.

Explica o conceito, as características particulares e a classificação do veículo de comunicação jornal e, ainda, de forma detalhada, traça razões preponderantes da motivação psicológica para a sua leitura. Quanto ao conceito, Luiz Beltrão (2006, p.40) destaca de maneira simplista que o “JORNAL é o moderno veículo de jornalismo impresso, apresentado em folhas soltas, com número variável de cadernos e periodicamente editado”. Passa então a debater cada uma das características apontadas no conceito.

Quanto à motivação relata que o homem lê o jornal;

1º - Para obter deste conhecimento uma vantagem prática, explorando no máximo os seus interesses. [...] 2º Para estabelecer ligações com os demais homens, próximos ou distantes, com os quais por qualquer circunstâncias não tem vinculações diretas e ricas em afeto humano. [...] 3º - Para buscar solidariedade ou encontrar fundamentos para o seu comportamento social. [...] 4º - Para libertar-se das pressões sociais por uma atividade autorizada na busca de satisfazer instintos profundos que a sociedade



rechaça sem misericórdia, frustrando o animal que vive em nós. [...] 5º Para entender à sua necessidade de entretenimento e instrução. (BELTRÃO, 2006, p.37-38-39)

Findando o primeiro capítulo traça um panorama completo sobre as matérias primas e a fabricação do jornal, abordando desde a origem do papel, remetendo à palavra grega “*papyros*”, passando pelas tintas, as oficinas gráficas com as seções de composição e paginação; de estereotipia e de impressão.

Na segunda parte do livro denominada “A empresa jornalística”, Beltrão aborda o jornal como uma empresa seguindo *pari-passu* desde a instalação, manutenção e administração. Sobre a estrutura “Costuma-se dizer que o jornal é financiado na **Administração ou Gerência**, produzido na **Redação** e fabricado nas **Oficinas**. São estes os três grandes departamentos do jornal moderno [...]” (BELTRÃO, 1964, p.31).

Faz um detalhamento minucioso desses departamentos explicando sua estrutura, o pessoal e suas atribuições em cada uma das funções.

Apresenta a redação dividida nas seções de: “direção, secretaria, reportagem, revisão, arquivo, serviço fotográfico, serviços técnicos de rádio e telefonia e diagramação” (BELTRÃO, 1964, p.34). Ao explicar cada uma das seções acaba por traçar um manual prático dos encargos pertinentes a cada uma.

No tópico Comunicação Jornalística, Luiz Beltrão (1964, p.38) assume uma visão teórica para abordar a questão da linguagem jornalística e fundamenta a posição dizendo que: “o exercício do jornalismo, em qualquer das suas funções, está subordinado ao uso da linguagem, pois se baseia na comunicação, ou seja, no ato pelo qual se transmite uma mensagem, de uma pessoa a outra ou de um grupo a outro grupo”.

Beltrão utiliza de um diagrama de Raymond B. Nixon adaptado por ele para demonstrar o processo de comunicação jornalística com seus diversos elementos e fatores. Conceitua como elementos básicos o transmissor, a mensagem e o receptor e, como outros elementos pertinentes, o veículo e o intermediário. Assim o faz de forma didática para mostrar que o resultado do processo depende do “público a que nos vamos dirigir”, dos “meios de comunicação” e da “forma e conteúdo da mensagem”.

Destaca então as características que a linguagem jornalística deve ter para se concretizar o processo de comunicação.

Popular pela sua forma (dimensões e volume, que permitem fácil manuseio); pela sua mobilidade (rapidez de expedição, transporte e circulação); pelo seu preço (acessível a todas as bolsas) e pelo seu conteúdo (notícias de

ocorrências próximas e distantes de interesse e importância, comentários oportunos e seções de entretenimento e ilustração) – o jornal seria reservado apenas a uma elite cultural privilegiada se não houvesse adotado uma linguagem compreensível para o maior número de pessoas da comunidade, como que tirando uma média entre o portador de instrução primária, e o detentor de título universitário (BELTRÃO, 1964, p.39).

Ensina que, para captar a atenção e produzir a ação do receptor é preciso ser direto evitando a prolixidade, o rebuscamento no vocabulário, tendo em vista que o público do jornal é heterogêneo.

Apesar de pregar a simplicidade, Beltrão defende um estilo próprio do jornalismo que conta com cinco características particulares: a correção, a clareza, a unidade, a precisão e a harmonia. Depois de discorrer sobre cada um deles, o autor traça o que ele denomina de os cinco princípios universalmente aceitos como característicos e fundamentais do estilo jornalístico:

1ª.) - A redação jornalística deve ter períodos e parágrafos curtos, [...]2ª.) – A redação jornalística deve ser de construção clara e simples, [...]3ª.) - A redação jornalística deve começar por uma frase decisiva, [...] 4.) - A redação jornalística deve ser precisa no vocabulário e sóbria na adjetivação, [...]5ª.) – A redação deve contribuir para elevar e não degradar o idioma, evitando-se os plebeísmos, a tentação de cair no nível médio de culutra [...] (BETRÃO, 1964, p. 41).

No passo seguinte, Beltrão destaca e analisa os aspectos das modalidades da redação referentes à narração e à crônica. Aqui o autor lança importante conceito sobre a narrativa e revela a função de “contador de histórias” do jornalista.

Quanto à narração é a substância, da redação jornalística, como uma decorrência do fato de ser a notícia. (relato, histórico, exposição sistemática de um sucesso) a base de toda a obra periodística. Nada mais especificamente jornalístico do que narrar, isto é, de escrever para contar fatos em que intervêm seres humanos ou do reino animal (BELTRÃO, 1964, p.41).

Destacando essa importância, traça Beltrão um relato sobre os três elementos que considera fundamental para que a narração produza interesse no leitor: os tipos, a ação e o ambiente. Aborda a descrição como o principal instrumento da narração jornalística (1964, p.42) como “a exposição detalhada, com preocupação de caracterizar, de aspectos essenciais de uma ocorrência”.

Beltrão finda a aula explicando os três tipos de descrição: pictórica, topográfica e cinematográfica, detalhando cada um deles com a sua técnica e estilo e, ainda, complementa com exemplos didáticos de cada tipo de texto.

O capítulo segue demonstrando o acuro do professor na preparação das aulas explicando, de forma simples e didática, os princípios que norteiam a disciplina Técnica de Jornal.

Aborda agora “as bases da redação” dando destaque primeiramente ao trabalho do revisor. Recorre a Olímpio Marques dos Santos quando diz que “os revisores deverão ser homens de conhecimentos excepcionais e de julgamento seguro” (BELTRÃO, 1964, p.49).

A importância da revisão e da qualidade daquele que a realiza, o revisor, é medida em face da mácula de danos irreparáveis causados pelos erros que por ventura lhe escapem.

Preocupado com o prejuízo causado por eventuais erros, Beltrão descreve então vários atributos do bom revisor, explica suas funções e, assim, acaba por delinear um verdadeiro manual da técnica de revisão do jornal.

Da mesma forma, Beltrão também fala a respeito do “Arquivo” do Jornal, das técnicas de arquivo e de sua importância auxiliar na atividade jornalística. No tocante ao arquivista, destaca o autor as funções deste profissional que nem sempre é reconhecido.

O último subtema da segunda parte da apostila versa sobre “A função informativa do jornal” onde o autor traz importante contribuição teórica ao abordar a notícia trazendo dela conceitos, atributos, a psicologia e a classificação.

Beltrão (1964, p.54) diz que “a informação é a primeira das funções comerciais exercidas pelo jornal moderno”, e conceitua: “o relato puro e simples do que ocorre de significativo em todos os domínios do pensamento e da atividade humana”. Em sentido lato, diz ainda que “a informação é uma função biológica que consiste em perceber o real para satisfazer as condições da vida e do progresso da espécie”.

Beltrão (1956, p.56) faz uma distinção entre as informações particulares, privadas, que interessam somente a uma pessoa ou um círculo limitado e as informações que são de interesse coletivo. “O jornalismo se ocupa das informações e quando se referem a situações atuais e são divulgadas pelos veículos de comunicação coletiva denominam-se notícias”.

Falando da multiplicidade de seus aspectos e da dificuldade de conceitua-la, Beltrão (1964, p.55) diz que a “notícia é a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo da atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou tem importância para o público a que se dirigem”.

Revela os atributos da notícia como sendo: imediatismo, veracidade, universalismo e interesse e importância e, em seguida, explica as características de cada um deles apresentando também exemplos ilustrativos dos mesmos.

Para o autor, imediatismo é o “que distingue a notícia da informação histórica”, “A veracidade é atributo indissociável da notícia, [...] jornalismo não se fundamenta em hipóteses, nem é ficção”. O universalismo é outro atributo da notícia ratificado pela “onipresença” do jornalista registrando o máximo de acontecimentos onde quer que eles aconteçam. Por último trata do interesse e da importância como atributos, mas revela que essas características são julgadas pelos jornalistas que selecionam as notícias.

Em um formato didático-pedagógico, Beltrão elenca os critérios de identificação e julgamento dos fatos noticiáveis que o bom jornalista deve observar para cumprir suas funções.

A experiência profissional, com fundamento nas normas da psicologia humana e social, tem consagrado os seguintes dez critérios:

- a) – proximidade;
- b) – proeminência;
- c) – consequências;
- d) – raridade;
- e) – conflito;
- f) – idade e sexo;
- g) – progresso;
- h) – drama e comédia;
- i) – política editorial e
- j) – exclusividade (BELTRÃO, 1964, p.57).

Da mesma forma, Beltrão detalha cada um dos critérios acima, apontando suas particularidades e, ao final de cada item, traz um exemplo prático para ilustrar sua explicação.

Sobre a classificação das notícias, Beltrão primeiramente faz uma alusão às que são previsíveis e as imprevisíveis. Logo após aponta uma classificação diferenciada em: a) – Quanto ao teatro de ocorrência: locais, regionais, nacionais e estrangeiras. b) – Quanto à sua repercussão: extraordinárias, sensacionais e importantes. c) – Quanto ao assunto: policiais, esportivas, econômicas, políticas, sociais, científicas, artísticas, profissionais e diversas.

O autor fecha a segunda parte do livro retratando os canais de recepção da notícia: “o pessoal da casa”, as agências de informações e os voluntários, definindo a importância de cada um nesse processo.

Na terceira e última parte do conjunto de apostilas, Beltrão retrata a Prática da Notícia detalhando todo o trabalho do noticiário no tratamento das informações locais, nacionais e

estrangeiras. Com embasamento teórico e prático, Luiz Beltrão ensina aqui importantes técnicas do jornalismo. Beltrão (1964, p.64) relembra que “a notícia é o relato puro e simples de um fato, de uma ideia ou de uma situação que esteja no momento atuando no seio da comunidade a que o jornalismo serve”. Defende com isso que a informação seja impessoal, cabendo ao jornalista tão somente recolher e narrar os fatos, omitindo sua opinião na busca do máximo de imparcialidade possível. Corroborando com o exposto, Beltrão (1964, p.64) ainda resgata o que concebe como “o axioma máximo da profissão – os fatos são sagrados, só o comentário é livre. Ora, a notícia, que é um registro fiel do fato, deve ser tão sagrada e inviolável, tão inalterável quanto o fato”. Partindo dessa premissa, o mestre idealiza um roteiro para que o jornalista, de posse das técnicas do jornalismo, consiga trabalhar as informações para alcançar imparcialidade e objetividade na notícia. Dita que o trabalho do jornalista começa em um exame da natureza do fato, da matéria prima que se transformara, segundo seu julgamento em notícias triviais, gerais e especiais.

Em seguida responde às perguntas básicas da informação: **Que?** (ação); **Quem?** (agente); **Quando?** (tempo); **Como?** (circunstâncias); **Onde?** (lugar); **Por que?** (motivo). Então o jornalista passa a organizar e selecionar o material de informação para saber o que vai utilizar no texto e suprimir o que for secundário. Até aqui, Beltrão (1964, p.66) classifica essas ações como preliminares da fase decisiva que é o ato de “escrever a notícia, isto é, fazer a narração, o relato da ocorrência, dentro do estilo do jornal”. Para a consecução desta tarefa, o autor detalha a estrutura da notícia apresentando a narração jornalística composta de três partes: cabeça, corpo e clímax. A cabeça, “é a mais importante tarefa do noticiarista” (1964, p.66), com o dever de atrair o leitor. Distingue as notícias sintéticas onde a cabeça é composta por três elementos: **Que? Quem? Quando?**, das notícias analíticas que respondem a todas as perguntas básicas da fórmula: **3Q + C + O + Pq**, acima citada. O clímax é o aspecto que imprime valor jornalístico, deve estar na cabeça.

Beltrão (1964, p.67) define o corpo como o “arremate da narrativa” onde se documenta “as afirmativas feitas no primeiro parágrafo” da notícia para dar melhor compreensão dos fatos ao leitor. O autor então discorre sobre a redação do corpo da notícia trazendo exemplos práticos. Retoma a questão inicial para exemplificar e detalhar variações na redação de cabeça de notícia como: cabeça enumerada, cabeça chavão, cabeça suspense, cabeça em interrogação, cabeça descritiva e cabeça documentário.

Trata também das técnicas de redação pirâmide invertida e pirâmide normal e, ainda, as técnicas de cozinha e suíte. Fixando-se nas duas primeiras estruturas redacionais explica que: “pirâmide invertida – é a técnica do relato dos fatos segundo ordem decrescente de sua

importância” e “pirâmide normal – é a técnica do relato dos fatos segundo a ordem cronológica da ocorrência” (BELTRÃO, 1964, p.70-71).

Explica então a “cozinha – técnica de dar redação nova a uma notícia” e a “suíte – técnica da continuação ou repetição de uma notícia conhecida alterando-se lhe a forma e juntando-se ao seu conteúdo novos pormenores”. Todos os tipos de técnicas de redação trazem exemplos práticos para que não haja dúvida da sua aplicação.

Sempre primando pelo didatismo, Beltrão vai elaborar um minucioso roteiro para o noticiarista tratando das técnicas do fazer jornalístico. Novamente trata-se de um manual com as referências teóricas e práticas que são dispostas de forma pedagógica para facilitar o entendimento das técnicas do jornalismo.

Assim, versa Beltrão sobre o noticiário local e regional retratando minuciosamente as fontes de informações, a colheita e o tratamento do material informativo. Descreve as seções que compõem o jornal e as técnicas do preparo do material informativo de cada uma delas.

A primeira seção abrange o serviço público, associações, noticiário social comum, notas necrológicas, queixas e reclamações, correspondências do interior. A segunda inclui os serviços do jornal: perdidos e achados, posta-restante, plantão de farmácias, tráfego interrompido, fechamento do comércio e diversos. Na terceira seção encontram-se as variedades: notícias meteorológicas, efemérides, consultórios (colunas de respostas a consultas do leitor), horóscopos, passatempos e curiosidades. Traz ainda uma quarta seção com as campanhas promocionais onde o jornal coopera com instituições públicas ou privadas nas campanhas de segurança, boa vontade, cooperação assistenciais ou sociais em prol da comunidade.

Finalizando a apostila, Beltrão retrata o noticiário nacional e o estrangeiro com ênfase para as fontes e o tratamento da notícia. Neste caso, o destaque são as agências de informação e os serviços por elas prestados. Explicando a estrutura, o funcionamento das agências e o tratamento das informações, o autor também se acerca dos devidos cuidados para que o noticiarista esteja capacitado para trabalhar com o material que vem dessas organizações.

Finda a explanação sobre o aporte originário das aulas da disciplina Técnica de Jornal ministrada para a primeira série do Curso de Jornalismo da UNICAP, cabem algumas considerações.

Trata-se da formulação de teorias e o registro da prática jornalística sistematizadas em aulas preparadas e encadernadas em apostilas que se transformam em um verdadeiro manual pedagógico de jornalismo.

O livro que contém noções essenciais acerca de uma ciência, de uma técnica, o manual de Luiz Beltrão permite entender o jornalismo e o jornal, as funções da prática jornalística e o funcionamento de uma redação de jornal.

Cabe ressaltar que, quando da sua feitura na década de 1960, a bibliografia sobre o jornalismo era escassa, tal fato corrobora com o pioneirismo da pedagogia beltraniana.

Não obstante a época em que foi escrita, a obra assume um caráter atemporal e, até mesmo hodierno, mediante alguns exemplos que podem perfeitamente ser aplicáveis na atualidade.

A apostila Técnica de Jornal reeditada com o título Teoria e Prática do Jornalismo torna-se uma fonte para que alunos, professores e pesquisadores possam se inteirar do pensamento de Luiz Beltrão e utilizar do seu conhecimento.

Enfim, diante do exposto, pode-se afirmar que, o conhecimento transmitido nas aulas ministradas aos alunos da UNICAP e sistematizado na apostila, revela o cerne da pedagogia do jornalismo de Luiz Beltrão.

## **7 – Pedagogia de Luiz Beltrão no Ciespal**

Na segunda metade do século XX, ainda sob os efeitos internacionais do pós-guerra anos 50 e 60, começa a se forjar a Escola Latino-Americana de Comunicação. Sob a égide de três instituições paradigmáticas das Ciências Sociais: o Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América latina), o Icinform (Instituto de Ciências da Informação) e o Ininco (Instituto de Investigaciones de la Comunicación) congregaram-se estudiosos de diversas partes do mundo.

A pesquisadora Margarida Krohling Kunsch (1999, p.10) destaca a atuação do Ciespal que “[...] visava basicamente capacitar jornalistas e produtores radiofônicos para atuar nas indústrias culturais latino-americanas”. No contexto da guerra fria e atendendo à orientação da - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura – UNESCO –, o Ciespal primava pelo “difusionismo hegemônico e uma metodologia da então corrente do mundo acadêmico dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, originando daí, inúmeras atividades de formação, pesquisa e publicações”.

É justamente nas atividades do Ciespal que Luiz Beltrão irá desenvolver uma parte significativa de sua pedagogia do ensino do jornalismo.

Corroborar com a assertiva o depoimento de José Marques de Melo (1985, p.65) revelando que foi no contato com o Ciespal que Beltrão “se abasteceu de ideias para atualizar e contextualizar sua ação pedagógica, alinhando-a com as tendências emergentes nos principais centros metropolitanos”.

O contato com a instituição será determinante para a sequência da construção da obra emblemática de Luiz Beltrão. As contribuições apreendidas no Ciespal terão influência nos pressupostos teórico-metodológicos do mestre.

Conta-nos, Roberto Benjamin (1998, p.70) que a história começa quando, “em 1962, o professor Gonzalo Córdoba, Secretário Geral do Ciespal à época, fez uma série de visitas em diferentes cidades da América Latina para conhecer a realidade dos cursos de comunicação, suas especificidades e propostas”.

O êxito das experiências realizadas sob a direção de Luiz Beltrão na Universidade Católica de Pernambuco, segundo Marques de Melo (1974, p.42), “levou o Ciespal a convidá-lo para ministrar um curso, em nível latino-americano, sobre a nova metodologia para o ensino da técnica de elaboração de jornais e demais periódicos”.

Substituindo o professor Danton Jobim na Cátedra de Pedagogia, Luiz Beltrão, ministrou a disciplina **Metodos de la enseñanza de la técnica del periodismo**.

Seguindo seu costume, “ele anotaria, da mesma forma, as experiências pedagógicas vivenciadas na preparação de jornalistas profissionais”, convertendo as apostilas em livro publicado pelo Ciespal em 1963 (MARQUES DE MELO, 2012, p.397-398).

“O roteiro das aulas ministradas em Quito, transmitindo a professores e jornalistas latino-americanos a sua experiência na formação de profissionais para a imprensa no Brasil” (MARQUES DE MELO, 1985, p.67) revela a pedagogia de Luiz Beltrão para o ensino do jornalismo.

No plano didático, Beltrão resgata as teses defendidas na obra inicial e parte das aulas da UNICAP conformando assim teoria e prática do ensino do jornalismo nas apostilas “Metodos en la enseñanza de la tecnica del periodismo”.

Seguindo sua característica peculiar, Luiz Beltrão transforma sua aula em um instrumento didático pedagógico de fácil entendimento.

Divide o curso do Ciespal em duas partes compostas por quatro e seis conferências, respectivamente.

A primeira parte, além dos conceitos teóricos, traz uma exposição sobre os métodos didáticos utilizados por Luiz Beltrão no curso de jornalismo da UNICAP. É composta das seguintes conferências: 1ª) – O ensino da técnica de jornal na universidade, 2ª) – Organização



dos currículos e seleção de métodos, 3ª) – Processos didáticos para fixação da aprendizagem e 4ª) – Problemática e métodos de verificação da aprendizagem.

A segunda parte do curso Beltrão (1963, p.04) explica “que será ilustrativa da aplicação prática da metodologia”. Nesta parte foram ministradas as conferências: 5ª) – A aplicação do Método analítico Expositivo – O jornalismo: conceito, modalidades, caracteres, 6ª) – Aplicação do Método analítico-experimental – O jornal e o estilo jornalístico, 7ª) – Aplicação do Método analítico-experimental – A notícia: natureza, identificação, julgamento e redação, 8ª) – Aplicação do Método analítico-experimental – A Entrevista: instrumento básico da reportagem, 9ª) – Aplicação de Métodos socializados – A reportagem policial e 10ª) – Aplicação de Método expositivo- analítico – A crônica: morfologia, natureza, técnica de redação.

Os temas por si só já demonstram o desenvolvimento de um projeto didático-pedagógico que Luiz Beltrão elaborou para o ensino do jornalismo.

Avançando na proposta, na primeira parte do curso, Beltrão discorre sobre os temas elencados e, além disso, traz anexados documentos que corroboram o exposto.

Principia o curso com a síntese histórica da formação profissional universitária dos jornalistas na América Latina. Ao falar das lutas da classe relembra o preconceito contra a aprendizagem de jornalismo nas escolas.

Rememora a Lei de 1943, ainda no tempo da ditadura de Getúlio Vargas, que instituiu a obrigatoriedade de diploma universitário de bacharel em jornalismo. Mas alerta que, devido ao número reduzido de escolas para suprir a demanda de jornalistas à época, somente com o “Decreto n. 1.177, de 12 de junho de 1962, [...] ficaram definitivamente assentadas as condições de ingresso na vida profissional , mediante nova regulamentação do Registro da Profissão Jornalística” (BELTRÃO, 1963, p.I-2) e traz, nos anexos da apostila, documentos como a regulamentação da profissão de jornalista e a instituição do ensino superior em jornalismo no Brasil.

Beltrão reclama da situação do ensino do Jornalismo na América Latina:

Pois é bom repetir, aqui, a lição do mestre Danton Jobim, no Seminário sobre a Formação de Jornalismo, realizado nesta cidade de Quito, em 1958: “Tem-se mantido (no Brasil) com segurança o critério de que o nível de instrução ministrado deve ser o universitário ou de ensino superior e não o de um curso para simples formação de práticos em jornalismo. Um jornalista – esta é a opinião generalizada – tanto precisa de conhecimentos básicos para sua profissão como de uma cultura geral de nível universitário... Escolas de Jornalismo do tipo da Graduate School”, da Universidade de Columbia (apenas um ano de estudos rigorosamente reservados ao

aprendizado da profissão) não são aconselháveis em países como os da América Latina, onde as disciplinas do curso secundário são em geral, deficientemente ensinadas.” (“Espírito do Jornalismo” – Rio, 1960 – pag. 243) (BELTRÃO, 1963, p.4-5).

Na defesa da adoção do nível superior para a formação profissional do jornalista, Beltrão, compartilha da visão de Jobim sobre a conjunção das matérias técnicas e humanísticas. Usa o autor (1963, p.4) o exemplo da Universidade de Missouri onde o objetivo é “dar aos seus alunos cultura superior, enquanto lhes ensinam o manejo dos seus instrumentos de trabalho[...]”.

É essa visão que transporta para o Curso de Jornalismo da Unicap empregando lá as mesmas condutas norte-americanas. Destaca aos ouvintes do curso do Ciespal os conceitos pedagógicos início de sua prática pedagógica nos Cursos de Jornalismo. Rememorando sinteticamente pode-se dizer que a pedagogia então conforma teoria e prática no ensino do jornalismo e ainda privilegia a pesquisa e a extensão. Após os testes realizados em Recife, Beltrão atesta a eficácia da pedagogia não somente no ensino, mas também as experiências que motivaram o início das pesquisas na área de comunicação, contabilizando mais um pioneirismo à sua carreira.

Podemos falar-vos da receptividade que um programa dessa ordem alcança porque, não obstante a precariedade dos recursos de que dispomos na nossa Escola, e da imperfeição do trabalho realizado – fruto de uma improvisação – conseguimos resultados apreciáveis com uma pesquisa desenvolvida pelos alunos da 1ª e 2ª séries do nosso Curso, quando da greve de vinte dias dos gráficos pernambucanos, que nos privou (e a toda a região nordestina do Brasil, sua área de circulação) dos jornais recifenses (BELTRÃO, 1963, p.5).

Os resultados desta pesquisa foram analisados por Beltrão do ponto de vista prático e didático levando-se em conta também, a repercussão que ela causou nos meios jornalísticos e culturais.

No plano didático-pedagógico, a pesquisa alcançou seu objetivo dando oportunidade aos alunos da UNICAP da iniciação à pesquisa científica. Na prática, a pesquisa acabou por nortear a revisão de diretrizes dos trabalhos redacionais dos jornais.

Porém, Beltrão retrata como um grande avanço, o respeito adquirido pelo Curso de Jornalismo perante órgãos de imprensa que, até o momento, desprezavam o ensino do jornalismo nas universidades.

Essa foi a primeira de uma série de pesquisas que, posteriormente, foram desenvolvidas sob os auspícios de Luiz Beltrão.

No fechamento da primeira conferência, Beltrão destaca a orientação didática geral do ensino de Técnica do Jornal e traça um planejamento pedagógico para ministrar a matéria. Alerta que a disciplina não pode ser restringida a mero exercício das teorias e práticas dos processos jornalísticos alienada do contexto social. Acredita Beltrão (1963, p.[?]) “ser impossível dar ao aluno de jornalismo vivência profissional sem integrá-lo, desde os bancos escolares, no cotidiano palpitante da comunidade”.

Para tanto, Beltrão lança mão da ferramenta pedagógica já citada neste trabalho por José Marques de Melo (1974, p.42), qual seja, “a integração aluno-professor no processo educativo”. Com o intuito de sistematizar a experiência do aluno, Beltrão cobra um esforço para retirar o aluno da passividade e integrá-lo na ação didática do mestre colaborando com ela. Defende Beltrão que o estudo e a prática profissional da técnica de jornal requer uma integração social que possibilite ao aluno, através da vivência na comunidade, estruturar seus ideais, suas atitudes e seus interesses. Para ele a disciplina requer o uso de métodos vivenciais que permitam isso ao aluno.

Por isso é que, dentro de um plano didático racional, todas as demais disciplinas do curso – especialmente a partir da 2ª. Série, quando o aluno já se inteirou dos princípios do jornalismo e apreendeu as noções elementares da sua prática – devem ser distribuídas e ministradas em harmonia com o programa de Técnica de Jornal. Em outras palavras, tudo o que se ensina de história, geografia, literatura, economia ou ética, por exemplo, deve favorecer, suplementar e ter aplicação prática para a aprendizagem das técnicas de noticiário, reportagem, redação e política editorial (BELTRÃO, 1963, p.7).

Diante do exposto se vê claramente a orientação pedagógica de Luiz Beltrão para vincular as disciplinas teóricas e condicioná-las a prática do exercício do jornalismo.

Não obstante o Curso de Jornalismo da UNICAP, à época, não possuir laboratório gráfico, material didático essencial, literatura adequada e recursos financeiros, Luiz Beltrão desenvolveu um projeto didático-pedagógico que possibilitou o ensino do jornalismo satisfatoriamente.

Na segunda conferência denominada “Organização dos currículos e seleção de métodos”, Luiz Beltrão retrata o panorama inicial do ensino do jornalismo com as escolas ou faculdades vinculadas aos cursos das Faculdades de Filosofia.

Reclamava Beltrão a autonomia administrativa e didática para os cursos de jornalismo que viria, ainda que de forma relativa, após a regulamentação do registro profissional do jornalista e, também, após a Lei de Diretrizes e Bases do Ensino do Brasil de 1961. Graças a

essa Lei, Luiz Beltrão pode organizar o Departamento de Jornalismo da UNICAP funcionando “como célula de ensino, reunindo as cátedras afins e conexas com objetivos didáticos e de pesquisa” (BELTRÃO, 1963, p.II-2).

A abertura permitiria também planejar e elaborar programa de ensino articulando métodos e matérias nas cátedras que atendessem reclamos dos cursos.

Possibilitava ainda a adequação das horas/aulas de acordo com a importância e a extensão das matérias, o planejamento de programas de aperfeiçoamento, especialização, pesquisas, cursos de pós-graduação e, até mesmo, a obtenção de recursos para aquisição de equipamentos necessários ao treinamento técnico dos alunos.

Usando das prerrogativas da Lei, Luiz Beltrão elaborou e obteve a aprovação do currículo escolar do curso de jornalismo da UNICAP. O programa de ensino contemplava disciplinas básicas e complementares distribuídas em três anos de duração do curso. Neste currículo estão contidas orientações do primeiro ano de funcionamento do curso da UNICAP e a experiência didática de Beltrão no Curso de Jornalismo da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes, na Paraíba. Desta forma Beltrão influi pedagogicamente na grade do curso de jornalismo com as seguintes disciplinas:

**1ª série:** 1 – Técnica de jornal (3 horas semanais), 2 – Português (2 horas semanais), 3 – História da Imprensa (2 horas semanais), 4 – História do Brasil (2 horas semanais), 5 – Geografia Humana do Brasil (2 horas semanais), 6 – Inglês ou Francês (2 horas semanais);

**2ª série:** 1 – Técnica de jornal (3 horas), 2 – Administração de jornal (2 horas), 3 – Legislação de imprensa (2 horas), 4 – História da civilização contemporânea (3 horas), 5 – Literatura (2 horas), 6 – Ética geral (2 horas), 7 – religião (1 hora);

**3ª série:** 1 – Técnica de jornal (3 horas), 2 – Rádio e telejornalismo (3 horas), 3 – Publicidade (2 horas), 4 – Ética profissional (2 horas), 5 – Psicologia social e relações públicas (2 horas), 6 – História das artes (2 horas), 7 – Estudos econômicos e sociais (2 horas) (BELTRÃO, 1963, p.17-18).

Nesta época Beltrão já reclamava a ampliação do curso para quatro anos, pedido que foi negado pelo Conselho Federal do Ensino Superior. A medida era para não sobrecarregar o aluno com muitas disciplinas, o que para Beltrão seria antipedagógico. Na formulação do currículo da UNICAP, Beltrão diz que, apesar de sucinta, a grade atendia às funções disciplinadoras e socializadoras. Atendendo às exigências do Conselho, o currículo entrou em vigor no início do ano letivo como exposto.

Uma das primeiras experiências pedagógicas do curso foi a organização do Arquivo de Referência, chamado de “morgue”, que ficou a cargo dos primeiranistas, porém, extensivo a todas as outras séries.

O objetivo aqui, além da integração entre as diversas cátedras com a de Técnica de Jornal, era acostumar o aluno a viver jornalisticamente os problemas da sua comunidade.

A ação didática era desenvolvida em conjunto com professores de história, literatura, entre outras disciplinas, que promoviam seminários, debates e elaboração de trabalhos sobre determinados personagens e movimentos históricos e literários.

Como resultado deste trabalho organizavam-se fichas biobibliográficas que, posteriormente, seriam utilizadas em estudos práticos.

Outra consequência foi a confecção de fichas biográficas de personalidades do mundo político, econômico e social da região nordestina que, mais tarde, Beltrão utilizou na organização de uma agência de informações, a UCPress – Agência Universidade Católica de Pernambuco.

Como resultado prático da ação pedagógica Beltrão anota a integração do aluno nos temas e problemas da comunidade e o aumento do interesse pela pesquisa.

Relata Beltrão outras experiências pedagógicas na promoção de visitas de observação e estudo a instituições públicas e privadas, em certo sentido valendo até como estágio para os alunos. Novamente a experiência se desdobra em uma ação didática que promove entrevistas, debates, redação de reportagens e comentários que podem, eventualmente, servir à imprensa local ou serem publicados nos órgãos internos da universidade, jornais e revistas. Busca esse exercício também o objetivo da integração do aluno ao cotidiano da comunidade.

Em outro exemplo prático Beltrão (1963, p.19) apresenta aos seus alunos do Ciespal outra experiência que levou à cabo com a colaboração de seus alunos. Desta vez, a pesquisa busca “influenciar na formação da opinião pública pela colaboração para a melhoria de padrões éticos e técnicos de nossa imprensa”. Para tanto, leva a fundo a análise morfológica e de conteúdo dos jornais do Recife estudando sistematicamente certas edições dos periódicos que servem de cobaias. Aqui está a ferramenta já citada anteriormente do “jornal cobaia” que permite desenvolver como ação didática pesquisas de opinião e investigações científicas dos fenômenos comunicacionais.

Os conceitos de Luiz Beltrão também influenciam na organização dos programas de ensino da cátedra Técnica de Jornal. Para tal demanda procurou o mestre ponderar a conjuntura em que se encontrava o curso de jornalismo. Elaborou um processo de seleção para a composição das matérias obedecendo a critérios de “sobrevivência, importância

relativa no conjunto da cultura e valor profissional (utilidade mediata e imediata); de simplificação” (BELTRÃO, 1963, p.20).

Levada a bom termo, a distribuição das matérias na disciplina Técnica de Jornal ministrada por Luiz Beltrão ficou assim:

1ª. Série – Teoria do jornalismo; noções de arte gráfica e de problemas da administração do jornal; revisão de provas tipográficas; arquivo do jornal; redação de noticiário de mês; uso de ilustração.

2ª. Série – Reportagem e revisão de originais.

3ª. Série – Teoria da opinião; execução da política editorial; diagramação e supervisão das operações mecânicas complementares; orientação da opinião pelo jornalista através de crônicas e seções especializadas (BELTRÃO, 1963, p.20-21).

Destaca Beltrão a diversidade de temas que podem ser abordados pela única disciplina, a técnica de jornal, utilizando-se para tanto uma metodologia variada de acordo com temas e aspectos do programa.

A ação didática prevê atividades: motora (fotografia, desenho), experimental (manipulação de dados), de observação (atenção), associativa (memória), apreciativa (apreciação de valores) e criadora (capacidade de produzir e criar).

As atividades tem o intuito de criar no aluno hábitos e habilidades pela observação, fazê-lo assimilar as informações e cultivar o conhecimento por meio de pesquisas, experiências, leituras e trabalhos, além ajudar o aluno a formar seus ideais, atitudes.

Na execução do programa de ensino Beltrão destaca o uso de métodos de aprendizagem baseados na linguagem, no material e na ação didática.

Quando do uso dos métodos baseados na linguagem didática, Beltrão (1963, p.22) ressalta o recurso “a que nenhum professor em nenhuma disciplina pode fugir”. No entanto, diz que o jornalista precisa ter senso da medida, não se deixando empolgar pela tentação do brilho oratório. Revela a reclamação dos estudantes sobre o caráter excessivamente acadêmico no ensino de jornalismo ditado por professores em longas preleções enquanto os alunos permanecem passivos.

Para fugir desse problema, Beltrão defende que as falas tenham um caráter mais didático sendo entrecortadas por interrogatórios, arguições que despertem o senso analítico do aluno despertando-lhe a memória.

Mas para o bom desempenho do ensino da matéria dentro do método expositivo, necessita o professor “a exegese dos textos jornalísticos trazendo aos alunos seus termos,

fórmulas, estrutura, significado (interpretação) e, afinal, aplicado com exatidão ao tema da aula” (BELTRÃO, 1963, p.22-23).

Beltrão reclama e elenca algumas dificuldades encontradas no ensino da técnica de jornal baseadas na linguagem didática. Destaca a falta de material didático de natureza visual e, principalmente, da deficiência de bibliografia didática no idioma pátrio.

Ao final do capítulo, Luiz Beltrão traz anexos dois importantes aportes pedagógicos: o currículo detalhado das três séries da cátedra de Técnica de Jornal do Curso da UNICAP e duas bibliografias sobre o jornalismo, sendo uma brasileira e outra com autores de língua espanhola, elucidando as maiores contribuições ao campo à época. A importância desses documentos é evidenciada frente à falta de informação dos incipientes cursos de jornalismo da época.

O livro *Enseñanza del Periodismo* traz dois outros importantes aportes para os estudos e para as teorias do Jornalismo. A primeira é a preocupação em sistematizar e organizar uma bibliografia de Jornalismo, em particular, brasileira. Beltrão (1963) listou na época 38 obras de autores nacionais, duas traduções e os Anais dos Congressos dos Jornalistas de 1953, 1954, 1956 e 1958. Sem dúvida, um trabalho importante porque mostra o acúmulo e divulga a pesquisa no campo do Jornalismo no país permitindo um maior conhecimento do que está sendo investigado, contribuindo para a construção de um campo de estudos no Brasil (VIZEU, 2007, p.26).

Na continuidade da busca pela pedagogia, encontramos na terceira conferência do Curso do Ciespal os processos didáticos que Beltrão utilizou para a fixação da aprendizagem. Relata as experiências diretas e indiretas no ensino nas técnicas de jornalismo, suas vantagens e desvantagens. Sobre os estágios em redações relata Beltrão uma série de empecilhos que vão desde a inexperiência dos alunos da primeira série para desempenhar as funções exigidas até a falta de assistência idônea da parte dos profissionais.

O caráter incipiente dos cursos de jornalismo no Brasil, a falta de recursos e a própria sistemática da educação tornam improvável a publicação de um periódico sob a responsabilidade da Universidade que atendesse às necessidades dos alunos. Diante desse quadro Beltrão substitui a experiência direta pela experiência indireta nas séries iniciais, criando a aludida ferramenta do jornal-cobaia.

Beltrão acreditava que, se bem planejado, esse “instrumento didático básico”, poderia substituir a prática de estágios nas redações. Destaca o planejamento e a orientação da aprendizagem pelo jornal-cobaia apresentando todo o desenvolvimento didático-pedagógico trabalhado em sala de aula. Divide as seções do jornal-cobaia entre as séries da disciplina de

acordo com o grau de complexidade das matérias a serem estudadas por cada uma delas e ilustra com exemplos a ação didática que poderão ser criadas.

Além das atividades com o jornal-cobaia, previu Beltrão um reforço:

Completamos o nosso trabalho com vistas à fixação da aprendizagem por parte dos alunos, mediante o emprego intensivo dos métodos baseados na ação didática, quer promovendo seminários, de que participam todos os alunos da série sob a nossa direção para apreciação e debate de um tema ou de um problema profissional de magnitude, quer pela imposição de exercícios e tarefas, quer, ainda, pelo treinamento profissional dirigido (BELTRÃO, 1963, p.41-42).

A síntese pedagógica do jornal-cobaia revela o cuidado com o emprego dos métodos baseados no material e na ação didática utilizados por Luiz Beltrão no ensino do jornalismo.

A quarta e última conferência da primeira parte do Curso do Ciespal revela a problemática e os métodos de verificação da aprendizagem.

Neste capítulo Beltrão (1963, p. 44) diagnostica que “um dos problemas mais agudos da pedagogia do jornalismo e, notadamente, da didática da TÉCNICA DE JORNAL, é, sem dúvida, o da verificação da aprendizagem”.

A partir desse conceito, de forma didática Beltrão apresenta os processos clássicos e o sistema de provas parciais e exames finais adotados no ensino do jornalismo no Brasil.

Destaca assim, o sistema criado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1961, que trazia o princípio de se fazer o aluno estudar o ano todo e não somente para as provas de fim de ano.

Beltrão reforça esta orientação adotada pela UNICAP que, apesar de manter as duas provas principais, aboliu o exame oral em favor de trabalhos individuais e coletivos realizados ao longo do semestre. O curso também obedecia às normas recomendadas para a organização das questões e realização e julgamento de provas primando pela imparcialidade, equidade e a impersonalidade.

A inovação didático-pedagógica de Luiz Beltrão neste caso se deu na realização de uma experiência de método vivencial para a avaliação do rendimento escolar.

O sucesso dessa empreitada foi tão grande que, além de documentada fotográfica e cinematograficamente, foi transmitida pelas estações de televisão.

Transformamos a nossa classe em uma sala de redação, distribuindo funções de direção entre os alunos: um ficou na secretaria e outro na chefia da reportagem, enquanto nós próprios travestíamos-nos de diretor do jornal, recebendo visitantes, encaminhando-os aos noticiaristas e repórteres



competentes para colheita de informações ou entrevistas, orientando os que nos procuravam para esclarecimento sobre a execução da tarefa. O material oficial de exame (folha de papel com timbre da Escola e firmado pela autoridade do Ministério da Educação) serviu-nos, apenas, de capa: os alunos trabalharam em folhas de papel-jornal padronizadas, redigindo as matérias a máquina ou manuscritas como se fossem originais a descer às oficinas para a composição e em obediência aos cânones do nosso livro de estilo. Evidentemente, puderam trocar ideias entre si, como fazem os jornalistas em trabalho, mantendo-se um silêncio relativo. Também lhes foi permitido consultar suas anotações, livros de referência, dicionários, atender telefones, tomar a iniciativa de entrevistas – enfim agir como no exercício profissional (BELTRÃO, 1963, p.46).

Coroadada de êxito, a experiência ainda foi adotada como método definitivo para as provas do segundo semestre em todas as séries do curso da UNICAP. Beltrão dispõe nos anexos o roteiro completo do programa e plano de exame da terceira série da disciplina Técnica de Jornal.

Como resultado prático, alguns dos originais gerados na prova foram definitivamente selecionados para o jornal-experimental com edição prevista para 16 de novembro, quando não havia regularidade dos diários em função do feriado.

Os resultados positivos dos métodos adotados por Beltrão visando uma efetiva verificação da aprendizagem atestam o valor de suas experiências para o ensino do jornalismo. A iniciativa foi reconhecida e teve seus méritos pedagógicos exaltados.

A outra contribuição importante de Beltrão (1963) apresentada como uma riqueza de detalhes em *Enseñanza del Periodismo* é o jornal-laboratório criado por ele no curso de Jornalismo da Unicap, que rompe com toda uma tradição de avaliação da universidade, voltada para trabalhos individuais e coletivos. O jornal denominado de Diário da Cidade teve uma grande repercussão porque possibilitou aos estudantes trabalharem a teoria na prática (VIZEU, 2007, p.26).

Na defesa intransigente do ensino do jornalismo, Beltrão (1963, p.47) vislumbra com a publicação dos originais uma “prova de fogo” – porque publicamente e com responsabilidade perante toda a nossa comunidade – de que se pode aprender jornalismo – e técnica de jornal – nos bancos escolares.

Traçou Beltrão o planejamento completo do jornal-experimental desde a sua viabilização financeira e operacional, a ação didático-pedagógica para a feitura do jornal até sua execução em conjunto com seus alunos e o apoio de profissionais da área.

A 16 de novembro de 1963 foi consumado com sucesso o planejamento didático-pedagógico de Luiz Beltrão resultando na edição de um diário por seus alunos.

Na **Segunda Parte do Curso sobre Metodologia do ensino de técnica de jornal** realizado no Ciespal, Luiz Beltrão adota uma postura totalmente didática frente ao corpo discente formado, em sua grande maioria, por professores e profissionais da imprensa.

Desenvolve os temas a partir de um esquema pedagógico que segue um programa por ele estabelecido prevendo: a ação didática, o desenvolvimento do tema e a discussão. Neste propósito, todas as abordagens são permeadas de exemplos e, ao fim dos capítulos, Beltrão elabora e propõe exercícios e tarefas para a fixação do aprendizado.

Nessas conferências o autor dá sequência à pedagogia do jornalismo anteriormente aplicada nas aulas do curso de jornalismo da UNICAP, situando o tema de acordo com seu desenvolvimento no currículo daquela instituição de ensino.

Então, por se tratar da abordagem sistemática dos pontos do currículo das três séries da disciplina Técnica de Jornal, o conteúdo dessas preleções demonstram *pari-passu* a ferramenta pedagógica criada e utilizada por Beltrão.

Portanto, o caráter sintético da obra se justifica na tentativa de elucidar pontos importantes e destacá-los à luz do entendimento do que seja a pedagogia beltraniana.

A primeira abordagem é sobre a Aplicação do Método Expositivo com enfoque para o jornalismo tratando conceito, modalidades e caracteres.

Beltrão usa do recurso literário para discorrer sobre o homem frente à informação e à luta dos agentes da informação contra barreiras de tempo e espaço. Resgata da história o caráter do jornalismo, a essência e o objetivo da informação. Pinça também seu herói da fábula para a realidade como jornalista que, com o progresso técnico, deve estruturar-se em seu ofício para atender aos reclamos do complexo sistema social.

Em uma abordagem teórico-filosófica, Beltrão aborda os aspectos fundamentais da atividade jornalística. Nota que ao estudar as modalidades do jornalismo: oral, escrita, pela imagem ou audiovisual, desde as origens, o jornalista apreende seus caracteres, suas propriedades.

Beltrão resgata os conceitos elaborados no livro “Técnica de Jornal” de 1964, para apresentar os três aspectos fundamentais que, segundo ele

[...] podem ser representados pelo triângulo retângulo: o ângulo reto, na base da figura, imprimindo-lhe o sentido do horizonte, expressa a INFORMAÇÃO; o ângulo superior, construído pela perpendicular, que sugere o infinito – a ORIENTAÇÃO; o ângulo inferior, nascido da hipotenusa, linha de ligação entre o horizonte e o infinito, entre o caminho e o inatingível – a INSTRUÇÃO (BELTRÃO, 1963, p.58).

Sob esses aspectos basilares do jornalismo Beltrão desenvolve o aporte teórico-metodológico necessário aos seus estudos sobre gêneros jornalísticos que também se traduzem como parte de sua pedagogia.

A partir da identificação dos elementos essenciais do jornalismo Beltrão chega ao conceito da sua atividade, em todo o seu conteúdo social, e que pode ser assim expresso: “JORNALISMO é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum”. (BELTRÃO, 1963, p.59)

Acredita o autor que, no cerne deste conceito, encontram-se as seis características do jornalismo que, segundo ele, distinguem a atividade jornalística das demais, não permitindo confundi-la.

Novamente o autor recorre à história e ao recurso literário para passar em revista e fazer uma profunda análise de um por um dos atributos do jornalismo. Assim fazendo, afloram conceitos teóricos filosóficos que norteiam sua pedagogia. De outra forma, alcança a exegese dos caracteres básicos do jornalismo o que, por si só, constitui em uma forma pedagógica.

A segunda conferência do módulo dois do curso do Ciespal esboça a Aplicação do Método Analítico em preleções que fazem referência ao jornal e ao estilo jornalístico.

Neste propósito, Beltrão faz uma recapitulação do conceito, das características do jornalismo e dos aspectos, sobretudo filosóficos e sociológicos do jornalismo. Nesta conjuntura explica as razões de ordem social que influenciam a leitura do jornal.

Além dessa abordagem, Beltrão (1963, p.74) também destaca a motivação psicológica para a leitura do jornal quando: desperta as suas emoções, excita o seu amor à luta, alimenta o seu desejo de superação e atende à sua sede de entretenimento e instrução.

Beltrão (1963, p.76) desenvolve o conceito de que “JORNAL é o moderno veículo do jornalismo impresso, apresentado em folha ou folhas soltas, com número variável de cadernos e periodicamente editado”. Esse conceito serve de base para a análise de suas características.

Em primeiro plano parece uma visão simplista, porém, no desdobramento de seu conceito o mestre estabelece relações que lhe permitirão desenvolver um raciocínio que dará suporte ao aprendizado seguro do jornalismo.

Nas expressões – “moderno veículo do jornalismo impresso” – está o que chamamos de espírito do jornal, o seu conteúdo, a sua função primordial, que é a de transmitir graficamente à comunidade o relato dos fatos correntes, devidamente interpretados, com o objetivo de difundir conhecimentos e

orientar a opinião pública visando a promoção do bem comum (BELTRÃO, 1963, p.75).

Beltrão retoma a função primordial do jornal para ilustrar seu conceito e destacar pormenorizadamente cada uma das características citadas: modernidade, apresentação gráfica e seções do jornal e, finalmente, periodicidade.

A partir daí aborda a classificação dos jornais quanto à periodicidade, morfologia e conteúdo explicando as características peculiares de cada item. Todos esses conceitos são apresentados em meio a uma exposição de exemplares de jornais para a identificação e familiarização dos alunos.

Destaca o autor a importância do estilo jornalístico para a popularidade do jornal que também é formada pela sua forma, mobilidade, preço e conteúdo. Dita que sem o seu estilo característico utilizando uma linguagem acessível e compreensível, o jornal não seria popular limitando-se a uma elite cultural.

Retratando as normas básicas para a redação jornalística Beltrão (1963, p.78-79) destaca os cinco princípios universalmente aceitos como característicos e fundamentais do estilo jornalístico: “a redação jornalística deve ter parágrafos curtos, ser de construção clara e simples, começar por uma frase decisiva, ser precisa no vocabulário e sóbria na adjetivação e contribuir para elevar e não para degradar o idioma”.

Sem se fixar em normas gramaticais e sintáticas Beltrão passa então a destacar e analisar os aspectos peculiares do que compreende como as grandes modalidades estilísticas usadas no jornal: a narração e a crônica. Destaca a importância da crônica.

A narração é a substância da redação jornalística, como decorrência do fato de ser notícia (relato, histórico, exposição sistemática de um sucesso) a base de toda obra periodística. Nada mais especificamente jornalístico do que narrar, isto é, escrever para contar fatos em que intervêm seres humanos ou do reino animal (BELTRÃO, 1963, p.79).

Como é de seu feitio, faz um relato completo destacando os três elementos da narração que produzem interesse e imprimem dinamismo e realidade ao relato: os tipos, a ação e o ambiente. Revela enfim os instrumentos da narração jornalística, a descrição e a biografia que servem para caracterizar os tipos. Elucida os atributos dos três tipos de descrição: pictórica, tipográfica e cinematográfica.

Ao final, Beltrão alia a teoria e a prática aplicando tarefas e exercícios associados ao tema exposto como a composição de trabalhos descritivos, narrativos e biográficos.

O embasamento teórico e a prática aplicada denotam aqui o cumprimento de uma ação didática com vistas ao desenvolvimento da matéria. Coaduna com os princípios pedagógicos para a obtenção do conhecimento das técnicas de jornalismo.

Dando continuidade à formulação de sua pedagogia do jornalismo, Beltrão entra na terceira explanação trabalhando a Aplicação do Método Analítico-Experimental onde trata especialmente da notícia, sua natureza, identificação, julgamento e redação.

Para tanto, utiliza como ação didática além da preleção, testes, exercícios e tarefas e, anota nesta parte do curso, a introdução ao emprego do jornal-cobaia.

Principia por introduzir o conceito de notícia que, para ele é

A notícia é a pedra de toque da construção jornalística. Editoriais, artigos e crônicas, certos tipos de entrevista, fotografias e outras ilustrações, correspondências do leitor, campanhas promocionais e em alguns casos até mesmo os anúncios e as seções de passatempo – são subprodutos da notícia. Assim, toda a imensa variedade que o jornal apresenta para informar, orientar e instruir se origina da NOTÍCIA, que é a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem (BELTRÃO, 1963, p.85).

Mais do que conceituar, Luiz Beltrão em um exercício de síntese pedagógica decompõe seu conceito descortinando nas entrelinhas características da notícia como o imediatismo, veracidade e exatidão, universalismo, popularidade e especialização. Anota os critérios de identificação e julgamento das ocorrências para pesar seu valor jornalístico, já citados anteriormente.

Cabe neste ponto uma digressão para apontar uma amostra formal da pedagogia elaborada por Luiz Beltrão para o ensino do jornalismo.

Concebe e descreve Beltrão uma ferramenta pedagógica para trabalhar com seus alunos, de forma teórica e prática, os critérios acima descritos.

O professor analisa cada um dos critérios do esquema, ilustrando a exposição com exemplos. Realiza testes no quadro negro conforme modelo anexo (a) procedendo ao interrogatório didático da classe. Expõe, se possível utilizando “cartoons” coloridos ou “slides”, o processo de redução da notícia a termos matemáticos, idealizado pelo prof. George C. Bastián, da Universidade de Northwestern, U.S.A. e mostra como os fatos podem sofrer substanciais modificações no seu desenrolar, transformando-se por uma circunstância qualquer, que atua como catalisador, em matéria de primeira ordem para a notícia (“química” da notícia, do referido professor Bastián). Ilustra com fotografias de incidentes triviais que se transformaram em

notícia e deram até mesmo prêmio aos seus autores (BELTRÃO, 1963, p.87-88).

Além desse recurso, Beltrão lança ainda a tarefa de identificação do critério utilizado para a seleção das notícias divulgadas no jornal-cobaia. Adota critério semelhante para detalhar a classificação das notícias onde analisa cada um dos tipos de notícias e realiza testes para desenvolver a sensibilidade do aluno diante das ocorrências e fazê-lo adquirir o automatismo no processo de identificação e julgamento do seu valor jornalístico.

Resgatando os conceitos anteriormente utilizados nas apostilas da UNICAP (Técnica de Jornal), além da classificação, Beltrão trabalha a estrutura da notícia, analisando o comportamento do jornalista diante da informação e os processos de composição da cabeça e do corpo da notícia, pela análise dos seus elementos básicos e secundários e reconhecimento do seu clímax.

A ação didático-pedagógica de Luiz Beltrão conformando teoria e prática entre preleções, exemplos e exercícios práticos e tarefas, capacita os alunos para identificar, julgar e selecionar os fatos que poderão transformar-se em notícias. E, como diz Beltrão (1963, p. 96), tornam-se “senhores dos processos elementares de estruturação dos elementos informativos e redação da notícia”.

Dando prosseguimento a Aplicação do Método Analítico-Experimental, na quarta conferência do segundo módulo do curso, Beltrão vai tratar da entrevista, instrumento básico da reportagem. Destaca o autor o valor do jornalista que vai buscar a notícia na fonte, o repórter que realiza parte importante e dinâmica do trabalho jornalístico. Grande parte dos fatos que são divulgados diariamente pela imprensa tem de ser caçado pelos repórteres. O fruto do trabalho do repórter é a reportagem que, segundo Beltrão (1963, p.102) pode ser conceituada como “o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte e oferecida ao público em forma especial e através dos veículos jornalísticos”.

Conforme a abordagem do jornalista e com a fonte em que é obtida, a reportagem classifica-se em: reportagem de rotina ou de setor, a história-de-interesse humano e a grande reportagem. Após pormenorizar as características de cada uma delas, Beltrão relata a ação didática que permite o desdobramento do processo cognitivo. Neste caso, são ministrados exercícios que levam o aluno a identificar e classificar os diversos tipos de reportagem inseridos no jornal-cobaia ou em outras publicações. Beltrão ainda recomenda a leitura de livros de reportagens.

Beltrão (1963, p.103) diz que “o principal instrumento da reportagem é a entrevista” e acaba por defini-la como “a técnica de obtenção de matéria de interesse jornalístico por meio de perguntas do repórter a outra pessoa”. Apresenta os conceitos da entrevista simples e da entrevista caracterizada e, para esta última, detalha suas classificações e tipos, sendo todos os tópicos acompanhados de exercícios de fixação. Para esclarecer a colheita de notícias por meio da entrevista, Beltrão recorre a Elmo Watson que, em seu livro “*Survey of Journalism*” (p.187 e seguintes), traz as Normas de procedimento na preparação e realização da entrevista. A tradução de Beltrão é como se fosse um manual de instrução para o jornalista realizar a entrevista, trazendo desde as informações elementares até os aspectos basilares para se fazer uma boa entrevista. Evidencia, assim, os princípios fundamentais na redação da entrevista e destaca algumas normas para o desenvolvimento do texto.

Após o aporte teórico, concentra-se a pedagogia beltraniana na prática através de exercícios de redação, onde os alunos convertem notícias em entrevista informativa e artigos e crônicas em entrevista opinativa. Trabalham também na preparação de pautas para entrevistas com personalidades.

Porém, merece destaque a experiência pedagógica singular quando Luiz Beltrão traz para a sala de aula uma personalidade que concede uma entrevista coletiva. Na ocasião o mestre divide a sala entre os entrevistadores que fazem as perguntas e aqueles outros que acompanham atentamente e tomam notas. Simulando o horário de fechamento da edição de um periódico normal, logo após a entrevista, Beltrão estabelece o prazo de duas horas para a redação da matéria a ser publicada no jornal-experimental.

Findando a aula, fica ainda a incumbência de uma tarefa com prazo semanal para que, divididos em grupos, os alunos façam entrevistas com personalidades da comunidade sobre temas atuais.

A quinta conferência da segunda parte do curso do Ciespal sobre a Aplicação de Métodos socializados pesquisou a Reportagem Policial.

O tema foi proposto por Luiz Beltrão no seminário “Legitimidade e posição da reportagem policial no jornalismo contemporâneo” realizado em 1962 na sala da sua disciplina do curso da UNICAP com a finalidade de despertar o interesse dos alunos para aprendizagem deste aspecto da atividade profissional jornalística.

Partiu Beltrão da problemática criada por uma pergunta: deve, o jornal contemporâneo, inserir nas suas páginas, notícias de crimes, catástrofes, sinistros ou práticas de elementos que vivem à margem das leis e da ordem estabelecida pela sociedade para manter a vida em comum?

O seminário foi estruturado com o expositor apresentando o assunto de forma geral e, dois debatedores, um a favor e um contrário às publicações do noticiário policial.

Chegou-se à conclusão que, a grande maioria dos jornais dedica seções ou, até mesmo, páginas inteiras ao noticiário policial. Também que o assunto desperta interesse ou curiosidade em uma parcela significativa da sociedade. Simplesmente excluir as notícias policiais dos jornais se torna praticamente impossível.

Diante deste quadro, Beltrão (1963, p.114) propõe que, ao menos, os jornais tenham “uma seção policial deve ser sóbria, adequada à evolução da comunidade, com o propósito de informá-lo dos aspectos negativos da vida social, a fim de possibilitar o seu saneamento”.

Instigados pelo mestre para saber a real situação, seus alunos da UNICAP realizam, sob sua orientação, uma pesquisa sobre a reportagem policial nos jornais recifenses. Os desdobramentos didático-pedagógicos desta iniciativa de Luiz Beltrão seriam muitos e, posteriormente, seriam reconhecidos como “a implementação da pesquisa científica em comunicação”, como atestam José Marques de Melo e Cristina Gobbi. (1999, p.171).

Primeiramente os alunos desenvolveram um levantamento sobre os principais centros de informação da reportagem policial, ou seja, a própria polícia civil e militar, o sistema assistencial público e os juízos e cortes da justiça criminal.

A estrutura desses centros de informações foi mapeada e organizada pelos alunos em fichário com dados completos sobre suas finalidades, regulamento, pessoal, material de que dispõe, horários de expediente, facilidades concedidas ao trabalho jornalístico etc.

Beltrão expõe aos alunos as normas gerais para a cobertura dos fatos policiais traçando, como de costume, um manual didático para o desenvolvimento da tarefa do jornalista. Defende ele que o setor policial é benéfico para o aprendizado do jornalismo.

O setor policial é, pois, uma escola prática da profissão. Ali, o jornalista estreante aprende a distinguir e analisar os fatos, selecioná-los, valorizá-los; ali, adquirirem o senso de responsabilidade, desenvolvem a perspicácia, praticam normas psicológicas, conhecem, enfim, a vida em todos os seus aspectos: o trágico, o cômico, o amargo e o terno, sacrifícios, heroísmos, egoísmos, ódios, amores, indiferença, crueldade, malícia, concupiscência, nobreza, gratidão – toda a gama das virtudes e defeitos humanos (BELTRÃO, 1963, p.115).

Emprega os conceitos teóricos nos exercício de fixação como os de análise dos fatos policiais divulgados no jornal-cobaia para indicação das fontes em que foram obtidos, possíveis supressões de dados essenciais.



Em um recurso extraclasse, leva seus alunos das 2ª e 3ª séries para uma visita a um departamento ou serviço policial, assistencial ou judiciário. A missão deles é ouvir uma conferência da autoridade competente e recolher os dados necessários ao perfeito conhecimento da respectiva base de informação.

Beltrão também repassa a seus alunos de forma detalhada as normas específicas de conduta para o trabalho de repórter diante de homicídios e suicídios.

Propõe (1963, p.119) então exercícios de “decomposição dos elementos básicos e secundários das notícias de homicídios e cenas de sangue inseridas no jornal-cobaia”.

Como tarefa, Beltrão institui o que Marques de Melo (1974, p.42) chamou de experiências pedagógicas singulares.

Reconstituição atualizada de notícias de crimes famosos, históricos, mediante “cobertura” através de pesquisa em biografias ou livros relatando processos famosos, advertindo-se os alunos para não adiantarem detalhes que somente mais tarde foram descobertos e divulgados. A reportagem deve ser feita como se os fatos fossem presenciados ou apurados pelo jornalista no momento oportuno e devessem ser divulgados num hipotético jornal da localidade onde se registrou o delito, no dia seguinte ao fato. (EXEMPLO no anexo: Atentado e morte do presidente Lincoln, ocorrido em 14 de abril de 1865, em Washington, DC) - Sugestões: assassinatos de Júlio Cesar, Marat, Trotzky, personalidades da história de cada país, da literatura e das artes, sobre os quais haja bibliografia (BELTRAO, 1963, p.119).

Da mesma forma procedeu a análise, decomposição dos elementos básicos secundários e crítica de notícias de suicídio publicados na imprensa local e, também, a atualização do noticiário de suicídio de personagens históricos.

Os aportes didático-pedagógicos de Luiz Beltrão para a consecução da pesquisa sobre a reportagem policial conduziram os alunos a experiências múltiplas no ensino do jornalismo.

Finalizando a segunda e última etapa do curso do Ciespal, a sexta conferência desse módulo na Aplicação de Métodos Expositivo – Analítico retrata a Crônica: morfologia, natureza, técnica de redação.

Para abordar a função psicológica da opinião e o seu exercício no jornal, Beltrão resgata os conceitos teórico-filosóficos desenvolvidos no seu livro de estreia: Iniciação à Filosofia do Jornalismo. Fala então sobre a opinião do jornalista em razão da sua formulação de juízo no processo de tratamento do fato.

Beltrão (1963, p.122) defende que “a opinião é sempre o primeiro passo para a ação. O indivíduo, enquanto está sendo informado, permanece em atitude passiva: firmado o seu julgamento, nasce-lhe uma tendência para agir”.

Ensina também que a opinião expressa nos jornais visa contribuir com a formação da opinião pública. Dentre os que fazem profissão de opinar no jornal está a figura do cronista e sua missão.

O comentarista ou cronista, tendo diante de si as notícias já manufaturadas, entra em ação: o seu espírito reage ante o fato narrado. Examina-o detidamente, situando os fatores que o produziram. Apreende-lhe o significado social. Pesa os seus efeitos e repercussão. Em seguida, escreve para transmitir ao leitor ideias, raciocínios e conclusões, mediante os quais busca conquistar-lhe a adesão e estimular-lhe a ação (BELTRAO, 1963, p.122).

Mas há no jornal ao menos três correntes de opinião que se manifestam em suas páginas, quais sejam: a do editor, a do jornalista e a do leitor. Beltrão faz o detalhamento das características e peculiaridades das manifestações de opinião de cada um situando sua importância no contexto jornalístico.

Em um segundo momento, para desenvolver o tema A crônica, meio de expressão do jornalista faz uma síntese envolvendo o conceito, as características e a classificação dessa modalidade.

À época, para Beltrão (1963, p.122), “a crônica é a forma de expressão do jornalista para transmitir ao leitor o seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos pessoais ou coletivos”.

A variedade de temas caracteriza diferentes tipos de crônica sendo classificadas quanto à natureza do assunto como: crônica geral, crônica local ou crônica especializada; e quanto ao tratamento dado ao assunto como: analítica, sentimental satírico-humorística. Beltrão elucida cada um desses tipos.

Discorre sobre a estrutura da crônica e as etapas do trabalho criador do cronista e, por fim, relata os processos de redação da crônica. Todos os conceitos teóricos abordados são trabalhados pelos alunos na ação didática proposta por Beltrão em exercícios para identificar e classificar as crônicas divulgadas no jornal-cobaia ou lidas em aula.

Em outra situação pedagógica, propõe o mestre que “os alunos recebem um tema e o esquematizam, a fim de dominá-lo e regê-lo, mediante a aplicação das normas práticas e éticas de supressão (seleção) de matéria jornalística”. (BELTRÃO, 1963, p.127).

Sobre a redação, Beltrão realiza um teste em classe: os alunos manifestam sua aceitação ou recusa de tese exposta e conclusões alcançadas por uma determinada crônica.

O curso ministrado por Luiz Beltrão no Ciespal foi posteriormente transformado em apostila e, mais recentemente, traduzido para o português e publicado em formato de livro “Metodologia do ensino de Jornalismo – Luiz Beltrão” sob a organização de José Marques de Melo, Rose Mara Vidal de Souza e Eduardo Amaral Gurgel.

O sucesso do curso do Ciespal demonstrando a pedagogia do jornalismo desenvolvida por Luiz Beltrão justifica o empenho na difusão dos ensinamentos de Luiz Beltrão para as futuras gerações de jornalistas.

## **8 – ICINFORM – Pioneirismo na Pesquisa**

Revigorado pelo contato com Ciespal onde “se abasteceu de ideias para atualizar e contextualizar sua ação pedagógica, alinhando-a com as tendências emergentes dos principais centros metropolitanos”, Luiz Beltrão cria o Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM –, organismo vinculado ao Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP (MARQUES DE MELO, 1985, p.65).

“Sua instalação oficial ocorreu no dia 13 de dezembro de 1963, durante a formatura da primeira turma de Bacharéis em Jornalismo da UCP”, conta-nos José Marques de Melo (1974, p.43), que, como aluno, participou da inauguração.

“Fundado como uma sociedade civil, para reunir professores, alunos, ex-aluno e outros interessados nos estudos de comunicação” o ICINFORM, segundo o Professor Roberto Benjamim (1998, p.72) “deveria converter-se em mecanismo de superação das limitações financeiras e administrativas do curso [...]”.

Segundo o próprio Beltrão (2006, p.241), o Instituto “nasceu do desejo expresso pela primeira turma de bacharéis em jornalismo saída desta Universidade, de não perder o contato com este centro de ensino, pesquisa e formação [...]”.

Samantha Castelo Branco (1999, p.200) traz as prioridades do órgão: “investigação científica da informação, especialmente a coletiva, treinamento e aperfeiçoamento de profissionais, difusão de estudos relacionados com a ciência da informação e realização de estudos de uma teoria geral das ciências da informação”.

Assim, o pioneirismo de Luiz Beltrão acaba por estabelecer um projeto pedagógico inovador ensinando a seus alunos o exercício da pesquisa científica sobre os fenômenos da comunicação coletiva.

O ICINFORM constituiu, assim, a primeira entidade, dentro da estrutura universitária brasileira, a se dedicar aos problemas de comunicação em termos mais amplos, não limitados ao Jornalismo. Seu papel renovador se fez sentir não apenas no Nordeste (onde passou a orientar novas iniciativas de ensino de jornalismo, surgidas na Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará), mas em todo o país, realizando pesquisas, dinamizando a metodologia de ensino das disciplinas instrumentais, promovendo atividades de extensão cultural e de aperfeiçoamento (MARQUES DE MELO, 1974, p.43).

A consolidação do tripé ensino-pesquisa-extensão viria com a realização do I Curso Nacional de Ciências da Informação como extensão nas férias, entre dezesseis de janeiro e quatro de março de 1965. Participaram do evento profissionais da imprensa, professores e alunos de jornalismo e de outras áreas afins. O evento dividiu-se em três partes: conferências, seminários e trabalhos de campo. Na ocasião foram discutidos desde temas específicos da área de comunicação até questões sobre a realidade socioeconômica do Nordeste. Nos trabalhos de campo foram desenvolvidas visitas exploratórias e de observação.

O sucesso do evento deu notoriedade nacional e internacional ao ICINFORM que, com o prestígio, “amplia a sua área de atuação influência participando da estruturação dos novos Cursos de Jornalismo que começavam a surgir” (NÓBREGA, 1999, p.161).

Em mais uma empreitada pioneira, Luiz Beltrão lança, por meio do ICINFORM, a primeira revista acadêmica de comunicação editada no Brasil denominada de Comunicação & Problemas.

O primeiro número, datado de março de 1965 trazia em seu conteúdo matérias, artigos, crônicas, notícias e ensaios.

Marques de Melo (1974, p.44) conta que a revista “permitiria alargar o interesse manifestado em Pernambuco pelo estudo dos fenômenos da comunicação de massa e particularmente do ensino das suas técnicas”.

Porém, Comunicação & Problemas teve circulação restrita até 1969, atingindo um total de 12 edições que contribuíram para a sistematização do ensino do jornalismo.

O ICINFORM ainda iria desenvolver uma série de projetos e pesquisas até que Beltrão se mudasse para Brasília e José Marques de Melo para São Paulo inviabilizando a manutenção do instituto.

Contudo, durante os anos de vida ICINFORM, Luiz Beltrão desenvolveu sólida pedagogia conformando ensino, pesquisa e extensão.

## 9 – A Folkcomunicação como ferramenta pedagógica

Com o aporte teórico e metodológico do Instituto de Ciências da Informação – ICINFOM – por meio do primeiro número da Revista Comunicações e Problemas, Luiz Beltrão publica, em março de 1965, um artigo sobre o ex-voto como veículo jornalístico.

Tal publicação é a primeira manifestação em revista científica do que mais tarde se configuraria como folkcomunicação.

Já nesta ocasião, acompanhava o pesquisador a predição de uma comunicação horizontal que coexistia com a comunicação tradicional, denominada vertical por privilegiar o ato comunicacional de baixo para cima.

No sistema de folkcomunicação, embora a existência e utilização, em certos casos, de modalidades e canais indiretos e industrializados (como emissões desportivas pela TV, canções gravadas em disco ou mensagens impressas em folhetos ou volantes), as manifestações são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, enquanto seu processo de difusão se desenvolve horizontalmente, tendo-se em conta que os usuários característicos recebem as mensagens através de um intermediário próprio em um dos múltiplos estágios de sua difusão. A recepção sem este intermediário só ocorre quando o destinatário domina seu código e sua técnica, tendo capacidade e possibilidade de usá-lo, por sua vez, em resposta ou na emissão de mensagens originais (BELTRÃO, 1980, p. 27).

Em 1967, o pesquisador então defende sua tese de doutorado na Universidade de Brasília sob o título: Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias, publicada em 1971 pela Editora Melhoramentos.

Dando continuidade ao pensamento comunicacional, outra obra de Luiz Beltrão (2004, p.9) “onde estão definidos os pressupostos técnicos dessa linha de pesquisa”, é o livro Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados, também transformada em livro pela editora Cortez no ano de 1980.

O primeiro estudo com base bibliográfica e estudo de campo visa delinear as diretrizes da folkcomunicação. Na obra seguinte, além de esclarecer os principais pontos da teoria da folkcomunicação, Beltrão expõe as expressões populares manifestadas pela cultura e o inconformismo dos grupos chamados marginalizados que se revoltam por meio de canais próprios de comunicação.

Não obstante, o autor relata que desde 1959 vinha se debruçando sobre os problemas que o levariam à pesquisa e conseqüente conformação de sua tese de folkcomunicação.

Como se informavam as populações rudes e tardes do interior de nosso país continental? Por que meios, por quais veículos manifestavam o seu pensamento, a sua opinião? Que espécie de jornalismo, que forma – ou formas – atenderia à sua necessidade vital de comunicação? Teria essa espécie de intercâmbio de informações e ideias algo em comum, com o jornalismo, que passei a classificar de ortodoxo? E não seria uma ameaça à unidade nacional, aos programas desenvolvimentistas, aos nossos ideais políticos e à mesma sobrevivência do homem brasileiro, como tipo social definido, o alheamento em que nós, jornalistas enigmática [sic], que é a comunicação sub-reptícia de alguns milhões de cidadãos alienados do pensamento das elites dirigentes? (BELTRÃO, 2004, p.41).

Desta forma, responde às emblemáticas questões formulando a teoria da Folkcomunicação como: “[...] o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias, atitudes da massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2004, p.47).

Ressalta a importância da intermediação dos processos de recepção das mensagens midiáticas. A esses agentes de comunicação social no sistema da comunicação popular Beltrão denomina Agentes da Folkcomunicação.

Ao defender sua tese, Luiz Beltrão sistematizou suas reflexões sobre os nexos entre o jornalismo e o folclore, aqui anotados pela ótica de um de seus discípulos, o pesquisador José Marques de Melo.

Além das etapas de difusão midiática (jornal e televisão) e da decodificação grupal (lideranças eventuais), ele identifica uma complementaridade de sistemas comunicacionais. Numa ponta, o sistema de comunicação massiva; na outra, os grupos primários, receptores das mensagens midiáticas. Interpondo-se entre os dois, Beltrão reconhece um sistema “mediador” que caracterizou como folkmediático (MARQUES DE MELO, 2000, p.230).

Para a conformação das bases da folkcomunicação como uma nova disciplina no âmbito das Ciências Sociais, Marques de Melo ainda retrata o sistema pelo qual se legitima a tese de Beltrão.

Trata-se dos processos de comunicação popular, preservados pelas comunidades rústicas do Brasil rural e dos subúrbios metropolitanos (festas, folguedos, repentes, literatura de cordel), que operam como recodificadores das mensagens da grande mídia. Eles não apenas reciclam a linguagem, mas intervêm no conteúdo das mensagens, reinterpretando-as segundo os padrões de comportamento vigentes nesses agrupamentos periféricos (MARQUES DE MELO, 2000, p.230).

De tal modo, a Folkcomunicação se consolidou como uma teoria da comunicação genuinamente brasileira fundamentada em questões éticas e epistemológicas com contributos teóricos e paradigmáticos para a Escola Latino Americana de Comunicação.

Vários autores que retrataram a obra de Luiz Beltrão utilizaram conceitos funcionalistas. Vejamos a visão do pesquisador Antonio Hohlfeldt que para tal assertiva ditou:

Como se sabe, a partir dos anos 50, e especialmente a partir dos anos 60, do século passado, Luís Beltrão desenvolveu e aprofundou sua perspectiva a respeito da folkcomunicação, não só como uma adaptação, quanto uma transposição aplicada de princípios da teoria funcionalista norte-americana, a partir de dois pressupostos básicos: a existência de um duplo fluxo informacional e a importância de líderes de opinião (HOHLFELDT, 2004, p.61-62).

Em princípio, Beltrão estuda as brechas deixadas de lado pelos investigadores de comunicação que, até então, ignoravam ou não tinham percebido a função dos agentes comunitários nas redes de comunicação interpessoais nos seus grupos de referência.

Ele percebe então que, na Folkcomunicação, o fluxo comunicacional se dá em múltiplas etapas, não dependendo assim da ação persuasiva dos seus agentes comunitários, destoando assim do modelo de Lazarsfeld e Katz.

Esta é a transposição acentuada por Hohlfeldt também compartilhada pelos autores que se debruçam sobre os estudos folkcomunicacionais.

É o que aponta o pesquisador José Marques de Melo ao demonstrar empiricamente que o fluxo comunicacional em duas etapas assumia uma complexidade maior no caso brasileiro

Além das etapas de difusão midiática (jornal, televisão) e da decodificação grupal (lideranças entuais) ele identifica uma complementaridade de sistemas comunicacionais. Numa ponta o sistema de comunicação massiva; na outra, os grupos primários, receptores das mensagens midiáticas. Interpondo-se entre os dois, Beltrão reconhece um sistema “mediador” que ele denominou como folkmidiático (MARQUES DE MELO, 2008, p.61-62).

Também da corrente funcionalista, Beltrão se ocuparia especialmente dos princípios estudados pelo teórico Wilbur Schramm e sua obra “Proceso y efectos de la comunicación colectiva”, publicada pelo CIESPAL no ano de 1964. Beltrão (2004, p.76) considera que “a diferença do processo do diálogo interpessoal/intergrupalo direto, a industrialização da

mensagem massiva não permite a imediata correção, reformulação ou adequação à capacidade receptiva do indivíduo que a consome”.

Essa dificuldade, segundo o pesquisador, leva o receptor a “procurar uma conexão com um grupo ou grupos com que se acha relacionado [...] para obter esclarecimento”.

Essas considerações inspiraram Schramm a construir um modelo de difusão da comunicação de massa, representado por uma tuba, segundo o qual o comunicador (editora, rádio ou tele-emissora, produtora cinematográfica, etc.) envia mensagens idênticas por um meio apropriado. Os receptores são indivíduos, cada um decodificando, interpretando, retransmitindo, discutindo a informação com seu grupo, do que resulta uma reinterpretação e a produção de uma opinião de grupo e, talvez, de uma ação comunicacional de retorno (feedback) que irá alimentar o diálogo com o órgão emissor (BELTRÃO, 2004, p.76).

O modelo de múltiplas etapas de comunicação formulado por Schramm influencia sobremaneira na formulação do modelo da folkcomunicação e, assim, Beltrão prossegue seus estudos com base neste paradigma transportando a realidade latino-americana para a realidade brasileira e nordestina.

Pesquisas mais recentes ampliaram a hipóteses do fluxo de comunicação: não se trata apenas de uma difusão em dois estágios, dos meios por intermédios dos líderes, para o público sob sua influência, mas, antes, em múltiplos estágios, compreendendo meios, líderes com seu grupo mais íntimo, líderes com outros líderes e, afinal, com a grande audiência folk (BELTRÃO, 2004, p.79).

Desta forma, para além da concepção de Lazarsfeld sobre o papel importante dos líderes de opinião, Beltrão traça um perfil do que ele denomina Agentes da Folkcomunicação.

Neste cenário, o agente folk seria o líder de opinião dos grupos sociais que, por vezes, não conseguem entender certa linguagem e o significado mais profundo da informação transmitida.

Graças a suas características de liderança e a sua capacidade interpretativa da informação, esse receptor distinguido se transforma (muitas vezes depois de consultar outras fontes, líderes e meios) em comunicador para uma audiência que o procura e o entende, já que emprega veículos (meios de folk) que, ainda se massivos (como o rádio ou impressos do tipo de folhetos e volantes), lhe são acessíveis e familiares (BELTRÃO, 2004, p.79).

Constata-se assim a importância do líder de opinião como mediador (inter) mediadores dos processos de recepção das mensagens midiáticas entre os meios massivos e a audiência da



folkcomunicação. O exposto acima também conforma o providencial aporte da teoria funcionalista norte-americana aos estudos da teoria da folkcomunicação.

Como exemplo típico do pensador da Escola Latino Americana de Comunicação – ELACOM – Luiz Beltrão procede sincréticamente – como diria Arthur Ramos – ou hibridamente – como prefere Canclini –, assimila conceitos funcionalistas quando estuda os fluxos comunicacionais, mas sua motivação para conceber a Teoria da Folkcomunicação ancora-se no conceito de “dinâmica” do folclore, que ele assimilou do pesquisador e folclorista, Edison Carneiro.

Luiz Beltrão, contudo, busca igualmente em Edison Carneiro a concretização de sua tese: Achava-se de acordo com a tese de EDISON CARNEIRO, segundo a qual “sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo”, fazendo-se através do folclore que é dinâmico, porque “não obstante partilhar, em boa percentagem, da tradição, e caracterizar-se pela resistência à moda (...) é sempre, ao mesmo tempo que uma acomodação, um comentário e uma reivindicação (Beltrão apud Carneiro, 1965, p. 2) (HOHLFELDT, 2009, p.101).

Na visão de Edison Carneiro tem-se o conceito de dinâmica cultural onde a recepção (consumo) se torna um lugar de construção de significado, não figurando como totalmente submissa à infraestrutura.

Tal postulado também se refletirá na Teoria da Folkcomunicação quando Beltrão compartilha a visão de Carneiro para explicar a atualização e resignificação das manifestações populares.

Desta forma a folkcomunicação ganha real importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular. Ela representa uma estratégia contra hegemônica das classes subalternas.

Com sua obra, o folclorista Edison Carneiro procurou dimensionar como as classes populares “resistem” ao impacto da mídia globalizada e logam preservar seus valores culturais. Luiz Beltrão respondeu a esses questionamentos com a Folkcomunicação.

Em outra ancoragem, partindo do conceito da Folkcomunicação, Antonio Hohlfeldt estabelece aproximações entre Paulo Freire e Luiz Beltrão.

O conceito de comunicação de mão dupla na Folkcomunicação estaria, segundo Hohlfeldt (2010, p.193) no “princípio dialógico defendido por Paulo Freire, ou seja: as massas populares não apenas recebem informações quanto expressam suas ideias. A comunicação se realiza, pois, plenamente, porque é de dupla mão, é dialógica”.

Senão vejamos o conceito de folkcomunicação que Beltrão desenvolve:

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez, conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 2001, p.168).

Atentamente Hohlfeldt anota a perspectiva horizontal adotada por Luiz Beltrão, que corresponde à mesma perspectiva de posicionamento semelhante entre aprendiz e mestre, defendida por Paulo Freire.

Desta forma e, guardadas as proporções, o esforço de Hohlfeldt mostra que, tanto Luiz Beltrão quanto Paulo Freire, cada qual com a sua “ferramenta”, trabalharam para a integração das populações marginalizadas. Beltrão com a ferramenta da Folkcomunicação.

Por todo o exposto acima, considera-se que a intenção de Luiz Beltrão, ao criar uma teoria da comunicação genuinamente brasileira, é a premissa que a Folkcomunicação funcione como uma ferramenta pedagógica.

## 10 – Manuais didático-pedagógicos

Além das contribuições para a teoria do jornalismo com o livro *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* e as *Apostilas Metodos em la enseñanza del periodismo e Técnica de Jornal*, “como desdobramento pedagógico e síntese de divulgação teórica” Beltrão “resgata toda a sua maturidade como professor de jornalismo e planeja uma trilogia didática”, comenta Marques de Melo (1985, p.67), ao apresentar a trilogia *A imprensa Informativa – Técnica da notícia e da reportagem no jornal diário*, *Jornalismo Interpretativo – Filosofia e Técnica* e *Jornalismo Opinativo*.

“Nesses manuais, construídos com sensibilidade educativa e competência profissional, ele traça um roteiro seguro e criativo para a aprendizagem dos processos de informação de atualidade pelos jovens jornalistas que se nutrem dos bancos universitários” (MARQUES DE MELO, 1985, p.67).

Aos olhos do editor Folco Masucci, **A Imprensa Informativa** é um livro didático de “técnica de jornal” que se ocupa da notícia e da reportagem do setor, ilustrando-se as lições com gráficos e fotografias, textos e exercícios práticos.

A preocupação de Luiz Beltrão (1969, p.11) com a formação cultural e técnica dos jornalistas arrancou-lhe uma consagração especial da obra que foi por ele dedicada “a todos os jornalistas e professores de jornalismo que [...] tem contribuído com o seu exemplo, suas lições e seus livros para o aprimoramento do nível cultural e profissional do homem de imprensa no Brasil”.

Resultado de cerca de dez anos de ensino e vinte e cinco de prática jornalística, Luiz Beltrão descreve “A imprensa informativa” como um manual destinado ao noticiário e ao repórter do jornal diário.

Ainda na introdução da obra, Beltrão aborda os problemas e a metodologia do ensino de jornalismo no Brasil.

Defensor da formação universitária, Beltrão (1969, p.26) também atribui a realização da obra “A Imprensa Informativa” como resultado da “[...] convicção de que se pode ensinar e aprender jornalismo na Universidade, e de que somente nela [...] é possível formar agentes da comunicação coletiva capacitados a responder aos reclamos do nosso país, em fase de afirmação no mundo civilizado”.

Tece “críticas ao que chama de “sérias dificuldades” à aplicação eficiente de métodos de ensino das técnicas de captação, redação e divulgação de notícias”. Nos quinze capítulos metodicamente dispostos, Beltrão traça um perfil da atividade jornalística em todas as suas nuances e, ao final de cada um deles, o autor dispõe textos, lista de leituras recomendadas e exercícios práticos.

**Jornalismo Interpretativo** é resultado de um curso de inverno em uma série de palestras ministradas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Segunda obra da tríade sobre gêneros jornalísticos de Beltrão – **Jornalismo Interpretativo: Filosofia e Técnica** – traz em seu bojo o conceito do autor sobre a propriedade da interpretação, sua pertinência e análises correlatas.

Essa identificação com o jornalismo interpretativo arrancou a Luiz Beltrão (1976, p.47) a confissão de que “a interpretação é uma das características básicas do jornalismo, o que vale dizer uma atitude de ofício do agente da informação de atualidade”.

Fechando a trilogia de Luiz Beltrão sobre gêneros, **Jornalismo Opinativo** aborda a função de opinar, exercida por diferentes agentes da mensagem. A obra apresentada em cinco capítulos divididos em grupos abordam temas como: Opinião, função vertical do jornalismo, A opinião impressa e seu controle, Opinião e política editorial, A opinião do jornalista e por fim, A opinião do leitor identificando as relações leitor-jornal.

No introito da obra, Beltrão destaca a importância da preparação de jornalistas a nível universitário e a deficiência dos Departamentos de Comunicação nas Universidades. Reclama da escassa bibliografia retratando a teoria e a prática do jornalismo brasileiro. Oferece então ao leitor *Jornalismo Opinitivo* onde “abordamos a nobre função de opinar, exercida pelos diferentes agentes da mensagem de atualidade, através do espelho multifacético da sociedade que é o jornal” (BELTRÃO, 1980, p.10).

Há também significativa contribuição para a teoria da comunicação na difusão do conhecimento da Folkcomunicação. Neste campo as contribuições estão sistematizadas nas obras **Comunicação e Folclore** e **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**, ambas frutos da tese defendida por Beltrão na Universidade de Brasília em 1967, tornando-se na ocasião, o primeiro doutor em comunicação do Brasil.

Depois, anota José Marques de Melo (1985, p.67) que a única tentativa de reunir trabalhos com a preocupação vulgarizadora está no livro **Sociedade de massa: comunicação & Literatura**.

De outra forma, o esforço de divulgação científica de Beltrão resultou em uma trilogia de manuais destinados aos que iniciam no campo da comunicação.

A trilogia sobre teoria da comunicação é composta pelos livros: **Fundamentos Científicos da Comunicação, Teoria Geral da Comunicação e Teoria da Comunicação de Massa** que completa o ciclo de produção do grande mestre Luiz Beltrão.

Todo o acuro do mestre Luiz Beltrão para com o ensino do jornalismo e da comunicação está enfeixado nessas obras que são, sem dúvida alguma, verdadeiros manuais pedagógicos.

## **11 – Facetas pedagógicas na UnB**

A crise da Universidade de Brasília, efeito direto do golpe de 64, foi a porta de entrada para Luiz Beltrão assumir o curso de jornalismo.

Como reflexo direto desta crise, Pompeu de Sousa, criador do projeto inovador e diretor da faculdade, foi o primeiro na lista quinze a serem afastados pelo regime militar.

Como forma de pressão, 233 professores encaminharam pedido de demissão. O governo, surpreendentemente, aceitou, gerando caos na Universidade.

O reconhecimento do trabalho de Beltrão na UNICAP foi determinante para que o Governo Castelo Branco o convidasse a assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

O convite para reorganizar a Faculdade de Comunicação de Massa da Universidade de Brasília, partiu do secretário de Imprensa do governo Castelo Branco, José Vamberto Assunção, amigo pessoal de Beltrão.

Sua transferência para a Universidade de Brasília (UnB) foi em 1965 permanecendo como diretor da Faculdade de Comunicação da UnB por três períodos letivos, cerca de 18 meses, até 1967.

Beltrão aceitou o papel de administrar o curso de Comunicação e, apesar das disputas políticas, tentou levar adiante seus projetos pedagógicos já testados na UNICAP.

Mesmo com todas as adversidades, conseguiu Luiz Beltrão dar prosseguimento a seu projeto didático-pedagógico para o ensino do jornalismo. Prova disso está no relato do pesquisador Roberto Benjamim.

Um Centro de Televisão Educativa, do Curso de Mestrado, a criação do Centro de Pesquisa da Comunicação Coletiva, a edição do Jornal Laboratório, a edição do livro 20 aulas de Publicidade, de Eugênio Malanga, a realização de pesquisas, uma das quais sob a coordenação do Prof. Ramiro Samaniego, e de um grande seminário sobre “A comunicação coletiva na sociedade Brasileira”, além da continuidade da revista Comunicações & Problemas (BENJAMIM, 1998, p.80).

Uma das facetas mais significativas da vida do mestre Luiz Beltrão seria concretizada na Universidade de Brasília: é nesta instituição que, no dia 26 de Junho de 1967, defende sua tese de doutoramento sobre Folkcomunicação, convertendo-se no primeiro Doutor em Ciências da Comunicação do Brasil.

No entanto, Beltrão não foi capaz de driblar as incompatibilidades geradas pelo contexto político da época da ditadura militar.

Em junho de 1967, Luiz Beltrão foi exonerado da direção da Faculdade de Brasília.

Após deixar a UnB, permaneceu no Planalto Central onde deu continuidade à sua pedagogia como professor-fundador do curso de Comunicação do Centro Universitário de Brasília, atualmente conhecido como UniCEUB, onde permaneceria por quinze anos. Assim, Luiz Beltrão concretizou sua pedagogia de jornalismo no Planalto Central.

Segundo José Marques de Melo (1985, p.65), Luiz Beltrão, conseguiu traçar estratégias pedagógicas que lhe valeram o título de “Renovador do Ensino do Jornalismo no

Brasil”, ratificado por sua obra e suas ações e sancionado, em dezembro de 1984, pela então ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz. Na cerimônia do I Curso de aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo, em São Paulo, a ministra fez a entrega da Medalha Comemorativa do Cinquentenário da Universidade de São Paulo ao professor Luiz Beltrão, homenageando-o como Pioneiro do Ensino de Jornalismo no país.

## CONCLUSÃO

O jornalista e professor Luiz Beltrão de Andrade Lima é uma das figuras mais paradigmáticas do campo da comunicação no Brasil e seu legado nunca esteve tão atual e nunca foi tão necessário para o pensamento de um jornalismo diferencial e abrangente, justificando o verdadeiro status de comunicação social.

Sua trajetória de vida profissional recheada de pioneirismos não deixa margem para dúvidas quanto a sua importância para o cenário comunicacional. A atuação de Beltrão nos veículos de comunicação de Pernambuco foi o princípio das lutas sociais tendo como pano de fundo a comunicação.

Ainda na década de 1950, enxergou Beltrão na comunicação uma obra por fazer e um fator determinante no desenvolvimento de seu país o que melhoraria a vida de todos. A ferramenta escolhida para se trabalhar nessa obra foi o jornalismo que Beltrão abraça por profissão e, posteriormente, como sacerdócio tornando-se professor. Jovem ainda entendeu que aprender a se comunicar e aprender as teorias, métodos e técnicas da comunicação lhe valeriam muito mais que um lugar ao sol.

A vocação de jornalista lhe parece inata e, desde seu primeiro contato com o jornal, sabia da necessidade premente de aprender e ensinar aquela arte. Dentro do jornal atende a essa necessidade como pode estudando bibliografia nacional e internacional tendo como complemento a prática. Neste contexto, Beltrão acaba não só por estudar a comunicação de forma teórica, mas, a assimilar de forma prática todos os seus desdobramentos.

Por conta da profissão e de seus princípios, começa então a militância que o levaria a outros países que estavam muito mais desenvolvidos no assunto da comunicação em comparação com o Brasil que engatinhava na questão. O engajamento na luta em favor da classe dos jornalistas profissionais foi intenso, mas Beltrão teria uma missão ainda maior: ensinar jornalismo.

Mesmo contra a vontade dos próprios jornalistas, Beltrão trava uma luta ferrenha para a institucionalização do ensino do jornalismo em nível superior no Brasil. À época das primeiras escolas de jornalismo no Brasil, Luiz Beltrão já possuía uma envergadura intelectual e invejável tirocínio nas técnicas de jornal. Os predicados lhe valeram um convite para iniciar sua prática didático-pedagógica como professor nos primeiros cursos do Nordeste

brasileiro. Essa ação beltraniana veio respaldada por um cabedal sistematizado no livro de estreia *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*.

O pensamento beltraniano sobre a comunicação e o jornalismo como ferramentas sociais determina a construção da *Pedagogia do Ensino do Jornalismo* de Luiz Beltrão. Vendo a importância da comunicação e dos jornalistas no contexto do desenvolvimento social brasileiro, Luiz Beltrão intensifica suas ações que desembocam na encruzilhada do ensino do jornalismo como vemos em sua obra.

A pedagogia beltraniana aparece no livro primeiro, clássico do jornalismo brasileiro trazendo um aporte teórico metodológico para o jornalismo que colabora imensamente para a sistematização do conhecimento na área. Mas, no introito da obra, o próprio Beltrão relata que seu conteúdo é fruto das teses defendidas em congressos de jornalistas no Brasil e no Exterior. Também se verifica que, parte dos aportes são conceitos apreendidos por Beltrão de bibliografia estrangeira. Fato que não causa nenhum demérito ou constrangimento ao autor, muito pelo contrário, na falta de bibliografia brasileira, o mesmo foi o pioneiro na sistematização do conhecimento, preenchendo assim uma das grandes lacunas do ensino do jornalismo. A partir dessas experiências, Beltrão se esmera na produção e sistematização de conhecimento sobre o campo jornalístico, trazendo sempre junto a prática que é, sem dúvida, seu grande diferencial.

Usando os aportes teórico-metodológicos apreendidos ao longo da bem sucedida carreira e, principalmente, colocando em prática as teorias, Luiz Beltrão desenvolve seu projeto pedagógico no Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. A pedagogia de Luiz Beltrão está exposta no livro “*Técnica de Jornal*” que reúne as aulas que ministrou na UNICAP no triênio 1961-1963. Como primeiro coordenador de curso de jornalismo do Brasil, Beltrão implanta uma série de experiências pedagógicas singulares em Pernambuco. Neste contexto, a conformação da teoria e da prática em Luiz Beltrão fica mais explícita com a invenção de sua ferramenta pedagógica: o jornal-cobaia. Assim, os conceitos teóricos das apostilas são empregados na prática. As técnicas de reportagem, entrevista ganham vida na prática dos alunos de Beltrão.

Suas experiências pedagógicas em Pernambuco são tão expressivas que lhe valem um convite para serem expostas em um curso ministrado no Ciespal – Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina. Fruto deste trabalho, a apostila do curso “*Metodos de la enseñanza de la técnica del periodismo*” é, sem dúvida, o maior repositório da Pedagogia de Luiz Beltrão. É um material mais que atual e que até hoje inspira a construção de currículos acadêmicos de boa parte dos quase 400 cursos de Jornalismo



espalhados pelo Brasil, sem falar da influência latino-americana, principalmente em países que tiveram formadores que passaram pelos bancos do CIESPAL. Nela estão contidas a teoria e a prática da técnica do jornalismo que Beltrão construiu ao longo das aulas ministradas em Pernambuco e nas experiências pedagógicas que levou a cabo com sua turma pioneira na UNICAP.

Outro importante passo da pedagogia beltraniana está no pioneiro Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM – que conforma o tripé pesquisa-ensino-extensão. Dessa iniciativa brotam experiências pedagógicas como o primeiro Curso Nacional de Ciências da Informação e o lançamento da primeira revista acadêmica de comunicação do Brasil: Comunicação & Problemas. Outro importante legado do ICINFORM é o pioneirismo de Luiz Beltrão na pesquisa em Comunicação. Ainda que em projetos embrionários, seus alunos da UNICAP desenvolveram e aplicaram pesquisas na área do jornalismo que renderam seus resultados.

Porém, a maior contribuição de Luiz Beltrão para com as teorias da comunicação foi a Folkcomunicação. Aqui aportada como ferramenta pedagógica de Luiz Beltrão, a Folkcomunicação serve para alcançar o princípio básico de sua luta: o acesso à comunicação à todas as pessoas indistintamente, principalmente dando voz e vez às classes subalternas, historicamente alijadas dos processos de educação e comunicação, o que Beltrão, em uma teoria folkcomunicacional denominou de marginalizados.

Com a crise na Universidade de Brasília – UnB –, Beltrão ainda conseguiu algum progresso didático-pedagógico, porém, o contexto político não permitiu que ele desse prosseguimento a seu plano. Beltrão daria continuidade à seu projeto didático-pedagógico como professor-fundador do curso de Comunicação do Centro Universitário de Brasília onde terminou

A bibliografia de Luiz Beltrão com mais de vinte livros publicados, é, em sua grande maioria, voltada ao ensino do jornalismo. Assim, os aportes pedagógicos estão sistematizados em sua obra de maturidade na trilogia didática A imprensa Informativa – Técnica da notícia e da reportagem no jornal diário, Jornalismo Interpretativo – Filosofia e Técnica e, ainda, o livro Jornalismo Opinativo. As obras se mostram como manuais práticos de jornalismo com exemplos e exercícios práticos.

Sobre a teoria da comunicação, vimos o esforço pedagógico de Luiz Beltrão em sistematizar o conhecimento através do livro Sociedade de massa: comunicação & Literatura, e da trilogia: Fundamentos Científicos da Comunicação, Teoria Geral da Comunicação e

Teoria da Comunicação de Massa que completa o ciclo de produção do grande mestre Luiz Beltrão. Também oferecem grande conhecimento aos que deles se ocuparem.

O que se denomina a Pedagogia de Luiz Beltrão, nada mais é do que os conceitos teóricos e a aplicação de práticas elaboradas pelo mestre com o intuito de ensinar de maneira simples, porém, respaldada por conceitos teórico-metodológicos, como se faz um jornalismo de verdade.

A contribuição de Luiz Beltrão para a geração e sistematização de conhecimento na área do jornalismo é incontestável.

Beltrão tem a continuidade de sua obra garantida com expoentes da área da comunicação que são seus discípulos como José Marques de Melo e Roberto Emerson Benjamim entre outros. É notório também que facetas pedagógicas de Luiz Beltrão estão impregnadas no trabalho desses continuadores/pensadores em seus programas de pós-graduação ensinando seus alunos num ciclo de aprendizagem.

Muitos trabalhos na área acadêmica tomam a pedagogia de Luiz Beltrão como suporte teórico-metodológico. Há, porém, um paradoxo em tudo isso: ao mesmo tempo que a relevância da Pedagogia de Luiz Beltrão é incontestavelmente para a disseminação do ensino do jornalismo, sua obra é pouco divulgada. Então, o que se procura com esse trabalho é um resgate da obra beltraniana para que as gerações futuras desfrutem desse conhecimento.

Guardadas as questões temporais, muitos dos conceitos criados por Beltrão em seus livros da década de 1960 ainda continuam vigentes e podem ajudar a elucidar questões sobre a teoria e prática do jornalismo.

Fica a certeza de que ainda há muito que se revelar da Pedagogia do Jornalismo do grande mestre Luiz Beltrão escondida nas entrelinhas de sua obra, principalmente sua atualização e aplicação para uma conjuntura do Século XXI, notadamente pelos desafios que passam atualmente o ensino do Jornalismo não só no Brasil, mas também em todas as partes do Mundo.

Mas isso Beltrão nos ensinará em outra oportunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do Ensino da Técnica de Jornal**. Quito: CIESPAL, 1963.

\_\_\_\_\_. **Técnica de jornal**: apostilas para a 1ª série do curso de Jornalismo. Recife: Inciform, 1964.

\_\_\_\_\_. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 1980.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

\_\_\_\_\_. **Memória de Olinda**. Olinda: Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco (Fiam); Centro de Estudos de História Municipal; Prefeitura Municipal de Olinda, 1996.

\_\_\_\_\_. **Teoria e prática do Jornalismo**. Adamantina; São Bernardo do Campo: FAI; Cátedra UNESCO de Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.

BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/FASA, 1998.

CASTELO BRANCO, Samantha. **Luiz Beltrão: da criação do ICINFORM à teoria da folkcomunicação**. *IV*: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (orgs). Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

CÁTEDRA UNESCO/UMESP DE COMUNICAÇÃO. **Comunicação no Brasil**: as ideias pioneiras de Luiz Beltrão. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional. nº 10, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

DUARTE, Jorge. **Luiz Beltrão, um autodidata abrindo picadas no campo da comunicação.** IN: MARQUES DE MELO, José; DUARTE, Jorge (orgs.). *Memória das ciências da comunicação no Brasil: Os Grupos do Centro Oeste.* Brasília: UniCeub, 2001.

DUARTE, Jorge. **Jornalista Luiz Beltrão, pioneiro em várias áreas.** Portal Luiz Beltrão – Metodista. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.biografias.htm>>. Acesso em: 10 de julho de 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<http://www.aurelio.com.br>>. Acesso em 20 de novembro de 2012.

GHIRALDELLI JR., P. O que é pedagogia. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HOHLFELDT, Antonio. Luiz Beltrão: do jornalismo à literatura. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.* v. 26, n. 1, jan/jun. São Paulo: INTERCOM, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Comunicação enquanto diálogo em Paulo Freire e Luiz Beltrão.** IN: FERREIRA, Giovandro Marcus. *Teorias da comunicação: trajetórias investigativas.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

\_\_\_\_\_. **A imagem da política e dos políticos na perspectiva da folkcomunicação: uma abordagem exploratória.** IN: Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional/Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Ano 8, nº 8, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cinquentenário de publicação de iniciação à filosofia do Jornalismo, de Luiz Beltrão.** Caxias do Sul: Revista Conexão, v. 9, n.18, jul./dez. 2010.

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

KELLY, Celso. **As Novas Dimensões do Jornalismo.** Rio: Agir, 1966.

KUNSCH, Margarida Krohling. **Prefácio.** IN: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (orgs.). *Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO.* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

LACERDA, Carlos. **A missão da imprensa.** Rio de Janeiro: Agir, 1950.

MARQUES DE MELO, José. **Estudos de jornalismo comparado.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.

\_\_\_\_\_. **Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação.** São Paulo: Paulinas, 1974.

MARQUES DE MELO, José; FADUL, Anamaria; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Trajectoria pedagógica de Luiz Beltrão.** *IN:* Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo: Intercom, v.8 (53), n.2, p. 65-70. jul./dez, 1985.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e modernidade:** o ensino e a pesquisa nas escolas de comunicação. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade ou anacronismo? Dilema do ensino de comunicação nos anos 90.** *IN:* KUNSCH, Margarida M. Krohling. O ensino de comunicação: análises, tendências e perspectivas. São Paulo: ABECOM; ECA/USP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da comunicação na América Latina:** reflexões sobre o gap indústria-universidade. São Bernardo do Campo, Revista Comunicação & Sociedade, [a.XII], n. 21, p. 105-120, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os primórdios do Ensino de Jornalismo.** *IN:* Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v.1, I, Nº 2, 2º Semestre de 2004.

\_\_\_\_\_. **A esfinge midiática.** São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Luiz Beltrão, renovador do ensino de jornalismo no Brasil.** Brasília: Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, v.1, n.1, p.26-40, abr./jul. 2007.

MARQUES DE MELO, José; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Luiz Beltrão:** pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa, São Paulo: Editora Universitária UFPB; INTERCOM, 2008.

MARQUES DE MELO, José; MORAIS, Osvando José de. (orgs.) **Luiz Beltrão: Folkcomunicação e classes sociais.** São Paulo: INTERCOM, 2011.

\_\_\_\_\_. **História do jornalismo** – itinerário crítico mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araujo. **Profissão jornalista:** responsabilidade social. Rio de Janeiro. Editora Forense-Universitária, 1982.

NÓBREGA, Maria Luiza. **ICINFORM: uma experiência pioneira**. *IN*: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (orgs). Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

NUZZI, Erasmo de Freitas. **40 anos de ensino de jornalismo no brasil: relato histórico**. *IN*: KUNSCH, Margarida M. Krohling. O ensino de comunicação: análises, tendências e perspectivas. São Paulo: ABECOM; ECA/USP, 1992.

RIZZINI, Carlos. **O ensino do jornalismo**. Rio de Janeiro: MEC, 1953.

ROMANCINI, Richard. **História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa**. *IN*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHULZE. I. A imprensa na Alemanha. In: QUINTERO. A. P. **História da Imprensa**. Lisboa. Planeta Editora, 1994

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

VIZEU, Alfredo. **Beltrão, os estudos e as teorias do Jornalismo**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v.30, n.1, p. 13-34, jan./jun. 2007.